A CLARIVIDÊNCIA

*CHARLES WEBSTER LEADBEATER

CONTEÚDO

Capítulo 1 O QUE É CLARIVIDÊNCIA

Capítulo 2 CLARIVIDÊNCIA SIMPLES: INTEGRAL

Capítulo 3 CLARIVIDÊNCIA SIMPLES: PARCIAL

Capítulo 4 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: VOLUNTÁRIA

Capítulo 5 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: SEMIVOLUNTÁRIA

Capítulo 6 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: INVOLUNTÁRIA

Capítulo 7 CLARIVIDÊNCIA TEMPORAL: O PASSADO

Capítulo 8 CLARIVIDÊNCIA TEMPORAL: O FUTURO

Capítulo 9 MÉTODOS DE DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO 1
O QUE É CLARIVIDÊNCIA

Clarividência não significa nada mais do que "visão clara", e é uma palavra que tem sido muito mal-usada, e mesmo degradada por ser empregada para descrever a impostura dos charlatães dos shows de variedades. Mesmo em seu sentido mais restrito ela abarca um largo espectro de fenômenos, diferindo tão grandemente em caráter que não é fácil dar uma definição da palavra que ao mesmo tempo seja sucinta e precisa. Tem sido chamada de "visão espiritual", mas nenhuma interpretação poderia ser mais enganosa que esta, pois na vasta maioria dos casos não há nenhuma faculdade associada que mereça a honra de uma denominação tão elevada.

Para o propósito deste tratado podemos, talvez, definí-la como o poder de ver o que está oculto à visão física ordinária. Definiremos igualmente que muitíssimas vezes (mas nem sempre) é acompanhada do que é chamado

clariaudiência, ou o poder de ouvir o que seria inaudível ao ouvido físico comum; e por enquanto tomaremos nosso título como cobrindo igualmente esta faculdade, a fim de evitar o incômodo do perpétuo uso de duas longas palavras onde basta uma.

Deixe-me esclarecer dois pontos antes de iniciar. Primeiro, não estou escrevendo para aqueles que não acreditam que haja uma coisa como a clarividência, nem estou procurando convencer os que têm dúvidas sobre a matéria. Em trabalho tão acanhado como este não disponho de espaço para isso; tais pessoas devem estudar os muitos livros contendo relações de casos, ou fazer experimentos por si mesmas ao longo das linhas do mesmerismo. Dirijo-me às classes mais instruídas que sabem que a clarividência existe, e estão suficientemente interessadas no assunto para alegrarem-se com a informação sobre seus métodos e possibilidades; e garanto a elas que o que escrevo é resultado de estudo e experimentação muito cuidadosos, e que mesmo que alguns destes poderes que descreverei possam lhes parecer novos e maravilhosos, não menciono um sequer de que eu mesmo não haja visto exemplos.

Segundo, ainda que eu deva tentar evitar até onde possível especificidades técnicas, mas esteja escrevendo principalmente para estudantes de Teosofia, por vezes me colocarei à vontade para usar, por amor à brevidade e sem explicação detalhada, a usual terminologia Teosófica que posso seguramente presumir que lhes é familiar.

Caia este documento em mãos de qualquer um a quem o uso ocasional destes termos constitua uma dificuldade, só posso desculpar-me com ele e remetê-lo, para explanações preliminares, a qualquer trabalho Teosófico básico, como Ancient Wisdom (A Sabedoria Antiga), ou Man and his Bodies (O Homem e seus Corpos), da Srª. Besant. A verdade é que todo o sistema Teosófico está tão unificado, e suas partes são tão interdependentes, que dar uma explanação completa de cada termo usado necessitaria de um exaustivo tratado Teosófico à guisa de prefácio, mesmo para este breve relato sobre a clarividência.

Antes que uma explanação detalhada da clarividência possa ser utilmente tentada, entretanto, será necessário devotarmo-nos brevemente a algumas considerações preliminares, a fim de que possamos ter claramente na mente alguns poucos fatos genéricos como os diferentes planos onde a visão clarividente pode ser exercitada, e as condições que tornam possível seu exercício.

É-nos constantemente assegurado na literatura Teosófica que todas essas faculdades superiores logo devem tornar-se a herança da humanidade em geral - que a capacidade para a clarividência, por exemplo, existe latente

em todos nós, e aqueles em quem já se manifesta, neste particular simplesmente já estão um pouquinho mais avançados que o restante de nós. Agora, esta declaração é verdadeira, mesmo que pareça muito vaga e irreal para a maioria das pessoas, simplesmente porque consideram tal faculdade como algo absolutamente diferente de tudo que já experimentaram, e sentem-se bastante seguras de que elas próprias, de qualquer modo, não estão nem um pouco perto de desenvolvê-las.

Pode ajudar a dissipar este sentimento de irrealidade se tentarmos entender que a clarividência, como tantas outras coisas na Natureza, é principalmente uma questão de vibrações, e de fato não é nada além de uma extensão dos poderes que todos nós já usamos em todos os dias de nossas vidas. Vivemos todo o tempo rodeados de um vasto oceano de ar e éter misturados, este interpenetrando aquele, como o faz a toda matéria física; e é principalmente por meio das vibrações neste vasto mar de matéria que nos chegam impressões de fora. Isso tudo já sabemos, mas talvez jamais tenha ocorrido à maioria de nós que o número das vibrações a que somos capazes de responder é realmente quase insignificante.

Dentre as vibrações extremamente rápidas que afetam o éter há uma pequena faixa - uma faixa muitíssimo estreita - à qual a retina do olho humano é capaz de responder, e estas vibrações peculiares produzem em nós a sensação que chamamos de luz. Isto é, somos capazes de ver somente aqueles objetos dos quais luz daquele determinado tipo pode ser emitida ou refletida.

Exatamente do mesmo modo o tímpano do ouvido humano é capaz de responder a uma certa faixa muito estreita de vibrações comparativamente lentas - lentas o bastante para afetar o ar que nos cerca, e assim os únicos sons que podemos ouvir são aqueles produzidos por objetos que podem vibrar em alguma das freqüências dentro desta faixa especial.

Em ambos os casos é uma matéria perfeitamente bem conhecida pela ciência que há uma grande número de vibrações tanto acima quanto abaixo daquelas duas faixas, e que conseqüentemente há muita luz que não podemos ver, e há muitos sons a que nossos ouvidos são surdos. No caso da luz a ação destas vibrações mais altas e mais baixas é facilmente perceptível nos efeitos produzidos pelos raios actínicos [a luz ultravioleta. O chamado actinismo é o efeito químico produzido por esta freqüência de vibração luminosa sobre determinados compostos químicos - NT] numa das extremidades do espectro, e pelos raios de calor [a vibração, ou luz, infravermelha - NT] na outra extremidade.

É pacífico que existem vibrações de todos os graus concebíveis de rapidez, preenchendo todo o vasto intervalo entre as lentas ondas sonoras e as

rapidíssimas ondas de luz; tampouco isso é tudo, pois existem indubitavelmente vibrações mais lentas que as do som, e toda uma infinidade delas são mais rápidas que as que conhecemos como luz. De modo que assim começamos a entender que as vibrações pelas quais vemos e ouvimos são apenas como dois pequeninos grupos de poucas cordas selecionadas de uma enorme harpa, de extensão praticamente infinita, e quando pensamos no quanto temos sido capazes de aprender e inferir pelo uso só destas diminutas porções, veríamos vagamente quais possibilidades poderiam estar à nossa frente se fôssemos habilitados a utilizar o vasto e maravilhoso todo.

Um outro fato que merece ser considerado nesta linha é que os diferentes seres humanos variam consideravelmente, ainda que relativamente dentro de estreitos limites, em suas capacidades de responder mesmo às pouquíssimas vibrações que estão dentro do alcance de nossos sentidos físicos. Não me refiro à acuidade visual ou auditiva que possibilita a um homem ver objetos menores ou ouvir sons mais tênues que um outro; não é afinal uma questão de força visual, mas de uma extensão na amplitude da sensibilidade.

Por exemplo, se alguém tomar um bom prisma de bissulfito de carbono, e por seu intermédio fizer projetar um espectro luminoso nítido sobre uma folha de papel branco, e então solicitar a diversas de pessoas para que assinalem no papel os limites extremos do espectro assim como lhe aparecem, quase certamente descobriria que seus poderes de visão diferem apreciavelmente. Alguns veriam o violeta se estendendo muito mais longe que a maioria; outros talvez vissem muito menos violeta que os demais, mas possuíssem uma correspondente extensão visual no lado do vermelho. Alguns poucos, talvez, pudessem ver mais longe que o normal em ambas as extremidades, e estes quase certamente seriam o que chamamos de pessoas sensitivas - sensíveis de fato a uma amplitude maior de vibrações do que o são a maioria dos homens de hoje.

Na audição a mesma diferença pode ser testada tomando-se um som apenas alto o suficiente para ser quase audível - nas margens da audibilidade - e descobrindo quantas pessoas dentre um certo grupo seriam capazes de ouvi-lo. Os guinchos do morcego são um exemplo familiar de tal som, e a experiência mostrará que num anoitecer de verão, quando todo o ar está repleto dos gritos agudos e penetrantes destes animaizinhos, a grande maioria dos homens estará absolutamente inconsciente deles, e incapaz de ouvir qualquer coisa.

Assim estes exemplos claramente demonstram que não há limite imutável no poder de resposta humana seja a vibrações etéricas seja às aéreas, mas que alguns dentre nós já têm este poder em maior extensão que outros; e mesmo veremos que a capacidade do mesmo homem varia em diferentes

ocasiões. Não é portanto difícil para nós imaginar que seria possível para um homem desenvolver este poder, e assim no devido tempo aprender a ver muito do que é invisível a seus semelhantes, e ouvir muito do que lhes é inaudível, já que sabemos perfeitamente bem que imenso número destas vibrações extras existem, e estão simplesmente, de fato, esperando reconhecimento.

As experiências com os Raios-X nos dão um exemplo dos assombrosos resultados que são produzidos quando mesmo um pequeno número dessas vibrações são trazidas para dentro do alcance humano, e a transparência, a estes raios, de muitas substâncias até então consideradas opacas, de imediato nos mostra pelo menos uma via pela qual podemos explicar esta clarividência elementar que está envolvida na leitura de uma carta dentro de uma caixa fechada, ou na descrição das pessoas presentes em alguma sala contígua. Aprender a ver através dos Raios-X em acréscimo àqueles ordinariamente empregados será o bastante para habilitar qualquer um a executar um feito de mágica deste tipo.

Fomos tão longe assim na imaginação tratando apenas de uma extensão dos sentidos puramente físicos do homem; e quando lembramos que o corpo etérico do homem é na realidade meramente a parte mais rarefeita de sua moldura física, e que portanto todos os seus órgãos dos sentidos contêm uma grande quantidade de matéria etérica de vários graus de densidade, cujas capacidades estão ainda, na prática, só latentes na maioria de nós, veremos que mesmo se nos limitarmos a esta linha apenas de desenvolvimento já há enormes possibilidades de todos os tipos se abrindo diante de nós.

Mas ao lado e além disso tudo sabemos que o homem possui um corpo astral e um mental, cada um dos quais podem no decurso do tempo ser despertados para a atividade, e responderão por sua vez à matéria de seus próprios planos, abrindo assim diante do Ego, ao aprendermos a atuar através destes veículos, dois inteiramente novos e larguíssimos mundos de conhecimento e poder. Agora, estes dois mundos novos, ainda que estejam todos à nossa volta e livremente interpenetrem um ao outro, não devem ser pensados como distintos e inteiramente separados em substância, mas antes mesclando-se um no outro, o astral inferior formando uma seqüência direta com o físico mais elevado, assim como o mental inferior forma uma seqüência direta com o astral superior. Não somos instados a pensar neles para imaginar algum tipo novo e estranho de matéria, mas simplesmente a pensar na do tipo físico normal como se rarefeita tão mais finamente e vibrando tão mais rápido que nos introduz a condições e qualidades inteiramente novas.

Portanto não nos é difícil captar a possibilidade de constante e progressiva

extensão de nossos sentidos, de modo que tanto pela visão como pela audição possamos ser capazes de apreciar vibrações muitíssimo mais elevadas e muitíssimo mais baixas do que aquelas que comumente são reconhecidas. Um amplo leque destas vibrações adicionais ainda pertencerá ao plano físico, e meramente nos capacitará a obter impressões da parte etérica daquele plano, que no presente nos é como um livro fechado. Tais impressões ainda serão recebidas pela retina do olho; é claro que afetarão sua matéria etérica antes que a sólida, mas poderemos não obstante considerá-las ainda se valendo de um órgão especializado para recebê-las, e não de toda a superfície do corpo etérico.

Há alguns casos anormais, entretanto, nos quais outras partes do corpo etérico respondem a estas vibrações adicionais tão rapidamente, ou mesmo mais, do que o olho. Tais aberrações são explicáveis de várias maneiras, mas principalmente decorrem de algum desenvolvimento astral parcial, pois será visto que as partes mais sensíveis do corpo quase invariavelmente correspondem a um ou outro dos chakrams, ou centros de vitalidade no corpo astral. Destarte, se a consciência astral ainda não estiver desenvolvida em seu próprio plano, estes centros podem não ser acessíveis em seu próprio plano, mas mesmo assim seriam fortes o bastante para estimular em mais aguçada atividade a matéria etérica que eles interpenetram.

Quando passamos a tratar dos sentidos astrais propriamente ditos os métodos de trabalho são muito diversos. O corpo astral não possui nenhum órgão sensório especializado - um fato que talvez necessite alguma explanação, uma vez que muitos estudantes que estão tentando compreender sua fisiologia parecem ter dificuldade de reconciliar-se com as declarações que têm sido feitas sobre a perfeita interpenetração do corpo físico pela matéria astral, a exata correspondência entre os dois veículos e o fato de que cada objeto físico tem necessariamente sua contraparte astral.

Porém todas estas declarações são verdadeiras, e ainda é bastante possível para as pessoas que normalmente não vêem o astral interpretá-las erroneamente. Cada tipo de matéria física tem sua ordem correspondente de matéria astral em constante associação a ela - não sendo separável exceto pela aplicação de considerável força oculta, e mesmo então somente para ser mantida à parte dela apenas enquanto a força estiver sendo definidamente exercida para esta finalidade. Mas de qualquer modo a relação das partículas astrais entre si é muito mais frouxa do que no caso de suas correspondentes físicas.

Numa barra de ferro, por exemplo, temos uma massa de moléculas físicas em estado sólido - isto é, capazes de comparativamente pouca alteração em suas posições relativas, ainda que cada uma vibre com imensa rapidez em sua própria esfera. A contraparte astral disso consiste no que muitas

vezes chamamos de matéria astral sólida - isto é, matéria do subplano mais baixo e mais denso do astral; mas de qualquer maneira suas partículas estão constante e rapidamente trocando suas posições relativas, movendo-se entre si tão facilmente como aquelas de um líquido no plano físico poderiam fazer. De modo que não há nenhuma associação permanente entre qualquer partícula física e aquela quantidade de matéria astral que em qualquer momento dado estiver atuando como sua contraparte.

Isto é verdade também no que concerne ao corpo astral humano, que para o nosso propósito atual podemos considerar como consistindo de duas partes - a agregação mais densa que ocupa a posição exata do corpo físico, e a nuvem de matéria astral mais rarefeita que rodeia aquela agregação. Em ambas as partes, e entre ambas, está havendo durante todo o tempo a rápida intercirculação das partículas que foram descritas, de modo que se alguém observa o movimento das moléculas no corpo astral lembra-se da aparência da água em plena fervura.

Sendo assim, deverá ser rapidamente compreendido que ainda que qualquer órgão do corpo físico deva sempre ter como sua contraparte uma certa quantidade de matéria astral, não retém as mesmas partículas por mais de poucos segundos a cada vez, e conseqüentemente não há nada correspondendo à especialização da matéria física nervosa dentro dos nervos ópticos ou auditivos, e assim por diante. De modo que mesmo que o olho ou ouvido físicos tenham indubitavelmente sempre sua contraparte de matéria astral, aquele fragmento particular de matéria astral não é mais (nem menos) capaz de responder às vibrações que produzem visão ou audição astrais do que qualquer outra parte do veículo.

Jamais deve ser esquecido que mesmo que constantemente tenhamos que falar de "visão astral" ou "audição astral" a fim de fazermo-nos compreender, tudo o que queremos significar com estas expressões é a faculdade de responder a tais vibrações para levá-las à consciência do homem, quando ele está atuando em seu corpo astral, informação do mesmo caráter da que lhe é veiculada por seus olhos e ouvidos enquanto está em seu corpo físico. Mas nas condições inteiramente diferentes do astral, órgãos especializados não são necessários para atingir-se este resultado; há matéria em todas as partes do corpo astral que são capazes de tal resposta, e conseqüentemente o homem atuando naquele veículo vê igualmente bem objetos atrás, abaixo e acima dele, sem precisar voltar sua cabeça.

Existe, porém, um outro ponto que dificilmente deixaríamos de tratar, e é a questão dos chakrams referida acima.

Estudantes Teosóficos estão familiarizados com a idéia da existência, tanto

no corpo astral do homem como no etérico, de certos centros de força que por sua vez devem ser vivificados pelo fogo serpentino à medida que o homem avança na evolução. Ainda que não possam ser descritos como órgãos no sentido comum da palavra, uma vez que não é através deles que o homem vê e ouve, como o faz na vida física através dos olhos e ouvidos, o poder de exercer estes sentidos astrais em grande medida depende da sua vivificação, e cada um deles ao se desenvolver dá a todo o corpo astral o poder de responder a uma nova gama de vibrações.

Tampouco estes centros possuem, contudo, qualquer coleção de matéria astral permanentemente ligada a eles. Eles são simplesmente vórtices na matéria do corpo - vórtices através dos quais todas estas partículas passam em vezes alternadas, talvez, à medida que forças mais elevadas de planos superiores pressionem o corpo astral. Mesmo esta descrição só dá uma idéia muito parcial de sua aparência, pois eles na verdade são vórtices quadridimensionais, de modo que a força que vem através deles e é a causa de sua existência parece provir de lugar nenhum. Mas de toda maneira, já que todas as partículas passam por sua vez por cada um deles, ficará claro que isso é possível para cada um alternadamente evocar em todas as partículas do corpo o poder de receptividade a certo espectro de vibrações, sendo que todos os sentidos astrais são igualmente ativos em todas as partes do corpo.

A visão do plano mental é também totalmente distinta, pois neste caso já não podemos falar em sentidos separados tais como visão e audição, mas antes temos de postular um sentido geral que responde tão integralmente às vibrações que lhe chegam que, quando qualquer objeto entra em seu campo cognitivo, de imediato compreende-o completamente, e é como se o visse, o ouvisse, o sentisse, e conhecesse tudo o que há para conhecer sobre ele numa única operação instantânea. Mas mesmo esta maravilhosa faculdade difere em grau somente, e não em espécie, daquelas que estão sob nosso comando no presente; no plano mental, exatamente como no físico, impressões ainda são veiculadas por meio de vibrações que viajam do objeto visto até quem o vê.

No plano búdico nos deparamos pela primeira vez com uma faculdade absolutamente nova que não tem nada em comum com aquelas de que já falamos, pois lá um homem conhece qualquer objeto através de um método inteiramente diverso, do qual já não fazem parte vibrações externas. O objeto se torna parte de si, e ele o estuda de dentro ao invés de fora. Mas com este poder a clarividência comum não tem nada a ver.

O desenvolvimento, seja integral seja parcial, de qualquer uma destas faculdades entraria em nossa definição de clarividência - o poder de ver o que está oculto à visão física ordinária. Mas essas faculdades podem ser desenvolvidas de várias formas, e será bom dizer umas poucas palavras

sobre estas diferentes linhas.

Podemos presumir que se fosse possível para um homem durante sua evolução isolar-se de tudo exceto das mais amenas influências exteriores, e desenvolver-se desde o início de modo perfeitamente regular e normal, provavelmente ele desenvolveria seus sentidos também numa sucessão regular. Ele veria seus sentidos físicos gradualmente estendendo sua amplitude até que respondessem a todas as vibrações físicas, da matéria etérica bem como da mais densa; Então em seqüência ordenada surgiria a sensibilidade à parte mais grosseira do plano astral, e logo a parte mais sutil também seria incluída, até que no devido tempo a faculdade do plano mental por sua vez despontasse.

Na vida real, contudo, um desenvolvimento assim tão regular dificilmente será alguma vez conhecido, e muitos homens têm lampejos ocasionais de consciência astral sem nenhum despertar da visão etérica. E esta irregularidade de desenvolvimento é uma das principais causas da extraordinária suscetibilidade do homem para o erro em matéria de clarividência - uma suscetibilidade para a qual não há escapatória exceto com um longo curso de cuidadoso treinamento sob um instrutor qualificado.

Os estudantes da literatura Teosófica estão bem cientes de que tais instrutores existem - e que mesmo neste materialista século XIX o antigo ditado é verdadeiro, de que "quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece", e que "no vestíbulo do aprendizado, quando é capaz de lá entrar, o discípulo sempre encontrará seu Mestre". Eles estão também bastante cientes de que somente sob tal direção é que um homem pode desenvolver seus poderes latentes com segurança e confiabilidade, uma vez que sabem o quão fatalmente fácil é para o clarividente destreinado iludir-se quanto ao significado e valor do que vê, ou mesmo absolutamente distorcer sua visão completamente ao trazê-la para sua consciência física.

Não se segue disto que mesmo o discípulo que esteja recebendo instrução regular no uso de seus poderes ocultos os verá se desdobrando exatamente na ordem regular que foi sugerida antes como um ideal. Seu progresso prévio pode não ter sido de modo a tornar este o caminho mais fácil ou o mais desejável; mas de qualquer maneira ele está nas mãos de alguém que é perfeitamente competente para ser seu guia no desenvolvimento espiritual, e ele fica perfeitamente seguro de que o caminho que está tomando será o melhor para si.

Uma outra grande vantagem que ele ganha é que quaisquer faculdades que possa adquirir ficam definitivamente sob seu controle e podem ser usadas plena e constantemente quando precisar delas para seu serviço Teosófico; enquanto que no caso do homem destreinado tais poderes freqüentemente

se manifestam só muito parcial e espasmodicamente, e parecem ir e vir, como se ao seu bel-prazer.

Pode ser objetado, com certa razão, que se a faculdade clarividente é, como foi dito, uma parte do desenvolvimento oculto do homem, e assim um sinal de certo nível de progresso ao longo daquela linha, parece estranho que freqüentemente seja possuída por pessoas primitivas, ou pelos ignorantes e incultos de nossa raça - pessoas que são obviamente muito subdesenvolvidas, de qualquer ponto de vista que as consideremos. Sem dúvida isso parece muito estranho à primeira vista; mas o fato é que a sensitividade do selvagem ou do grosseiro e vulgar europeu ignorante não é realmente em nada a mesma coisa que a faculdade de seu irmão treinado adequadamente, nem é atingida pelo mesmo caminho.

Uma explanação exata e detalhada da diferença nos conduziria a minúcias técnicas, mas talvez a idéia geral da distinção entre as duas possa ser captada a partir de um exemplo tirado do plano de clarividência mais baixo de todos, em estreito contato com o físico mais denso. O duplo etérico no homem está em uma relação extremamente íntima com seu sistema nervoso, e qualquer tipo de ação sobre um deles rapidamente reage sobre o outro. Mas na aparição esporádica de visão etérica no selvagem, seja da África Central seja da Europa Ocidental, tem sido observado que a correspondente perturbação nervosa está quase toda no sistema simpático, e que tudo está praticamente fora do controle do homem - de fato é uma espécie de sensação massiva pertencendo vagamente a todo o corpo etérico, antes do que uma sensopercepção exata e definida comunicada através de um órgão especializado.

Como nas raças mais novas, e a par do desenvolvimento superior, a força do homem esteja mais e mais direcionada para a evolução de suas faculdades mentais, esta vaga sensitividade usualmente desaparece; mas ainda mais tarde, quando o homem espiritual começa a desabrochar, recupera seu poder clarividente. A esta altura, entretanto, a faculdade é precisa e exata, está sob o controle da vontade do homem, e é exercida através de um órgão sensorial definido; e é digno de nota que qualquer ação nervosa desencadeada por ela em ressonância está quase toda restrita ao sistema cérebro-espinhal.

Sobre este assunto a Srª. Besant escreveu: "As formas inferiores de psiquismo são mais freqüentes em animais e seres humanos muito obtusos do que em homens e mulheres em quem os poderes intelectuais são desenvolvidos. Eles parecem estar conectados ao sistema simpático, não com o cérebro-espinhal. As grandes células nucleadas ganglionares neste sistema contêm uma enorme proporção de matéria etérica, e por isso são mais facilmente afetadas pelas vibrações astrais mais rudes do que o são as células cuja proporção é menor. À medida que o sistema cérebro-

espinhal se desenvolve, e o cérebro se torna mais e mais altamente evoluído, o sistema simpático passa para uma posição subordinada, e a sensibilidade a vibrações psíquicas é dominada pelas vibrações mais fortes e ativas do sistema nervoso superior. É verdade que numa fase mais tardia da evolução a sensitividade psíquica reaparece, mas é então desenvolvida em conexão com os centros cérebro-espinhais, e é trazida sob o controle da vontade. Mas o psiquismo histérico e mal-regulado de que vemos tantos exemplos lamentáveis é devido ao escasso desenvolvimento do cérebro e à dominância do sistema simpático".

Lampejos de clarividência ocasionais, contudo, realmente ocorrem ao homem altamente culto e espiritualmente orientado, mesmo que ele jamais possa ter ouvido falar da possibilidade de treinar tal faculdade. Neste caso tais vislumbres usualmente significam que ele está se aproximando do estágio em sua evolução quando estes poderes naturalmente começarão a se manifestar, e sua aparição deveria servir como um estímulo adicional para ele esforçar-se na manutenção daquele alto padrão de pureza moral e equilíbrio mental sem o que a clarividência é uma maldição e não uma bênção a seu possuidor.

Entre os que são inteiramente não-impressionáveis e aqueles que estão em plena posse do poder clarividente há muitos estágios intermediários. Um dos que valeria a pena darmos uma rápida olhada é o estágio em que o homem, ainda que não tenha nenhuma faculdade clarividente em sua vida comum, já a exibe mais ou menos completa sob a influência do hipnotismo. Este é um caso em que a natureza psíquica já é sensitiva, mas a consciência ainda não é capaz de atuar nela entre as múltiplas distrações da vida física. Ela precisa ser libertada pela suspensão temporária dos outros sentidos no transe hipnótico, antes que possa utilizar as divinas faculdades que estão apenas começando a despertar dentro de si. Mas é claro que mesmo no transe hipnótico há inumeráveis graus de lucidez, desde o paciente comum que é bastante obtuso até o homem cujo poder de visão está completamente sob o controle do operador, e pode ser dirigido conforme queira, ou nos estágios mais avançados nos quais, quando a consciência é libertada, escapa também do controle do magnetizador, e paira em campos de visão exaltada que estão inteiramente além de seu alcance.

Um outro passo ao longo da mesma estrada é aquele onde a supressão perfeita do físico como a que ocorre no transe hipnótico já não é necessária, mas o poder de visão supranormal, ainda que fora de alcance durante a vida desperta, se torna disponível quando o corpo é mantido nos laços do sono normal. Neste estágio de desenvolvimento estavam muitos dos profetas e videntes sobre quem lemos, que foram "avisados por Deus em sonho", ou comungaram com seres muito superiores a si mesmos nas silentes vigílias da noite.

A maioria das pessoas cultas das raças superiores do mundo têm esse desenvolvimento em alguma extensão: isto é, os sentidos de seus corpos astrais estão em ordem plena e atuante, e são perfeitamente capazes de receber impressões de objetos e entidades de seu próprio plano. Mas para torná-los de fato de alguma valia para elas aqui em baixo no corpo físico, duas alterações usualmente são necessárias: primeiro, o Ego deve ser despertado para as realidades do plano astral, e induzido a emergir da crisálida formada por seu próprios pensamentos gerados quando desperto, e olhar em torno para observar e aprender; e segundo, que a consciência deve ser mantida durante o retorno do Ego ao seu corpo físico, de modo a ser capaz de imprimir sobre o cérebro físico a lembrança do que tiver visto ou aprendido.

Se a primeira destas mudanças tiver lugar, a segunda é de somenos importância, uma vez que o Ego, o homem real, será capaz de aproveitar a informação obtida naquele plano, mesmo que ele não tenha a satisfação de trazer qualquer lembrança disso para sua vida desperta aqui embaixo.

Estudantes muitas vezes perguntam como esta faculdade clarividente primeiro se manifestará neles - como eles podem saber quando chegaram ao estágio no qual seus primeiros tênues prenúncios estiverem começando a ser visíveis. Os casos diferem tão amplamente que é impossível dar a esta pergunta qualquer resposta que seja aplicável universalmente.

Algumas pessoas começam de um salto, como se diz, e sob algum estímulo incomum se tornam capazes de ver uma única vez alguma espantosa visão; e muito freqüentemente em tal caso, porque a experiência não se repete, com o tempo o vidente passa acreditar que naquela ocasião estava sendo vítima de alguma alucinação. Outros começam por se tornar intermitentemente cônscios das brilhantes cores e vibrações da aura humana; já outros se acham com crescente freqüência vendo e ouvindo algo a que os que o rodeiam são cegos e surdos; outros, também, vêem rostos, paisagens, ou nuvens coloridas flutuando diante de seus olhos no escuro antes de mergulharem no sono; enquanto talvez a experiência mais comum de todas é aquela dos que começam a lembrar com mais e mais clareza o que vêem e ouvem nos outros planos durante o sono.

Tendo agora clareado em alguma extensão nosso terreno, podemos proceder à consideração dos vários fenômenos da clarividência.

Eles diferem tão amplamente em caráter e em grau que não é muito fácil decidir como podem ser satisfatoriamente classificados. Poderíamos, por exemplo, arranjá-los de acordo com o tipo de visão empregada - seja a metal, astral, ou meramente etérica. Poderíamos dividi-los de acordo com a

capacidade do clarividente, levando em conta se é treinado ou não; se sua visão é regular e está sob seu comando, ou se é esporádica e independente de sua volição; se pode exercê-la só por influência hipnótica, ou se tal assistência é desnecessária para ele; se é capaz de usar sua faculdade quando desperto no corpo físico, ou se está disponível somente quando está temporariamente fora do corpo, dormindo ou em transe.

Todas estas distinções são importantes, e teremos de levá-las todas em conta à medida que prosseguirmos, mas talvez no conjunto a classificação mais útil seja nas linhas adotadas pelo Sr. Sinnett em seu trabalho Rational of Mesmerism (Uma Análise do Mesmerismo) - um livro, diga-se, que todos os estudantes da clarividência deveriam ler. Tratando dos fenômenos, então, os arranjaremos antes de acordo com a capacidade da visão empregada do que com o plano onde é exercida, de modo que podemos agrupar os exemplos de clarividência sob as seguintes classes:

1. Clarividência simples - isto é, uma mera abertura da visão, capacitando seu possuidor a ver entidades etéricas ou astrais que porventura estejam em seu redor, mas não incluindo o poder de observar lugares distantes ou cenas pertencentes a qualquer outro tempo que não o presente.

2. Clarividência espacial - a capacidade de ver cenas ou eventos distantes do observador no espaço, e ainda distantes demais para a observação comum ou ocultos por objetos interpostos.

3. Clarividência temporal - isto é, a capacidade de ver objetos ou eventos que estão distantes do vidente no tempo, ou, noutras palavras, o poder de ver o passado ou o futuro.

CAPÍTULO 2 CLARIVIDÊNCIA SIMPLES: INTEGRAL

Nós definimos esta como uma mera abertura da visão etérica ou astral, que possibilita ao seu possuidor ver o que quer que esteja presente em seu entorno nos níveis correspondentes, mas que não é usualmente acompanhada do poder de ver qualquer coisa a grande distância ou de ler seja o passado seja o futuro. É dificilmente possível excluir também estas últimas faculdades, pois a visão astral necessariamente tem uma extensão consideravelmente maior do que a física, e imagens fragmentárias do passado e do futuro são amiúde visíveis mesmo aos clarividentes que não sabem como buscar especialmente por elas; mas de qualquer forma existe uma distinção muito real entre estes vislumbres incidentais e o definido poder de projeção da visão seja no espaço ou no tempo.

Encontramos entre pessoas sensitivas todos os graus deste tipo de clarividência, desde aquele do homem que tem uma vaga impressão que

dificilmente merece o nome de visão, até a integral posse da visão etérica e astral respectivamente. Talvez para nós o método mais simples seja começarmos pela descrição do que seria visível no caso do completo desenvolvimento deste poder, e os casos de desenvolvimento parcial então encontrariam naturalmente seus lugares.

Tomemos primeiramente a visão etérica. Esta consiste simplesmente, como já foi dito, na sensibilidade a faixas mais largas de vibrações físicas do que o normal, mas de qualquer maneira sua posse traz à visão muito do que é invisível para a maioria da humanidade. Consideremos que alterações sua aquisição produz no aspecto dos objetos familiares, animados e inanimados, e então vejamos a que fatores inteiramente novos ela nos introduz. Mas deve ser lembrado que o que estou prestes a escrever é o resultado exclusivamente da plena e perfeitamente controlada posse da faculdade, e que a maioria dos exemplos que encontramos na vida real serão bem mais acanhados em uma direção ou outra.

A mais impressionante mudança produzida na aparência dos objetos inanimados pela aquisição desta faculdade é que a maioria deles se torna quase transparente, devido à diferença no comprimento de onda de algumas das vibrações às quais o homem agora começa a tornar-se sensível. Ele se descobre capaz de realizar com a maior facilidade o ditado "ver através das paredes", pois para sua visão recém-adquirida as paredes de alvenaria parecem não ter uma consistência maior do que uma névoa tênue. Portanto ele vê o que está acontecendo numa sala contígua quase como se não houvesse nenhuma parede no caminho; ele pode descrever com precisão os conteúdos de uma caixa fechada, ou ler uma carta lacrada; com uma pequena prática ele poderá encontrar uma passagem específica num livro fechado. Este último feito, ainda que perfeitamente fácil para a visão astral, representa uma dificuldade considerável para alguém usando a visão etérica, por causa do fato de que então cada página tem que ser olhada através de todas que estiverem por cima dela.

Então perguntamos se sob tais circunstâncias um homem vê sempre com esta visão incomum, ou somente quando o deseja fazer. A resposta é que se a faculdade está perfeitamente desenvolvida estará inteiramente sob seu controle, e ele poderá usar esta, ou a sua visão mais comum, à vontade. Ele passa de uma para outra tão pronta e naturalmente quanto nós agora mudamos o foco de nossos olhos quando os desviamos de nosso livro para seguir os movimentos de algum objeto a um quilômetro de distância. É como se fosse uma focalização da consciência em um ou outro aspecto do que é visto: e ainda que o homem tivesse muito claramente sob a visão o aspecto sobre o qual sua atenção estiver fixada no momento, ele sempre estaria vagamente consciente do outro aspecto também, exatamente como quando fixamos nossa vista sobre qualquer objeto seguro em nossas mãos e ainda percebemos vagamente a parede oposta da sala como um pano de

fundo.

Uma outra curiosa alteração, que deriva da posse desta visão, é que o chão sólido sobre o qual o homem caminha se torna em certa medida transparente para ele, de modo que é capaz de ver terra adentro até considerável profundidade, muito como quando vemos através de uma água muito límpida. Isto o capacita a observar alguma criatura escavando no subsolo, a distinguir um veio de carvão ou de metal se não estiver muito distante da superfície, e assim por diante.

O limite da visão etérica quando observamos através da matéria sólida parece ser análogo àquele imposto quando olhamos através da névoa ou da água. Não podemos ver além de certa distância, porque o meio através de que estamos vendo não é perfeitamente transparente.

A aparência dos objetos animados é também consideravelmente alterada para o homem que expandiu até este grau o seu poder visual. Para ele os corpos dos homens e animais são quase transparentes, de modo que ele pode observar a ação dos vários órgãos internos, e em alguma extensão diagnosticar algumas de suas doenças.

A visão estendida também o habilita ver, mais ou menos claramente, várias classes de criaturas, elementais ou outras, cujos corpos não são capazes de refletir quaisquer dos raios dentro do limite do espectro ordinariamente percebido. Entre as entidades vistas assim estarão algumas das ordens mais baixas de espíritos da natureza - cujos corpos são compostos de matéria etérica mais densa. A esta classe pertencem quase todas as fadas, gnomos e brownies, sobre os quais ainda existem tantas histórias nas montanhas da Escócia e Irlanda e nos lugares remotos de todo o mundo.

O vasto reino dos espíritos da natureza está principalmente no reino astral, mas ainda ali existe uma grande seção que pertence à parte etérica do plano físico, e esta seção, é claro, é muito mais passível de chegar ao alcance das pessoas comuns do que as outras. Na verdade, ao ler as histórias comuns de fadas freqüentemente encontramos nítidas indicações de que é com esta classe que estamos lidando. Qualquer estudante do amor das fadas lembrará quão amiúde é feita menção a uma misteriosa unção ou droga, que quando aplicada ao olho humano o habilita a ver membros da comunidade das fadas sempre que lhe ocorrer de os encontrar.

A história desta aplicação e seu resultado ocorre tão constantemente e nos chega de partes tão diversas do mundo que deve haver alguma verdade por detrás dela, como sempre acontece no caso de tradições populares realmente universais. Agora, nenhuma unção dos olhos sozinha poderia de modo algum abrir a visão astral do homem, ainda que certo ungüento

friccionado por sobre todo o corpo auxilie em muito o corpo astral para que deixe o físico em plena consciência - um fato cujo conhecimento parece ter sobrevivido desde os tempos medievais, como se vê por algumas evidências deixadas em processos por feitiçaria. Mas a aplicação no olho físico poderia mui facilmente estimular sua sensitividade a ponto de torná-lo sensível a algumas vibrações etéricas.

A história freqüentemente prossegue relatando como o ser humano em quem foi usada esta unção mística usa sua visão expandida para ver alguma fada, e esta lhe golpeia ou perfura o olho, privando-o assim não só da visão etérica, mas também da do plano físico mais denso (Vide The Science of Fairy Tales - A Ciência dos Contos de Fada - de E. S. Hartlane, na série Contemporary Science - A Ciência Contemporânea - ou na verdade quase em qualquer coleção abrangente de histórias de fadas). Se a visão adquirida for a astral, tal procedimento seria inteiramente ineficaz, pois nenhum ferimento no aparato físico poderia afetar uma faculdade astral; mas se a visão produzida pela unção fosse etérica, a destruição do olho físico na maioria dos casos de imediato a interromperia, pois ele é o meio pelo qual ela funciona.

Qualquer um possuindo a visão de que estamos falando também seria capaz de perceber o duplo etérico humano; mas uma vez que este é quase idêntico ao físico em tamanho, dificilmente chamaria sua atenção, a menos que fosse parcialmente projetado em transe ou sob influência de anestésicos. Após a morte, quando ele se retira inteiramente do corpo denso, seria claramente visível, e seria freqüentemente visto pairando sobre túmulos recém-ocupados se o homem passasse por um campo santo ou cemitério. Se ele fosse assistir a uma sessão espírita veria a matéria etérica extravasando pelo lado do médium, e poderia observar as várias maneiras pelas quais as entidades comunicantes o utilizam.

Um outro fato que dificilmente não seria logo notado seria a extensão de sua percepção de cores. Ele se encontraria capaz de ver diversas cores inteiramente novas, sequer semelhantes a quaisquer das que formam o espectro como hoje o vemos, e portanto de todo indescritíveis por quaisquer termos que possuímos. E não somente veria objetos novos que seriam todos destas cores novas, mas também descobriria que modificações teriam sido introduzidas na cor de muitos objetos que lhe eram bem familiares, podendo ter ou não alguns tons novos misturados aos antigos. De modo que duas superfícies de cor que aos olhos comuns pareceriam se harmonizar perfeitamente, freqüentemente apresentariam nuanças diferentes à sua visão mais aguçada.

Agora tocamos em uma das principais alterações que seriam introduzidas no mundo do homem quando este adquirisse a visão etérica; e deve ser lembrado sempre que na maioria dos casos uma mudança correspondente

ocorreria ao mesmo tempo também em seus outros sentidos, de modo que se tornaria capaz de ouvir, e talvez mesmo sentir, mais que a maioria dos outros em à sua volta. Agora, supondo que em adição a isso ele obtivesse a visão do plano astral, que mudanças adicionais ele observaria? Bem, elas seriam muitas e grandes; de fato, todo um mundo novo se abriria aos seus olhos. Consideremos brevemente suas maravilhas na mesma ordem de antes, e vejamos primeiro que diferença haveria na aparência dos objetos inanimados. Neste ponto eu poderia citar uma recente e abalizada resposta dada em The Vahan:

"Há uma diferença nítida entre visão etérica e visão astral, e é esta última que parece corresponder à quarta dimensão.

"O modo mais simples de entender a diferença é tomar um exemplo. Se você olhar para um homem por sua vez com ambas as visões, você veria os botões na parte de trás de seu casaco em ambos os casos; mas se você usasse a visão etérica, você os veria através do homem, e veria o lado de trás dos botões como se estivessem mais perto de você, mas se você olhasse astralmente, veria não só assim, mas também como se você mesmo estivesse atrás do homem.

"Ou se você estivesse olhando etericamente para um cubo de madeira com inscrições em todos os seus lados, seria como se o cubo fosse de vidro, de modo que você poderia ver através, e veria o escrito no lado oposto de trás para diante, enquanto que os escritos dos lados direito e esquerdo não ficariam claros exceto se você se movesse, por causa do ângulo de visão tangencial. Mas se o olhasse astralmente, veria todos os lados de uma só vez, e todos na posição "certa", como se todo o cubo tivesse sido achatado diante de você, e você veria cada partícula do interior também - não através umas das outras, mas todas planificadas umas ao lado das outras diante de você. Você estaria olhando para ele a partir de uma certa direção, mas seria como se todas as faces que conhecemos estivessem de frente para você.

"Se você olhasse etericamente para o verso de um relógio, veria através de todas as engrenagens, e a frente através delas todas, mas invertida; se você o olhasse astralmente, veria a frente direito e todas as engrenagens estando separadas, mas nenhuma por cima uma da outra."

Aqui temos logo a nota-chave, o principal fator de diferença; o homem está olhando para tudo de um ponto de vista absolutamente novo, inteiramente fora de tudo que jamais imaginou antes. Ele já não tem a mais leve dificuldade em ler qualquer página de um livro fechado, porque agora ele não a estaria vendo através de todas as páginas da frente ou de trás, mas estaria olhando direto para ela como se fosse a única página a ser vista. A profundidade em que um veio de metal ou de carvão pudesse jazer já não

seria uma barreira à visão dele, porque agora já não vê através de toda a camada intermediária de terra. A espessura de uma parede, ou o número de paredes entre o observador e o objeto, fariam uma grande diferença para a clareza da visão etérica; isso não faria, porém, diferença nenhuma à visão astral, porque no plano astral eles não se interporiam entre o observador e o objeto. É claro que soa paradoxal e impossível, e é bastante inexplicável para uma mente não especialmente treinada para captar a idéia; não obstante, é absolutamente verdadeiro.

Isso nos leva direto ao cerne da polêmica questão da quarta dimensão - uma questão do mais profundo interesse, ainda que não a pretendamos discutir no espaço à nossa disposição. Aos que a quiserem estudar como merece recomendamos iniciar com Scientific Romances (Romances Científicos) de C. H. Hinton ou Another World (Um Outro Mundo), do Dr. A. T. Schofield, e então acompanhar o primeiro autor em um trabalho maior, A New Era of Thought (Uma Nova Era do Pensamento). O Sr. Hinton não só afirma ser capaz de captar mentalmente algumas da figuras quadridimensionais mais simples, mas também assegura que qualquer um que se der ao trabalho de seguir suas orientações pode também com perseverança adquirir aquela capacidade mental. Não estou certo de que o poder de fazer isso esteja ao alcance de todos, como ele imagina, pois parece-me requerer considerável habilidade matemática; mas posso de qualquer modo testemunhar que o tesseract ou cubo quadridimensional que ele descreve é uma realidade, pois é uma figura familiaríssima no plano astral. Ele agora aperfeiçoou um novo método de representar as diversas dimensões através de cores em vez de por símbolos escritos arbitrários. Ele coloca que deseja simplificar muito o estudo, como o leitor será capaz de distinguir instantaneamente pela vista qualquer parte ou característica do tesseract. Diz que uma descrição completa deste novo método, com ilustrações, está pronta para a impressão, e deve sair em um ano, desse modo pretendendo que estudantes deste assunto fascinante poderiam fazer bem em esperar sua publicação.

Sei que Madame Blavatsky, aludindo à teoria da quarta dimensão, expressou uma opinião que é só uma exposição tosca da idéia da inteira permeabilidade da matéria, e que W. S. Stead seguiu ao longo das mesmas linhas, apresentando esta concepção a seus leitores sob a denominação de pervasividade. Investigação cuidadosa, reiterada e detalhada, entretanto, parece mostrar muito conclusivamente que esta explanação não cobre todos os fatos. É uma perfeita descrição da visão etérica, mas a idéia ulterior e muito diferente da quarta dimensão como exposta pelo Sr. Hinton é a única que dá aqui algum tipo de explicação dos fatos constantemente observados da visão astral. Eu arriscaria respeitosamente sugerir que, quando Madame Blavatsky escreveu aquilo, tinha em mente a visão etérica e não a astral, e que a aplicabilidade estrita da frase a esta outra e mais elevada faculdade, na qual não estava cogitando no momento, não ocorreu

a ela.

A posse deste poder extraordinário e escassamente descritível, então, deve ser tida em mente através de tudo o que se segue. Ele deixa cada ponto no interior de todo o corpo sólido absolutamente aberto à visão do vidente, exatamente como cada ponto no interior de um círculo está aberto à visão do homem que o observa.

Mas mesmo isto não é de modo nenhum tudo o que concede a seu possuidor. Ele vê não apenas o interior e o exterior de cada objeto, mas também sua contraparte astral. Cada átomo e molécula de matéria física tem seus átomos e moléculas astrais correspondentes, e a massa que surge disso é claramente visível ao nosso clarividente. Usualmente a parte astral de qualquer objeto projeta-se um pouco além de sua parte física, e assim os metais, pedras e outras coisas são vistos rodeados de uma aura astral.

Será visto prontamente que mesmo no estudo da matéria inorgânica um homem ganha imensamente pela aquisição desta visão. Não só ele vê a parte astral do objeto para o qual olha, e que antes lhe estava totalmente oculta; não só ele vê muito mais de sua constituição física do que via antes, mas mesmo o que antes lhe era visível agora é visto com muito maior clareza e verdade. Uma breve reflexão mostrará que sua nova visão o aproxima muito mais da verdadeira percepção do que o faz a vista física. Por exemplo, se ele olhar astralmente para um cubo de vidro, todos os seus lados parecerão iguais, como realmente o são, enquanto que no plano físico ele vê os outros lados em perspectiva - isto é, parecem menores do que o lado mais próximo, o que é, evidentemente, uma mera ilusão devida às limitações físicas.

Quando passamos a considerar as facilidades adicionais que isso oferece na observação dos objeto animados, vemos ainda mais claramente as vantagens da visão astral. Ela exibe ao clarividente a aura das plantas e animais, e assim, no caso destes, seus desejos e emoções, e quaisquer pensamentos que possam ter, estão todos nitidamente expostos diante de seus olhos.

Mas é no trato com seres humanos que ele mais apreciará o valor desta faculdade, pois ele freqüentemente será capaz de ajudá-los muito mais efetivamente quando se guiar pela informação que ela lhe der.

Ele será capaz de ver a aura tanto quanto o corpo astral, e ainda que deixe toda a parte superior do homem ainda escondida de seus olhos, de qualquer modo ele achará possível aprender muito sobre a parte mais elevada que está ao seu alcance. Sua capacidade de examinar o duplo

etérico lhe dará vantagem considerável na localização e classificação de qualquer defeito ou doença do sistema nervoso, enquanto que pela aparência do corpo astral ele de imediato se cientificará de todas as emoções, paixões, desejos e tendências do homem que estiver diante de si, e mesmo também de muitos de seus pensamentos.

Ao olhar para uma pessoa a verá rodeada pela névoa luminosa da aura astral, resplandecendo com todos os tipos de cores brilhantes, e constantemente alterando os tons e fulgor de acordo com cada variação de sentimentos e pensamentos da pessoa. Ele verá esta aura inundada com o belo rosa da afeição pura, o rico azul do sentimento devoto, o embaçado e escuro marrom do egoísmo, o escarlate profundo da raiva, o horrível vermelho berrante da sensualidade, o lívido cinza do medo, as nuvens negras do ódio e da malícia, ou qualquer das outras centenas de indicações tão facilmente lidas nela pelo olho treinado; e assim será impossível para quaisquer pessoas esconder dele o estado real de seus sentimentos sobre qualquer assunto.

Estas várias indicações da aura são por si um estudo do mais profundo interesse, mas aqui não tenho espaço suficiente para tratar disso em detalhe, Um relato muito mais completo, junto com ilustrações coloridas, será encontrado em meu trabalho Man, Visible and Invisible (O Homem Visível e Invisível).

Não só a aura astral lhe mostra o resultado temporário da emoção que perpassa nele naquele momento, mas também lhe dá, pelo arranjo e proporção de suas cores quando em condição de comparativo repouso, uma chave para a disposição e caráter gerais de seu possuidor. Pois o corpo astral é uma expressão do tanto do homem que pode ser manifestado naquele plano, de modo que do que é visto nele, muito mais - que pertence aos planos superiores - pode ser inferido com certeza considerável.

Neste julgamento do caráter nosso clarividente será muito ajudado pelo quanto dos pensamentos da pessoa se expressem no plano astral, e conseqüentemente entram no seu campo de percepção. O verdadeiro lar dos pensamentos é o plano mental, e todo o pensamento se manifesta primeiro lá como uma vibração do corpo mental. Mas se de alguma maneira for um pensamento egoísta, ou se for ligado de qualquer forma com uma emoção ou desejo, imediatamente ele desce para o plano astral, e assume uma forma visível de matéria astral.

No caso da maioria dos homens quase todo o pensamento recairá em uma ou outra destas categorias, de modo que praticamente todas as suas personalidades se apresentarão claramente diante da visão astral do amigo, uma vez que seus corpos astrais e as formas-pensamento constantemente

se irradiando deles lhe serão como um livro aberto, no qual suas características estarão tão desnudadas quanto o puder lê-las quem as olha. Qualquer um que deseje obter alguma idéia de como as formas-pensamento se apresentam à visão clarividente pode satisfazer-se até certo ponto examinando as ilustrações que acompanham o assunto no valioso artigo de Annie Besant publicado no Lucifer de setembro de 1896.

Estivemos estudando algo da alteração na aparência tanto de objetos animados como inanimados, quando vistos por alguém possuidor de visão clarividente plena até onde interessa ao plano astral; passemos a considerar como os objetos inteiramente desconhecidos serão vistos. Ele estará consciente de uma pletora muito maior na Natureza, em muitos sentidos, mas sua atenção será atraída principalmente pelos habitantes vivos deste novo mundo. Nenhuma descrição detalhada deles pode ser tentada dentro do espaço de que dispomos; para isso o leitor deve reportar-se ao Manual Teosófico nº V. Aqui não podemos fazer muito mais que meramente enumerar só umas poucas classes da vasta legião dos habitantes astrais.

Ele ficará impressionado pelas formas mutantes da incansável maré da essência elemental, sempre rodopiando ao seu redor, muitas vezes ameaçadora, mas geralmente se retirando mediante um esforço determinado da vontade; ele ficará maravilhado com o enorme exército de entidades temporariamente chamadas à vida separada neste oceano pelos pensamentos e desejos dos homens, seja bons ou maus. Ele observará as variadas tribos de espíritos da natureza em seu trabalho ou folguedos; algumas vezes será capaz de estudar com deleite crescente a magnífica evolução de algumas ordens inferiores do glorioso reino dos Devas, que correspondem aproximadamente à hoste angélica da terminologia Cristã.

Mas talvez de interesse ainda maior do que todos para ele serão os habitantes humanos do mundo astral, e ele os encontrará distinguíveis em duas grandes classes - os que chamamos vivos, e os outros, a maioria dos quais infinitamente mais vivos, que tolamente chamamos de mortos. Entre os primeiros ele encontrará aqui e ali algum plenamente desperto e consciente, talvez, enviado para trazer-lhe alguma mensagem, ou examiná-lo com atenção para verificar que progresso ele está fazendo; enquanto que a maioria de seus vizinhos, quando fora de seus corpos físicos durante o sono, flutuarão a esmo, tão envolvidos em suas próprias cogitações que se tornam praticamente inconscientes do que está acontecendo ao seu redor.

Entre as grandes hostes dos mortos recentes encontrará todos os graus de consciência e inteligência, e todas as variedades de caráter - pois a morte, que nos parece uma mudança tão absoluta para nossa visão limitada, na realidade não altera nada no próprio homem. No dia depois de sua morte ele é precisamente o mesmo homem que era no dia anterior, com a mesma disposição, as mesmas qualidades, as mesmas virtudes e vícios, exceto

que terá abandonado seu corpo físico; mas a sua perda jamais faz dele um homem diferente de alguma forma mais do que o faria o tirar um casaco. Assim entre os mortos nossos estudantes encontrarão homens inteligentes e estúpidos, bondosos e rabugentos, sérios e frívolos, espiritualmente orientados e sensualmente orientados, exatamente como entre os vivos.

Uma vez que ele pode não apenas ver os mortos, mas também falar-lhes, ele pode muitas vezes ser de grande valia para eles, e dar-lhes informações e orientação que lhes será do mais alto valor. Muitos deles estão em uma condição de grande surpresa e perplexidade, e algumas vezes mesmo de aguda aflição, porque para eles os fatos do novo mundo são tão diferentes das lendas infantis que são tudo o que todas as religiões populares no Ocidente têm a oferecer com respeito a este assunto transcendentalmente importante; e portanto um homem que entende este novo mundo e pode explicar questões é nitidamente um amigo na necessidade.

De muitas outras formas um homem que possua plenas faculdades pode ser de utilidade para os vivos e para os mortos; mas este aspecto do assunto eu já abordei em meu livreto Invisible Helpers (Auxiliares Invisíveis). Além das entidades astrais ele verá cadáveres astrais - sombras e cascões em todos os estágios de desintegração; mas estes aqui só precisam de uma menção, pois o leitor que desejar uma descrição mais completa deles a encontrará nos nossos manuais, terceiro (Death - and After? - O que Há Além da Morte?) e quinto (The Astral Plane - O Plano Astral).

Um outro maravilhoso resultado que o pleno uso da clarividência astral traz ao homem é que ele já não sofre nenhuma interrupção de consciência. Quando ele deita à noite, ele dá ao seu corpo físico o descanso que precisa, enquanto vai para seu trabalho no muito mais confortável veículo astral. De manhã ele retorna e reassume o corpo físico, mas sem qualquer perda de consciência ou memória entre os dois estados, e assim ele é capaz de viver como que uma vida dupla, que é uma só, e ser usado utilmente todo o tempo, em vez de perder um terço de sua existência na inconsciência vazia.

Um outro estranho poder que o homem se vê de posse (mesmo que seu controle pleno pertença antes a uma faculdade devachânica mais elevada) é o de magnificar à vontade a mais mínima partícula física ou astral para qualquer tamanho desejado, como se fosse num microscópio - ainda que nenhum microscópio jamais construído ou sequer passível de o ser possua sequer a milésima parte deste poder magnificante. Através dele os hipotéticos átomos e moléculas postulados pela ciência se tornam realidades visíveis e vivas para o estudante do oculto, e no seu exame minucioso ele os descobre muito mais complexos em sua estrutura do que o homem de ciência jamais os concebeu. Isso também o habilita a acompanhar com a maior atenção e o interesse mais vivo todos os tipos de

ação elétrica, magnética e etérica; e quando alguns dos especialistas de algum destes ramos da ciência estiverem aptos a desenvolver o poder de ver as coisas sobre as quais escrevem com tamanha desenvoltura, algumas revelações muito maravilhosas e belas podem ser esperadas.

Este é um dos siddhis ou poderes descritos nos livros Orientais como surgindo no homem que se devota ao desenvolvimento espiritual, mesmo que o nome sob o qual é mencionado não possa ser reconhecível de imediato. É falado como sendo "o poder de fazer-se grande ou pequeno à vontade", e a razão por que a descrição aparece tão em sentido oposto ao fato é que na verdade o método pelo qual esta façanha é executada é precisamente aquele indicado pelos antigos livros. É pelo uso de um mecanismo visual temporário de inconcebível pequenez que o mundo do infinitamente pequeno é visto assim tão claramente; e do mesmo modo (ou antes do modo oposto) é por aumentar temporariamente o tamanho do mecanismo usado que é possível aumentar a amplitude da visão de alguém - tanto no sentido físico como, esperamos, no moral - muito para além de qualquer coisa que a ciência jamais sonhou possível para o homem. Assim a alteração no tamanho realmente se dá no veículo da consciência do estudante, e não em nada externo a si mesmo; e o velho livro oriental, no fim das contas, colocou a questão com maior precisão do que nós.

A psicometria e a segunda-visão in excelsis também estão entre as faculdades que nosso amigo terá sob seu comando; mas estas serão melhor abordadas em uma seção posterior, uma vez que quase todas as suas manifestações envolvem clarividência seja no espaço como no tempo.

Eu indiquei, mesmo que nas linhas mais gerais, o que um estudante treinado, possuidor de visão astral integral, veria no mundo imensamente mais largo em que esta visão o introduziu; mas eu ainda não disse nada sobre a estupenda modificação em sua atitude mental que vem da certeza experimental sobre a existência da alma, sua sobrevivência após a morte, a ação da lei do karma, e outros pontos de importância igualmente fundamental. A diferença entre mesmo a mais profunda convicção intelectual e o conhecimento preciso obtido pela experiência direta pessoal deve ser experimentada a fim de ser bem avaliada.

CAPÍTULO 3 CLARIVIDÊNCIA SIMPLES: PARCIAL

As experiências do clarividente destreinado - e seja lembrado que esta classe inclui todos os clarividentes europeus exceto pouquíssimos - usualmente ficarão muito aquém do que tentei descrever; ficam aquém de diferentes modos - em grau, em variedade ou em constância, e sobretudo em precisão.

Algumas vezes, por exemplo, a clarividência de um homem será permanente, mas muito parcial, abrangendo talvez uma ou duas classes dos fenômenos observáveis; ele pode achar-se provido de apenas um fragmento isolado de visão superior, aparentemente sem possuir outros poderes de visão que normalmente deveriam acompanhar aquele fragmento, ou mesmo precedê-lo. Por exemplo, um dos meus amigos mais caros teve durante toda a vida o poder de ver o éter atômico e a matéria atômica astral, e reconhecer sua estrutura, seja à luz ou na escuridão, como interpenetrando tudo o mais; mas ele só raramente viu entidades cujos corpos são compostos dos éteres inferiores muito mais óbvios ou de matéria astral mais densa, e de qualquer forma não é capaz de vê-los sempre. Ele simplesmente se acha de posse desta faculdade especial, sem qualquer outra razão aparente para explicá-la, ou tendo alguma relação reconhecível com qualquer outra coisa; e além de provar-lhe a existência destes planos atômicos e seu arranjo, é difícil de ver qual utilidade específica isso tem para ele presentemente. Mas a coisa está lá, e é um prenúncio de coisas maiores que estão por vir - de poderes adicionais ainda esperando desenvolvimento.

Há muitos casos similares - similares, digo, não na posse daquela forma particular de visão (que é única em minha experiência), mas por mostrarem o desenvolvimento de alguma pequena parte da plena e clara visão dos planos astral e etérico. Em nove de dez casos, entretanto, uma clarividência assim parcial ao mesmo tempo também carecerá de precisão - isto é, haverá boa quantidade de impressões vagas e suposições, em vez da definição nítida e da certeza do homem treinado. Exemplos deste tipo são constantemente encontrados, especialmente entre os que se anunciam como "clarividência para testes e negócios".

Então, há novamente aqueles que são apenas temporariamente clarividentes sob condições especiais. Entre estes há várias subdivisões, alguns sendo capazes de reproduzir o estado clarividente à vontade desde que sejam dispostas as mesmas condições, enquanto para outros ele só vem esporadicamente, sem qualquer relação observável quanto ao ambiente, enquanto em outros os poderes se apresentam só uma ou duas vezes no curso de todas as suas vidas.

À primeira destas subdivisões pertencem os que são clarividentes só quando em transe mesmérico - os que quando não em transe são incapazes de ver ou ouvir qualquer coisa anormal. Estes podem às vezes alcançar grandes alturas de conhecimento e ser extremamente precisos em suas indicações, mas quando isso ocorre geralmente estão seguindo um curso de treinamento regular, ainda que por algumas razões permaneçam incapazes de se livrar do peso do laço terreno sem assistência.

Na mesma classe poderíamos colocar aqueles - principalmente orientais -

que obtêm alguma visão temporária só sob influência de certas drogas, ou por meio da execução de certas cerimônias. O cerimonialista algumas vezes hipnotiza a si mesmo por suas repetições, e em tais condições se torna clarividente em alguma medida; mais freqüentemente ele se reduz a uma condição passiva na qual alguma outra entidade pode obsedá-lo e falar através dele. Algumas vezes, também, suas cerimônias não têm a intenção de afetar a si mesmo, mas de invocar alguma entidade astral que lhe dê a informação requerida; mas é claro que este é um caso de magia, e não de clarividência. Tanto as drogas quanto as cerimônias são métodos enfaticamente a serem evitados por qualquer um que deseje se aproximar da clarividência a partir do lado superior, e usá-la para seu próprio progresso e auxílio de outros. O médico ou curandeiro da África central ou o xamã da Tartária são bons exemplos deste tipo.

Aqueles para quem só ocasionalmente chega certa parcela de poder clarividente, e sem qualquer relação com sua própria vontade, freqüentemente têm sido pessoas histéricas ou muito nervosas, a quem estas faculdades são em grande medida um dos sintomas de sua doença. Seu aparecimento demonstra que o veículo físico chegou a tal enfraquecimento que já não oferece qualquer obstáculo para alguma porção de visão etérica ou astral. Um caso extremo desta classe é o homem que se embriaga até o delirium tremens, e na condição de absoluta ruína física e excitação psíquica impura acarretada pela destruição causada por aquela doença terrível, é capaz de ver nesta ocasião alguns elementais desagradáveis e outras entidades que ele atraiu a si por seu longo curso de permissividade bestial e degradada. Há, entretanto, outros casos onde o poder de ver aparece e desaparece sem relação aparente com o estado de saúde física; mas parece provável que mesmo nestes, se pudessem ser observados suficientemente de perto, alguma alteração no duplo-etérico teria sido percebida.

Aqueles que tiveram um único evento clarividente a relatar em toda a sua vida formam uma faixa difícil de classificar inteiramente, por causa da grande variedade de circunstâncias participantes. Há muitos dentre estes para quem a experiência ocorre em algum momento supremo de suas vidas, quando é compreensível que possa ter havido uma exaltação temporária da faculdade que seria suficiente para explicá-la.

No caso de uma outra subdivisão destes, o caso isolado tem sido a visão de uma aparição, mais usualmente de um amigo ou parente no momento de sua morte. Duas possibilidades são então oferecidas para nossa escolha, e em cada uma delas o forte desejo do moribundo é a força geradora. Esta força pode tê-lo capacitado a se materializar por um momento, caso em que obviamente nenhuma clarividência era requerida; ou mais provavelmente pode ter agido mesmericamente sobre o percebedor, e momentaneamente restringido seu físico e estimulado sua sensibilidade superior. Em ambos os

casos a visão é produto de uma emergência e não é repetida simplesmente porque as condições necessárias não são repetidas.

Permanece, entretanto, um insolúvel resíduo de casos nos quais um evento isolado ocorre pelo exercício de indubitável clarividência, enquanto já a ocasião nos parece inteiramente trivial e desimportante. Sobre estes podemos somente tecer hipóteses; as condições determinantes evidentemente não estão no plano físico, e seria necessária uma investigação separada para cada caso antes que pudéssemos falar com alguma certeza sobre suas causas. Em alguns tem parecido que uma entidade astral estava tentando fazer alguma comunicação, e foi capaz de imprimir apenas detalhes superficiais sobre o assunto - a parte útil ou significativa do que tinha a dizer falhando em alcançar a consciência do indivíduo.

Na investigação dos fenômenos da clarividência todos estes tipos variados e muitos outros serão encontrados, e um certo número de casos de mera alucinação quase certamente também aparecerão, e terão de ser cuidadosamente excluídos de nossa lista de exemplos. O estudante de um assunto como este precisa de uma reserva inexaurível de paciência e perseverança constante, mas se ele prosseguir tempo bastante ele começará fracamente a discernir ordem por trás do caos, e gradualmente conseguirá alguma noção das grandes leis sob que trabalha toda a evolução.

Será de grande ajuda se em seus esforços ele adotar a ordem que acabamos de seguir - isto é, se ele se der ao trabalho de primeiro familiarizar-se o quanto possa com os fatos reais a respeito dos planos relacionados com a clarividência. Se ele aprender o que realmente existe lá para ser visto com a visão etérica e astral, e quais são suas respectivas limitações, ele terá então, diríamos, um parâmetro com que comparar os casos que ele observar. Uma vez que todos os exemplos de visão parcial devem necessariamente se encaixar em algum nicho deste conjunto, se ele tiver na cabeça uma idéia do esquema inteiro, ele achará comparativamente fácil, com um pouco de prática, classificar os exemplos com que for chamado a lidar.

Ainda não dissemos nada sobre as ainda mais maravilhosas possibilidades da clarividência no plano mental, nem mesmo é necessário que muito se diga, já que é extremamente improvável que o investigador encontre qualquer caso exceto entre discípulos adequadamente treinados em alguma das escolas mais elevadas de Ocultismo. Para estes já se abre um mundo inteiramente novo, muito mais vasto do que todos abaixo dele - um mundo no qual tudo que podemos imaginar sobre a mais excelsa glória e esplendor é o estado comum de existência. Algumas indicações sobre suas maravilhosas propriedades, sua inefável bem-aventurança, suas magníficas

oportunidades de aprendizado e de trabalho, são dadas no sexto de nossos manuais Teosóficos, e a ele o estudante pode se dirigir.

Tudo o que tem a oferecer - pelo menos tudo o que se pode assimilar - está dentro do alcance do discípulo treinado, mas para o clarividente destreinado, atingi-lo dificilmente representa mais do que uma possibilidade remota. Tem sido realizado em transe mesmérico, mas a ocorrência é extremamente rara, pois requer qualificações quase sobre-humanas no sentido de elevadas aspirações espirituais e absoluta pureza de pensamento e intenção tanto de parte do paciente como do operador.

Para um tipo de clarividência como esta, e ainda mais completamente para aquela que pertence ao plano imediatamente acima, pode ser aplicado com justiça o nome de visão espiritual; e uma vez que o mundo celestial ao qual abre nossos olhos existe todo à nossa volta aqui e agora, basta que seja feita esta menção passageira a ela sob o nome de clarividência simples, ainda que possa ser necessário aludir a ela novamente quando tratarmos com a clarividência no espaço, à qual passaremos agora.

CAPÍTULO 4 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: VOLUNTÁRIA

Definimos esta como a capacidade de ver eventos ou cenas distantes do observador no espaço e afastadas demais para a observação normal. Seus exemplos são tão numerosos e tão variados que achamos desejável tentar uma classificação deles um pouco mais detalhada. Não importa muito qual ordenação particular adotemos, desde que seja abrangente o bastante para incluir todos os casos; talvez uma conveniente seja os agruparmos sob as amplas divisões de clarividência espacial voluntária e involuntária, com uma classe intermediária que poderia ser descrita como semivoluntária - um título curioso, mas o explicarei mais tarde.

Como antes, iniciarei indicando o que é possível ao longo desta linha para o vidente completamente treinado, e tentando explicar como suas faculdades operam e sob quais limitações atua. Depois disso nos encontraremos em posição melhor para tentarmos entender as múltiplas manifestações da visão parcial e da destreinada. Discutamos, em primeiro lugar, a clarividência voluntária.

Será óbvio, a partir do que foi dito antes sobre o poder da visão astral, que qualquer um que o possua em plenitude será capaz de ver por seu intermédio praticamente qualquer coisa neste mundo que ele queira ver. Os lugares mais secretos estão descobertos à sua visão, e os obstáculos no caminho não têm existência para ele, por causa da mudança em seu ponto de vista; de modo que se lhe concedermos o poder de se mover no corpo astral ele poderá sem dificuldade ir para toda parte e ver qualquer coisa

dentro dos limites do planeta. Na verdade isso lhe é possível em grande medida mesmo sem a necessidade de deslocar-se no corpo astral, como logo veremos.

Detenhamo-nos mais nos métodos pelos quais esta visão suprafísica pode ser usada para observar eventos que têm lugar à distância. Quando, por exemplo, um homem aqui na Inglaterra vê com minúcia de detalhes algo que está acontecendo no mesmo momento na Índia ou na América, como isto é feito?

Uma hipótese bem engenhosa foi oferecida como explicação do fenômeno. Foi sugerido que todo objeto está perpetuamente emitindo vibrações em todas as direções, similares aos raios da luz em alguns aspectos, mas definitivamente muito mais sutis, e que a clarividência não é nada senão o poder de ver por meio destas vibrações mais sutis. Neste caso a distância não impediria a visão, todos os objetos que estivessem no caminho seriam atravessados por estes raios, que seriam capazes de se cruzar em infinitas direções sem confusão, precisamente como o fazem as vibrações da luz comum.

Mas ainda que este não seja exatamente o modo como a clarividência atua, a teoria outrossim é correta na maior parte de suas premissas. Cada objeto indubitavelmente está emitindo radiações em todas as direções, e é precisamente desta maneira, ainda que em um plano superior, que os registros akáshicos parecem ser formados. Sobre estes será preciso falar algo em nossa próxima seção, de modo que por ora só os mencionaremos. Os fenômenos da Psicometria também são dependentes destas radiações, como a seguir explicaremos.

Existem, entretanto, certas dificuldades práticas no caminho de usarmos estas vibrações etéricas (pois é o que são, é claro) como o substrato por cujo intermédio se possa ver qualquer coisa que aconteça à distância. Os objetos intermédios não são inteiramente transparentes, e como os atores na cena que o experimentador tentar observar serão igualmente semitransparentes [no original consta transparentes, mas deve ter havido algum lapso do autor ou do editor, pois pelo que já foi dito o caso não é este, em se tratando da visão etérica - NT], é óbvio que muito provavelmente sucederá uma confusão séria.

A dimensão adicional que entraria em jogo se as radiações astrais fossem percebidas em vez das etéricas resolveria algumas das dificuldades, mas por outro lado introduziria algumas novas complicações por sua própria conta; de modo que para propósitos práticos, ao tentarmos entender a clarividência, podemos excluir de nossas mentes esta hipótese das radiações, e voltar aos métodos de visão à distância que verdadeiramente

estão à disposição do estudante. Será descoberto que existem cinco: quatro deles sendo realmente variedades de clarividência, enquanto que o quinto não se encaixa propriamente sob esta denominação, mas pertence ao domínio da magia. Passemos a esta última em primeiro lugar, e a retiremos então do caminho.

1. Pela assistência de um espírito da natureza.

Este método não envolve necessariamente a posse de qualquer faculdade psíquica da parte do experimentador; ele precisa apenas saber como induzir algum habitante do mundo astral a realizar a investigação por ele. Isto pode ser feito seja por invocação seja por evocação; isto é, o operador pode ou persuadir seu coadjuvante astral através de preces ou oferendas para que lhe ajude como deseja, ou pode forçar sua ajuda pelo emprego de uma vontade altamente desenvolvida.

Este método tem sido praticado largamente no Oriente (onde a entidade empregada usualmente é um espírito da natureza) e na velha Atlântida, onde os "senhores da face tenebrosa" usavam uma variedade altamente especializada e daninha de elemental artificial para este propósito. A informação é obtida às vezes do mesmo modo que nas sessões espíritas de hoje, mas naquele caso o mensageiro empregado mais comumente é um ser humano recentemente falecido atuando mais ou menos livremente no plano astral - ainda que mesmo aqui às vezes haja um espírito da natureza envolvido, que se diverte aparecendo como se fosse um parente falecido. Em qualquer caso, como eu disse, este método não é clarividência, mas magia; e é mencionado aqui somente a fim de que o leitor possa evitar confusão ao tentar classificar os casos de seu conhecimento sob alguma das classes seguintes.

2. Por meio de uma corrente astral

Esta é uma frase empregada freqüentemente mas de modo um tanto vago para abranger uma variedade considerável de fenômenos, e dentre outros os que desejo explicar. O que realmente é feito pelo estudante que adota este método não é tanto a colocação em movimento de uma corrente na matéria astral, mas é como se construísse uma espécie de telefone temporário com ela.

É impossível dar aqui uma descrição completa da física astral, mesmo que eu dispusesse do conhecimento necessário para fazê-lo; mas tudo o que preciso dizer é que é possível fazer na matéria astral uma linha de conexão definida que atua como uma linha telefônica para veicular vibrações por meio das quais tudo o que se passa do outro lado da linha pode ser visto. Uma linha destas não é estabelecida, bem entendido, por uma projeção

direta de matéria astral através do espaço, mas antes pela ação sobre uma linha (ou antes muitas linhas) de partículas daquela matéria, de modo que as torna capazes de atuar como condutores para as vibrações do tipo requerido.

Esta ação preliminar pode ser executada de duas maneiras - seja pela transmissão de energia de partícula a partícula até que se forme a linha, ou pelo uso de uma força a partir de um plano superior que seja capaz de agir sobre toda a linha de uma vez. É claro que este último método implica um desenvolvimento muito maior, uma vez que envolve o conhecimento de (e o poder de empregar) forças de um nível consideravelmente mais alto; de modo que um homem que fosse capaz de formar uma linha deste jeito não precisaria, para seu próprio uso, de uma tal linha, uma vez que poderia ver muito mais fácil e completamente por meio de uma faculdade toda mais elevada.

Mesmo a operação mais simples e puramente astral é algo difícil de descrever, ainda que facílimo de executar. Pode ser dito que se aproxima da natureza da magnetização de uma barra de ferro, pois consiste no que chamamos de polarização, por obra de um esforço da vontade humana, de um número de linhas paralelas de átomos astrais entre o operador e a cena que ele deseja observar. Todos os átomos assim afetados são mantidos durante o período com seus eixos rigidamente paralelos entre si, de modo a formarem temporariamente uma espécie de tubo por onde o clarividente possa enxergar. Este método tem a desvantagem de que a linha telefônica está sujeita a desarranjo ou mesmo destruição por qualquer corrente astral suficientemente forte que aconteça de lhe cruzar o caminho; mas se o esforço original de vontade for bastante definido, esta será uma contingência bastante rara.

A visão de uma cena distante obtida por meios desta "corrente astral" de muitas formas não é dessemelhante à que é vista com um telescópio. Usualmente as figuras humanas aparecem bem pequenas, como as que estão num palco distante, mas a despeito de seu tamanho diminuto são tão nítidas como se estivessem perto. Às vezes é possível por este meio ouvir o que é dito assim como ver o que é feito; mas como na maioria dos casos isso não ocorre, devemos considerá-los antes como uma manifestação de um poder adicional do que um corolário obrigatório da faculdade de visão.

Será observado que neste caso o vidente usualmente não deixa o seu corpo físico; não há nenhum tipo de projeção de seu veículo astral ou de alguma parte de si mesmo para onde ele está olhando, mas simplesmente constrói para si um telescópio astral temporário. Conseqüentemente, ele mantém, até certo grau, o uso de seus poderes físicos mesmo enquanto examina a cena distante; por exemplo, sua voz normalmente estará sob seu controle, de modo que ele pode descrever o que viu mesmo enquanto estava no ato

de realizar suas observações. A consciência do homem, de fato, ainda fica nitidamente com ele deste lado da linha.

Isto, entretanto, tem suas limitações assim como suas vantagens, e estas largamente se assemelham às limitações do homem que usa um telescópio no plano físico. O experimentador, por exemplo, não tem o poder de mudar seu ponto de vista; seu telescópio, por assim dizer, tem um campo de visão específico que não pode ser aumentado ou alterado; ele está olhando para a cena a partir de certa direção, e não pode subitamente contorná-la e ver como ela aparece do outro lado. Se ele tem energia psíquica suficiente para gastar, ele pode abandonar inteiramente o telescópio que estiver usando e manufaturar um todo novo para si, que enfocará seu objeto de um ângulo diferente; mas este procedimento provavelmente não seria adotado na prática.

Mas, poderia ser dito, o mero fato de que ele está usando a visão astral deveria permitir-lhe ver a cena de todos os lados de uma vez. Assim seria se ele estivesse usando esta visão do modo normal para um objeto que lhe estivesse próximo - dentro de seu alcance astral, por assim dizer; mas à distância de centenas ou milhares de quilômetros o caso é muito diferente. A visão astral nos traz a vantagem de uma dimensão adicional, mas ainda existe algo como "posição" nesta dimensão, e naturalmente isso é um fator importante limitando o uso dos poderes deste plano. Nossa visão normal tridimensional nos capacita ver de uma só vez cada ponto no interior de uma figura bidimensional, como um quadrado, mas a fim de fazermos isso o quadrado deve estar a uma distância razoável de nossos olhos; o mero acréscimo de uma dimensão não valerá nada para o homem que estiver em Londres tentando examinar um quadrado em Calcutá.

A visão astral, quando confinada pelo direcionamento ao longo do que é praticamente um tubo, é limitada tanto quanto a visão física seria em circunstâncias similares; mesmo se possuída em perfeição, ainda continuaria a mostrar, mesmo àquela distância, as auras, e portanto todas as emoções e a maioria dos pensamentos das pessoas sob observação.

Há muitas pessoas para quem este tipo de clarividência é muito facilitado se tiverem à mão algum objeto físico que possa ser usado como ponto de partida para seu tubo astral - um foco conveniente para o poder de sua vontade. Uma bola de cristal é o mais comum e eficaz de tais focos, já que tem a vantagem adicional de possuir em si qualidades que estimulam a faculdade psíquica; mas outros objetos também são usados, aos quais consideramos necessário referência mais detalhada quando viermos a considerar a clarividência semivoluntária.

Em conexão com esta forma de clarividência com corrente astral, como com

as outras, vemos que há alguns psíquicos que são incapazes de usá-la exceto quando sob influência de mesmerismo. A peculiaridade neste caso é que entre tais psíquicos há duas variedades - uma na qual sendo assim liberto o homem se habilita a fazer por si o telescópio, e outra na qual o próprio magnetizador constrói o telescópio e o paciente simplesmente é habilitado para ver através dele. Neste último caso obviamente o paciente não tem vontade suficiente para formar um tubo por si mesmo, e o operador, mesmo possuindo o necessário poder de vontade, não é clarividente, ou poderia ver pelo próprio tubo sem precisar de ajuda.

Ocasionalmente, ainda que seja raro, o tubo que é formado possui um outro atributo de um telescópio - o de magnificar os objetos aos quais está direcionado até que se os veja em tamanho natural. É claro que os objetos devem ser sempre aumentados até certa medida, ou seriam absolutamente invisíveis, mas normalmente a amplitude é determinada pelo tamanho do tubo astral e tudo se resume a uma diminuta imagem em movimento. Nos poucos casos onde as figuras são vistas em tamanho natural com este método, é provável que um outro poder também esteja começando a despontar; mas quando isso acontece, é preciso uma cuidadosa observação para distinguí-lo de exemplos das próximas classes.

3. Pela projeção de uma forma-pensamento.

A habilidade de usar este método de clarividência implica um desenvolvimento algo mais avançado que os anteriores, já que requer um certo controle no plano mental. Todos os estudantes de Teosofia estão cientes de que o pensamento assume formas; no seu próprio plano, sempre, e na vasta maioria das vezes, também no plano astral; mas pode não ser tão amplamente sabido que se um homem pensar fortemente em si como estando em certo lugar, a forma assumida por este pensamento específico terá semelhança com a do próprio pensador, que aparecerá no lugar em questão.

Essencialmente esta forma deve ser composta de matéria do plano mental, mas em muitíssimos casos se cercará também de matéria do plano astral, e assim se aproximará muito mais da visibilidade. De fato há muitos exemplos nos quais esta forma tem sido vista pela pessoa em quem se pensou - mais provavelmente por meio da influência mesmérica inconsciente emanando do pensador original. Nada da consciência do pensador, entretanto, seria colocada nesta forma-pensamento. Uma vez emitida, normalmente se torna uma entidade inteiramente autônoma - na verdade não totalmente desconectada de seu criador, mas na prática sim, quanto à possibilidade de receber qualquer impressão por meio dela.

O terceiro tipo de clarividência consiste, então, no poder de manter a

conexão tão fortemente com uma forma-pensamento recém-feita a ponto de tornar possível receber impressões através dela. Estas impressões, sendo feitas sobre a forma-pensamento, neste caso seriam transmitidas ao emitente - não ao longo da linha telefônica astral, como antes, mas por vibração simpática. Num caso perfeito deste tipo de clarividência, é como se o vidente projetasse uma parte de sua consciência dentro da forma-pensamento, e a usasse como um tipo de posto avançado, de onde a observação é possível. Ele vê quase tão bem como se ele mesmo estivesse no lugar de sua forma-pensamento.

As figuras para as quais estivesse olhando teriam o tamanho natural e estariam bem na sua proximidade, em vez de pequenas e à distância, como no caso anterior; e ele poderia mudar seu ângulo de visão se assim desejasse. A clariaudiência é talvez menos freqüentemente associada com este tipo de clarividência do que com o anterior, mas seu lugar é assumido em alguma extensão por uma espécie de percepção mental dos pensamentos e intenções daqueles que são vistos.

Uma vez que a consciência do homem ainda está no corpo físico, ele será capaz (mesmo enquanto estiver exercendo esta faculdade) de ouvir e falar até onde possa fazer isso sem distrair sua atenção. No momento em que a intencionalidade de seu pensamento fraqueja, a visão é perdida, e ele terá de construir uma nova forma-pensamento antes de poder retomar a visão. Exemplos nos quais este tipo de visão é possuída com algum grau de perfeição por pessoas destreinadas são naturalmente mais raros do que no caso do tipo precedente, por causa da capacidade de controle mental requerida, e da natureza geralmente mais sutil das forças empregadas.

4. Pela viagem no corpo astral

Aqui entramos em uma variedade inteiramente nova de clarividência, na qual a consciência do vidente já não permanece no, ou fica estreitamente ligada ao, seu corpo físico, mas definidamente se transfere para a cena que está examinando. Ainda que acarrete maiores perigos para o vidente destreinado do que qualquer dos métodos previamente descritos, ainda é o método mais satisfatório de clarividência aberto a ele, pois a variedade imensamente superior que estudaremos depois na quinta seção não está disponível senão para estudantes especialmente treinados.

Neste caso o corpo do homem está ou dormindo ou em transe, e seus órgãos conseqüentemente não estão disponíveis para uso enquanto a vidência se processa, de modo que toda a descrição do que é visto, e todas as perguntas sobre os detalhes, devem ser postergadas até que o viajante retorne a este plano. Por outro lado, a visão é muito mais completa e perfeita; o homem ouve e vê tão bem como se tudo se passasse diante

dele, e pode se movimentar em torno livremente, dentro dos largos limites do plano astral. Ele pode ver e estudar à vontade todos os outros habitantes deste plano, sendo que o grande mundo dos espíritos da natureza (do qual a tradicional terra das fadas é só uma pequena parte) está descoberto para ele, o mesmo quanto a alguns dos devas inferiores.

Ele possui também a imensa vantagem de ser capaz de tomar parte, digamos, nas cenas que se lhe aparecem aos olhos - de conversar a seu gosto com estas variadas entidades astrais de quem tanta informação curiosa e interessante pode ser obtida. Se além disso ele puder aprender como se materializar (um procedimento não tão difícil quando se conhece o método), ele será capaz de tomar parte em eventos físicos ou conversações à distância, e aparecer para um amigo ausente à vontade.

Além disso, ele tem o poder adicional de ser capaz de procurar o que deseja. Por meio das variedades de clarividência previamente descritas, para todos os fins práticos ele pode encontrar uma pessoa ou local somente quando já os conhece, ou quando se põe em sintonia com eles tocando algum objeto fisicamente conectado a eles, como na Psicometria. É verdade que pelo terceiro método uma certa quantidade de movimento é possível, mas o processo é tedioso, a não ser para distâncias curtas.

Pelo uso do corpo astral, entretanto, um homem pode se mover mui livre e rapidamente em qualquer direção, e pode (por exemplo) encontrar sem dificuldade qualquer lugar indicado num mapa, sem qualquer conhecimento prévio do local e sem precisar de qualquer objeto para estabelecer uma conexão. Ele pode também elevar-se rapidamente no ar para ganhar uma visão aérea do país que ele está examinando, para observar sua extensão, o perfil de seu litoral, ou seu caráter geral. Na verdade, de todas as formas seu poder e liberdade são muito maiores quando ele usa este método do que em qualquer dos casos precedentes.

Um bom exemplo da plena posse deste poder é dado, com a autoridade do escritor alemão Jung Stilling, pela Sra. Crow, em The Night Side of Nature (O Lado Noturno da Natureza - p. 127). A história relatada é a de um vidente que se diz ter morado nas vizinhanças de Filadélfia, nos Estados Unidos. Seus hábitos eram discretos, e ele falava pouco; era solícito, benevolente e pio, e nada se sabia contra seu caráter, exceto pela reputação de que possuía alguns segredos que não eram considerados exatamente como estando dentro da lei. Muitas histórias extraordinárias eram contadas sobre ele, e dentre elas, esta:

"A esposa de um capitão de navio (cujo marido estava em viagem à Europa e África, e de quem há muito não recebia notícia), estando oprimida pela ansiedade em relação à sua segurança, foi induzida a recorrer

pessoalmente a esta pessoa. Tendo ouvido sua história, ele pediu licença por uns instantes para poder trazer-lhe a informação desejada. Ele então passou para um aposento interior e ela sentou-se para esperar; mas sua ausência tornou-se mais longa que o esperado, ela ficou impaciente, pensando que havia sido esquecida, e discretamente aproximou-se da porta e espiou por uma abertura, e para sua surpresa viu-o deitado num sofá tão imóvel como se estivesse morto. É claro que ela não achou recomendável perturbá-lo, e esperou seu retorno, quando ele lhe disse que seu marido não fora capaz de lhe escrever por tais e tais razões, mas que no momento ele estava num café de Londres e muito em breve estaria de volta ao lar.

"Como previsto, ele chegou, e assim que a senhora soube dele que as razões de seu silêncio incomum eram exatamente aquelas referidas pelo homem, ela ficou extremamente desejosa de assegurar-se da verdade do resto da história. Neste sentido ela ficou satisfeita, pois ele nunca antes pusera os olhos no mágico, mas lhe disse que o tinha visto diante de si certo dia num café londrino, e que ele lhe havia dito que sua esposa estava extremamente aflita a seu respeito, e que ele, o capitão, havia então mencionado como tinha sido impedido de escrever, acrescentando que estava prestes a embarcar para a América. Então ele perdeu de vista o estranho por entre a multidão, e não soube mais nada dele."

Não temos, é claro, nenhum meio de saber que evidências Jung Stillig tinha sobre a verdade desta história, ainda que ele se declare bastante satisfeito com a autoridade de quem a relatou; mas tantas coisas similares têm acontecido que não há razão para duvidarmos de sua precisão. O vidente, entretanto, deve ou ter desenvolvido sua faculdade por si mesmo ou tê-la aprendido em alguma escola outra que não aquela de onde derivam a maioria de nossas informações Teosóficas; pois em nosso caso existe uma regulamentação expressa que proíbe formalmente os discípulos de darem qualquer exibição de um poder tal que possa ser comprovado por ambos os lados da história, e assim constituam o que se chama de "fenômeno". Que esta regulamentação é bastante sábia é provado por todos que conhecem algo da história de nossa Sociedade, pelos desastrosos resultados que se seguiram após um levíssimo abrandamento temporário dela.

Eu apresentei alguns casos bastante modernos quase exatamente paralelos aos citados em meu livro Invisible Helpers. Um exemplo de uma senhora bem conhecida por mim, que aparecia com freqüência assim à distância a seus amigos, é dado pelo Sr. Stead em Real Ghost Stories (Histórias Reais de Espíritos, p. 27), e o Sr. Andrew Lang nos dá, em seu Dreams and Ghosts (Sonhos e Espíritos, p. 89), um relato de como o Sr. Cleave, então em Porthsmouth, apareceu intencionalmente por duas vezes para uma jovem senhora em Londres, alarmando-a consideravelmente. Aqui haverá quantidade de evidências sobre o assunto a qualquer um que se debruçar sobre seu estudo seriamente.

Estas visitas astrais parecem muito freqüentemente se tornar possíveis quando os princípios se afrouxam na proximidade da morte para as pessoas que foram incapazes de realizá-lo em qualquer outra oportunidade. Há mesmo mais exemplos destes casos do que dos outros; eu cito um bom exemplo dado pelo Sr. Andrew Lang na página 100 do livro anteriormente citado - um que ele mesmo diz 'não haver muitas histórias com evidências tão positivas a seu favor'.

"Mary, esposa de John Goffe de Rochester, sendo afligida por uma prolongada doença, mudou-se para a casa do pai em West Malling, a cerca de 9 km da sua.

"No dia antes de sua morte ela ficou muito impacientemente desejosa de ver seus dois filhos, que ela havia deixado em casa aos cuidados de uma babá. Ela estava muito mal para movimentar-se, e entre uma e duas horas da madrugada entrou em uma espécie de transe. A viúva Turner, que velava por ela nesta noite, disse que seus olhos estavam abertos e fixos, e sua boca, entreaberta. A Sra. Turner colocou a mão na sua boca, mas não percebeu nenhuma respiração. Ela pensou que ela estivesse tendo um ataque, e não sabia se estava viva ou morta.

"Na manhã seguinte a moribunda falou à sua mãe que havia estado em casa com suas crianças, dizendo 'eu estive lá com elas enquanto dormia'.

"A babá em Rochester, a viúva Alexander, afirma que pouco antes das duas da madrugada ela viu a silhueta da sobredita Mary Goffe vir do quarto contíguo (onde a criança mais velha estava dormindo sozinha), deixando a porta aberta, e ficando ao lado da sua cama por cerca de um quarto de hora; a menorzinha estava lá dormindo com ela. Seus olhos se moveram e sua boca abriu, mas não disse nada. A babá, além disso, diz que estava perfeitamente acordada; e logo se fez dia (era um dos mais longos do ano). Ela sentou-se na cama e olhou firmemente para a aparição. Neste meio-tempo, ouviu o relógio bater duas horas, e logo depois disse: 'Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, quem és?' Então a aparição se moveu e foi-se; ela colocou suas roupas e a seguiu, mas para onde ela foi depois ela não sabia dizer."

A babá aparentemente ficou mais assustada com sua aparição do que com sua presença, pois depois disso ela ficou com medo de ficar em casa, e assim passou o resto do tempo até as seis horas caminhando para lá e para cá fora de casa. Quando os vizinhos acordaram ela lhes contou a história, e é claro que eles lhe disseram que ela havia sonhado tudo isso; ela naturalmente repudiou vivamente a idéia, mas não pôde obter nenhuma confirmação até que notícias do outro lado da história chegaram de West

Malling, quando as pessoas tiveram de admitir que havia alguma coisa ali.

Uma circunstância notável desta história é que a mãe achou necessário passar do sono comum para uma profunda condição de transe antes que pudesse conscientemente visitar as suas crianças; porém ela pode ser alinhada junto com grande número de casos similares que podem ser encontrados na literatura sobre o assunto.

Duas outras histórias precisamente do mesmo tipo - nas quais uma mãe moribunda, desejando ardentemente ver suas crianças, cai em sono profundo, as visita e volta para dizer que fez isso - são dadas pelo Dr. F. G. Lee. Em uma delas a mãe, ao morrer no Egito, aparece para suas crianças em Torquay, e é claramente vista à luz do dia por todas as crianças e também pela babá (Glimpses of the Supernatural - Vislumbres do Sobrenatural, vol. II, p. 64). Em outra, uma dama Quaker que morria em Cockermouth é claramente vista à luz diurna por suas três crianças em Seattle, o resto da história sendo praticamente idêntico à anterior (Glimpses in the Twilight - Vislumbres na Penumbra, p. 94). Ainda que estes casos sejam menos conhecidos que o de Mary Goffe, a evidência de sua autenticidade parece ser igualmente boa, a partir dos testemunhos obtidos pelo reverendo autor das obras de onde foram tirados.

O homem que possui integralmente este quarto tipo de clarividência tem muitas e grandes vantagens à sua disposição, mesmo em acréscimo àquelas já mencionadas. Não só pode visitar sem problemas ou despesas todos os lugares belos e famosos da Terra, mas se ocorre de ser um erudito, pense no que significaria para ele ter acesso a todas as bibliotecas do mundo! O que representaria para o cientista ver acontecendo diante de seus olhos tantos dos processos da química secreta da natureza, ou para o filósofo ter revelada muito mais do que jamais antes a operação dos grandes mistérios da vida e da morte? Para ele os que partiram deste plano já não são mortos, mas vivos e dentro de seu alcance durante um longo período à frente; para ele muitas das concepções da religião já não são artigos de fé, mas de conhecimento. Acima de tudo, ele pode unir-se à invisível armada de auxiliares, e realmente ser de utilidade em grande escala. Sem dúvida a clarividência, mesmo quando restrita ao plano astral, é uma grande bênção para o estudante.

Certamente ela também tem seus perigos, especialmente para o destreinado; perigo por causa de entidades perniciosas de vários tipos, que podem aterrorizar ou ferir aqueles que permitem que a coragem lhes falte para enfrentá-los audazmente; perigo de engano de todos os tipos, de compreender ou interpretar mal o que é visto; e, maior de todos, o perigo de se tornar seguro demais e imaginar-se imune a erros. Mas um pouco de bom senso e uma pequena prática facilmente o protegerão destes perigos.

5. Pela viagem com o corpo mental.

Este é simplesmente um tipo mais elevado e, diríamos, mais glorioso que o precedente. O veículo empregado já não é o corpo astral, mas o mental - um veículo, portanto, pertencendo ao plano mental, e possuindo em si todas as potencialidades da maravilhosa percepção daquele plano, tão transcendente em sua atividade mas tão impossível de descrever. Um homem funcionando neste nível deixa para trás seus corpos físico e astral, e se quiser mostrar-se no plano astral por qualquer razão, não usa para isso seu próprio veículo astral, mas por um simples ato de vontade materializa um novo para suas necessidades temporárias. Uma tal manifestação astral é às vezes chamada de mayavi rupa, e formá-la pela primeira vez usualmente requer a assistência de um Mestre qualificado.

As enormes vantagens ganhas pela posse de tal poder são a capacidade de entrar em toda a glória e beleza do reino superior de felicidade, e a posse, mesmo quando trabalhando no plano astral, do sentido mental muito mais abrangente, que franqueia ao estudante perspectivas assim maravilhosas de conhecimento, e praticamente torna os erros de todo impossíveis. Este vôo maior, entretanto, é possível somente para o homem adestrado, já que só com treinamento definido um homem pode neste estágio da evolução aprender a empregar seu corpo mental como veículo.

Antes de deixar o assunto da clarividência integral e voluntária, pode ser interessante devotarmos algumas palavras para responder a uma ou duas questões a respeito de suas limitações, que constantemente ocorrem para os estudantes. Somos amiúde questionados sobre se é possível para o vidente encontrar qualquer pessoa com quem deseje se comunicar, em qualquer lugar do mundo, seja viva ou morta.

A resposta para isto é afirmativa, mas condicionalmente. Pois é possível encontrar qualquer pessoa se o experimentador puder, de um modo ou de outro, colocar-se em sintonia com aquela pessoa. Seria infrutífero adentrar o espaço a esmo sem algum tipo de pista para encontrarmos um completo estranho entre todos os milhões que estão à nossa volta; mas, por outro lado, usualmente uma levíssima pista já é suficiente.

Se o clarividente sabe alguma coisa da pessoa que procura, não terá dificuldade em achá-la, pois cada homem tem o que se poderia chamar um tipo de acorde musical próprio - um acorde que é uma expressão de si como um todo, produzido talvez por alguma média das taxas de vibração de todos os seus diferentes veículos em seus respectivos planos. Se o pesquisador souber como distinguir o acorde e como reproduzi-lo, por vibração simpática instantaneamente atrairá a atenção do homem de onde quer que possa estar e evocará uma resposta imediata dele.

Ser o homem vivo ou recentemente falecido não fará qualquer diferença, e a clarividência do quinto tipo poderia encontrá-lo imediatamente mesmo entre os incontáveis milhões de habitantes do mundo celeste, ainda que neste caso o próprio homem seria inconsciente de que estaria sob observação. Naturalmente um vidente cuja consciência não chegasse mais alto que o plano astral - empregando portanto um dos métodos de visão descritos antes - não seria jamais capaz de encontrar uma pessoa no mundo mental; mas pelo menos seria capaz de dizer que o homem procurado estava naquele plano, pelo mero fato de soar o acorde no plano astral não ter produzido nenhuma resposta.

Se o homem procurado fosse um estranho ao pesquisador, este precisaria de algo ligado a ele para agir como pista - uma fotografia, uma carta escrita por ele, um objeto que lhe tenha pertencido, e impregnado de seu magnetismo pessoal; qualquer destes meios funcionaria nas mãos de um vidente com prática.

Digo novamente, não deve ser suposto que discípulos que foram ensinados a usar esta arte tenham liberdade de estabelecer qualquer tipo de agência de notícias pela qual se se pudesse comunicar com parentes ausentes ou falecidos. Uma mensagem dada deste lado para uma pessoa poderia ser ou não encaminhada, de acordo com as circunstâncias, mas mesmo se fosse, nenhuma resposta poderia ser trazida, exceto se a transação assumisse o caráter de fenômeno - algo que pudesse ser comprovado, no plano físico, como sendo um ato de magia.

Uma outra questão muito levantada é se, na atuação da visão psíquica, existe alguma limitação quanto à distância. A resposta pareceria ser a de que não haveria limitações, dentro dos mesmos planos. Deve ser lembrado que os planos astral e mental de nossa Terra são tão definitivamente seus como sua atmosfera física, ainda que se estendam muito mais do que ela mesmo no espaço tridimensional.

Conseqüentemente, a passagem para, ou a visão detalhada de, outros planetas não seria possível para nenhum sistema de clarividência ligado a estes planos. É muito possível e fácil para o homem que pode elevar sua consciência até o plano búdico passar para qualquer outro globo pertencente à nossa cadeia de mundos, mas isso cai fora de nosso presente assunto.

Mesmo assim uma boa quantidade de informação adicional sobre os outros planetas pode ser obtida pelo uso das faculdades clarividentes que estivemos descrevendo. É possível tornar a visão muitíssimo mais clara passando para fora dos constantes distúrbios da atmosfera terrestre, e também não é difícil de aprender como utilizar um altíssimo poder

magnificante, de modo que mesmo pela clarividência comum uma grande quantidade de interessantíssimo conhecimento astronômico poderia ser obtida. Mas até onde interessa a esta Terra e suas imediações, praticamente não há limitação.

CAPÍTULO 5 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: SEMIVOLUNTÁRIA

Sob este curioso título estou agrupando os casos de todas as pessoas que definitivamente dispõem-se para ver alguma coisa, mas não têm idéia do que esta coisa vai ser, nem controle após o início das visões - Micawbers psíquicos [de Wilkins Micawber, personagem da novela David Copperfield, de Charles Dickens - significa um indivíduo sempre otimista - NT], que se colocam em uma atitude receptiva, e então simplesmente esperam por algo acontecer. Muitos médiuns de transe caem nesta categoria; eles ou hipnotizam a si mesmos ou são hipnotizados por algum "espírito-guia", e então descrevem as cenas ou pessoas que por acaso flutuem diante de sua visão. Algumas vezes, entretanto, quando nesta condição eles vêem o que se passa à distância, e desse modo acabam ganhando um lugar entre nossos "clarividentes espaciais".

Mas o grupo maior e mais disseminado destes clarividentes semivoluntários são os vários tipos de olhadores de cristais - os que, como disse o Sr. Andrew Lang, "fitam dentro de uma bola de cristal, um copo, um espelho, um pote de tinta (Egito e Índia), uma gota de sangue (entre os Maoris da Nova Zelândia), uma bacia de água (Peles-vermelhas), uma poça (Roma e África), água em uma taça de vidro (em Fez), ou quase qualquer outra 'superfície polida' " (Dreams and Ghosts, p. 57).

Duas páginas mais adiante o Sr. Lang nos dá um excelente exemplo do tipo de visão mais freqüentemente conseguido deste modo. "Eu havia dado uma bola de cristal", diz ele, "para uma moça, Srta. Baillie, que quase não teve sucesso nenhum com ela. Então ela a emprestou à Srta. Leslie, que viu um grande sofá vermelho antigo e quadrado, que ela encontrou na primeira casa em que entrou. O irmão da Srta. Baillie, um jovem atleta, riu destes experimentos, levou a bola para o escritório, e voltou com um sorriso amarelo. Ele admitiu que tinha tido uma visão - alguém que conhecia debaixo de uma lâmpada. Durante a semana ele descobriria se havia visto corretamente ou não. Isto se passou às 5h30 de uma tarde de domingo.

"Na quarta-feira, o Sr. Baillie estava numa festa em uma cidade cerca de quarenta e cinco quilômetros de sua casa, e encontrou a Srta. Preston. 'Domingo', ele disse, 'cerca das 5h30 você estava sentada sob uma lâmpada com um vestido que eu nunca a vi usar, uma blusa azul com um laço nos ombros, servindo chá para um homem vestido de sarja azul, cujas costas estavam voltadas para mim, de modo que só vi a ponta de seu

bigode'.

" 'Mas como?, as janelas devem ter ficado abertas', disse a Srta. Preston.

" 'Eu estive em Dulby', disse o Sr. Baillie, e realmente estivera."

Este é um caso típico de visão por cristal - a imagem correta em cada detalhe, como se vê, e mesmo assim completamente irrelevante e não tendo nenhum significado aparente para qualquer uma das partes, exceto que serviu para provar ao Sr. Baillie, de que havia algo na visão por cristais. Talvez mais freqüentemente as visões tendam a ter um caráter romântico - homens em trajes estrangeiros, ou paisagens belas porém geralmente desconhecidas.

Agora, qual é a explicação para este tipo de clarividência? Como eu citei antes, pertence usualmente ao tipo "corrente astral", e o cristal ou outro objeto simplesmente atua como um foco para o poder de vontade do vidente, e um ponto de partida conveniente para seu tubo. Há alguns que podem influenciar o que vêem por sua vontade, isto é, têm o poder de apontar seu telescópio para onde quer que desejem; mas a grande maioria apenas forma um tubo fortuito e vê o que quer que se apresente do outro lado.

Algumas vezes a cena pode estar comparativamente perto, como no caso recém citado; noutras poderá ser uma distante paisagem oriental; noutras ainda pode haver uma reflexão de algum fragmento de um registro akashico, e então as figuras conterão personagens em roupas antigas, e o fenômeno passará à nossa terceira grande divisão, de "clarividência temporal". É dito que algumas vezes visões do futuro também são vistas em cristais - um desenvolvimento ulterior a que voltaremos mais tarde.

Já vi clarividentes usando em vez da superfície brilhante usual, uma negra, produzida por um punhado de carvão em pó sobre um prato. Na verdade não parece interessar muito o que é usado como foco, exceto que o cristal puro tem uma vantagem indubitável sobre outras substâncias porque seu arranjo peculiar de essência elemental o torna particularmente estimulante para as faculdades psíquicas.

Parece provável, contudo, que nos casos onde é usado um pequeno objeto brilhante - como um ponto de luz, ou a gota de sangue empregada pelos Maoris - o caso de fato é simplesmente uma auto-hipnose. Entre as nações não-européias o processo é freqüentemente precedido ou acompanhado de cerimônias mágicas e invocações de modo que é muito possível que tal visão assim adquirida possa ser na verdade a de uma outra entidade, e o fenômeno possa ser de fato meramente um caso de possessão temporária,

e não de clarividência.

CAPÍTULO 6 CLARIVIDÊNCIA ESPACIAL: VOLUNTÁRIA

Sob esta classificação podemos agrupar todos os casos nos quais visões de algum evento tendo lugar à distância aparecem de inopino e sem qualquer tipo de preparação. Há pessoas que são sujeitas a este tipo de visões, enquanto que há muitas outras para quem tal coisa só ocorre uma vez na vida. As visões são de todos os tipos e graus de completude, e aparentemente podem ser produzidas por um sem-número de causas. Algumas vezes a razão da visão é óbvia, e o assunto da maior importância; noutras vezes não se descobre nenhuma razão, e os eventos mostram um caráter o mais trivial.

Às vezes estes lampejos desta faculdade superfísica surgem como visões durante a vigília, e algumas vezes se manifestam durante o sono como um sonho vívido ou repetitivo. Neste último caso a visão empregada é talvez do tipo assinalado à nossa quarta subdivisão da clarividência espacial, pois o homem adormecido freqüentemente viaja em seu corpo astral para algum lugar intimamente ligado a seus afetos ou interesses, e simplesmente assiste ao que se passa lá; no primeiro caso parece provável que o segundo tipo de clarividência é chamada à atividade, através das correntes astrais. Mas neste caso a corrente ou tubo é formado inconscientemente, e às vezes é o resultado automático de forte pensamento ou emoção projetados de um lado para o outro - seja pelo vidente ou pela pessoa vista.

A idéia mais simples é dar uns exemplos dos diferentes tipos, e interpolar as explicações que parecerem necessárias. O Sr. Stead coletou uma grande e variada quantidade de casos recentes e bem autenticados no seu Real Ghost Stories, e tirarei alguns de meus exemplos dentre eles, ocasionalmente resumindo-os um pouco para economizar espaço.

Estes são casos nos quais é imediatamente óbvio para qualquer estudante de Teosofia que o caso excepcional de clarividência foi especialmente produzido por alguém do grupo que chamamos de "Auxiliares Invisíveis", a fim de que pudesse ser dada ajuda a alguém em grande necessidade. A esta classe pertence sem dúvida a história contada pelo Capitão Yonnt, de Napa Valley, na Califórnia, ao Dr. Bushnell, que o repete em seu Nature and the Supernatural (A Natureza e o Sobrenatural), p. 14.

"Cerca de seis ou sete anos atrás, em uma noite de meados do inverno, ele teve um sonho no qual viu o que parecia ser um grupo de emigrantes presos pela neve das montanhas, e perecendo rapidamente pelo frio e pela fome. Ele percebeu todas as características do cenário, marcado por um imenso despenhadeiro de rocha branca; ele viu os homens cortando o que

parecia ser as copas que emergiam de árvores profundamente mergulhadas em bolsões de neve; ele distinguiu as feições das pessoas e percebeu sua aflição especial.

"Ele acordou profundamente impressionado pela nitidez e aparente realidade do sonho. Em seguida caiu no sono de novo, e sonhou com exatamente a mesma cena de antes. De manhã, não podia afastar a mente disso. Encontrando-se logo depois com um velho companheiro caçador, contou-lhe a história, e ficou ainda mais impressionado por ele reconhecer sem hesitação o cenário do sonho. Este camarada veio da Sierra através do Passo do Vale Carson, e declarou que um local no Passo correspondia exatamente à sua descrição.

"Nesse meio-tempo o pragmático patriarca decidira-se. Imediatamente reuniu uma companhia de homens, com mulas e cobertores e todas as provisões necessárias. Enquanto isso os vizinhos riam de sua credulidade. 'Não importa', ele disse, 'sou capaz de fazer isso, e o farei, pois acredito piamente que os fatos estão de acordo com meu sonho'. Os homens foram mandados para as montanhas a mais de duzentos quilômetros de distância direto ao Passo do Vale Carson. E lá encontraram o grupo exatamente nas condições do sonho, e trouxeram os sobreviventes consigo."

Mesmo não sendo mencionado se o Cap. Yonnt era ou não dado a ter visões, parece claro que algum auxiliar, observando as desesperadas condições do grupo de emigrantes, levou para o local em corpo astral a pessoa mais impressionável e ao mesmo tempo adequada (que calhou de ser o Capitão), e despertou-o o suficiente para que se fixasse a cena firmemente em sua memória. O auxiliar pode, em vez, possivelmente ter arranjado uma "corrente astral" para o Capitão, mas a primeira sugestão é mais provável. De qualquer modo o motivo, e em linhas gerais o método, do trabalho falam por si neste caso.

Algumas vezes a "corrente astral" pode ser estabelecida por um pensamento fortemente emocional do outro lado da linha, e isso pode suceder mesmo que o pensador não tenha esta intenção em mente. Na extraordinária história que logo vou contar, é evidente que a conexão foi formada pelo freqüente pensamento do doutor sobre a Srª. Broughton, mesmo que ele claramente não tivesse nenhum desejo especial de que ela soubesse o que ele fazia então. Que este foi o tipo de clarividência utilizada é demonstrado pela fixidez do ponto de vista dela - o qual, seja notado, não é o ponto de vista do doutor transferido simpaticamente (como poderia ter sido), uma vez que ela vê as suas costas sem reconhecê-lo. A história é encontrada em Proceedings of the Psychical Research Society (Investigações da Sociedade de Pesquisas Psíquicas), vol. II, p. 160.

"A Sra. Broughton acordou certa noite em 1844, e chamou seu marido, dizendo-lhe que algum infortúnio havia sucedido na França. Ele pediu que ela voltasse a dormir, e não o incomodasse. Ela assegurou-lhe que não estava dormindo quando viu o que insistia para lhe contar - o que de fato ela viu.

"Primeiro um acidente de carruagem - que ela em verdade não viu, mas o que vira foram seus resultados - uma carruagem quebrada, uma multidão reunida, uma pessoa gentilmente carregada e levada para a casa mais próxima, e então uma pessoa deitada numa cama, que ela reconheceu ser o Duque de Órleans. Gradualmente amigos se reuniram à volta do leito - entre eles vários membros da família real francesa - a rainha, depois o rei, todos silenciosos, chorando, observando a agonia do Duque, que evidentemente estava às portas da morte. Um homem (ela pôde ver as suas costas, mas não sabia quem era) era um médico. Ele ficou inclinado sobre o Duque, sentindo seu pulso, com o relógio na outra mão. Então tudo se dissipou e ela não viu mais nada.

"Assim que o dia se fez ela escreveu em seu diário tudo o que vira. Isso foi antes dos dias do telégrafo, e dois dias ou mais se passaram antes que o Times anunciasse 'A Morte do Duque de Órleans'.

"Visitando Paris pouco tempo depois, ela viu e reconheceu o lugar do acidente e recebeu a explicação para sua impressão. O médico que atendeu o Duque era um velho amigo seu, e enquanto ele estava junto à cama sua mente estivera constantemente ocupada com ela e sua família."

Uma circunstância mais banal é aquela em que uma forte afeição estabelece a corrente necessária; provavelmente uma corrente constante de pensamentos mútuos estivesse fluindo entre as duas partes interessadas no caso, e alguma necessidade súbita ou urgência extrema de parte de um deles temporariamente polariza a corrente com o poder necessário para criar um telescópio. Um exemplo ilustrativo é citado do mesmo Proceedings, vol. I, p. 30.

"Em 9 de setembro de 1848, no cerco de Mooltan, o Major-General R....., C. B., então servindo como oficial de comunicações de seu regimento, foi severa e perigosamente ferido; e, supondo-se à beira da morte, pediu a um dos oficiais que estavam consigo que tirasse o anel de seu dedo e o enviasse à esposa, que no momento estava a quase duzentos e quarenta quilômetros distante, em Ferozepore.

" 'Na noite de 9 de setembro de 1848', sua esposa escreveu, 'eu estava deitada em minha cama, entre o sono e a vigília, e então vi nitidamente meu marido ser carregado do campo de batalha seriamente ferido, e ouvi sua

voz dizendo: "Tire este anel de meu dedo e o remeta à minha esposa". Durante todo o dia seguinte eu não pude tirar de minha mente a imagem a voz dele.

" 'No devido tempo eu soube que o General R..... havia sido gravemente ferido no assalto de Mooltan. Ele sobreviveu, e vive até hoje. Não foi senão após o cerco que eu soube pelo General L....., o oficial que ajudou a carregar meu marido para fora do campo de batalha, que o pedido sobre o anel foi realmente feito, exatamente como eu o ouvi em Ferozepore no mesmo exato instante.' "

Então chegamos à enorme classe de visões clarividentes ocasionais que não têm causas detectáveis - que aparentemente são de todo fortuitas, e não têm qualquer relação reconhecível com quaisquer eventos conhecidos pelo vidente. A esta classe pertencem muitas das paisagens vistas por algumas pessoas logo antes de dormirem. Eu cito um exemplo fundamental e muito realista de uma experiência deste tipo a partir de Real Ghost Stories, de W. T. Stead, p. 65.

"Eu fui para cama mas não consegui dormir, então fechei os olhos e esperei o sono chegar; em vez de sono, entretanto, contemplei uma série curiosamente vívida de imagens clarividentes. Não havia nenhuma luz no quarto, estava perfeitamente escuro; e eu mantinha também meus olhos fechados. Mas não obstante a escuridão eu subitamente me dei conta de estar olhando para uma cena de beleza singular. Foi como se eu visse uma miniatura viva do tamanho de um diapositivo. Posso recordar a cena agora como se a estivesse vendo. Era um braço de mar. A lua estava brilhando sobre a água, que mansamente ondulava sobre a praia. Bem à minha frente havia um longo trapiche, que adentrava o mar.

"No fim do trapiche rochas irregulares surgiam acima do nível da água. Na praia havia diversas casas, quadradas e rústicas, que não se pareciam com nada que eu já tivesse visto em termos de arquitetura doméstica. Não havia mais ninguém, mas a lua estava lá, e o mar e o luar sobre as ondas, como se eu estivesse olhando para a cena real.

"Era tão bonito que eu lembro de pensar que se eu continuasse ficaria tão interessado em olhar que eu jamais dormiria. Eu estava bem desperto, e ao mesmo tempo que eu via a cena, ouvia nitidamente o pingar da chuva na janela. Então, de súbito, sem qualquer propósito ou razão aparente, a cena mudou.

"O mar enluarado desapareceu, e em seu lugar eu olhava direto para dentro de uma sala de leitura. Parecia que ela era usada como sala de aula durante o dia, e à noite era empregada como sala de leitura. Eu lembro de

ver um leitor que se parecia curiosamente com Tim Harrington, mas que não era ele, erguer uma revista ou livro na mão e rir. Não era uma imagem - aconteceu.

"A cena era como se você estivesse olhando através de um binóculo de teatro; você via o movimento dos músculos, o brilho do olho, todas as circunstâncias das pessoas desconhecidas no lugar ignorado que você estivesse vendo. Eu as vi sem abrir os olhos, nem eles tinham algo a ver com isso. Você vê estas coisas como se com um outro sentido que está mais dentro de sua cabeça do que seus olhos.

"Esta foi uma experiência muito pobre e trivial, mas me possibilitou entender melhor como atuam os clarividentes do que qualquer quantidade de pesquisa.

"A imagem era fortuita; não havia sido sugerida por nada que eu estivesse lendo ou sobre o que tivesse falado; simplesmente veio como se eu fosse capaz de olhar através de uma lente para o que estava ocorrendo em algum lugar do mundo. Eu tive minha visão, e passou, e nunca tive outra experiência semelhante."

O Sr. Stead a considera "uma experiência pobre e trivial", e talvez possa ser considerada assim em comparação a possibilidades maiores, mas eu conheço muitos estudantes que seriam mais do que agradecidos se tivessem até assim pouco de experiência pessoal direta para contar. Pequena em si como possa ser, de imediato deu ao vidente uma chave para toda a coisa, e a clarividência seria uma realidade viva para o homem que tivesse visto mesmo tão pouco, de um modo que não poderia ter acontecido se ele não tivesse tido aquele pequeno toque do mundo invisível.

Estas imagens eram claras demais para ser apenas reflexos de pensamentos alheios, e além disso, a descrição sem dúvida demonstra que foram visões obtidas com um telescópio astral; assim ou o próprio Sr. Stead deve ter inconscientemente disposto uma corrente, ou (o que é muito mais provável) alguma benevolente entidade astral a dispôs para ele, e lhe deu, para evitar uma espera tediosa, quaisquer imagens que estivessem à mão no fim do tubo.

CAPÍTULO 7 CLARIVIDÊNCIA TEMPORAL: O PASSADO

A clarividência temporal - isto é, o poder de ler o passado e o futuro - é, como as outras variedades, possuída por diferentes pessoas em graus muitíssimo variáveis, desde o homem que tem ambas as faculdades inteiramente a seu comando, até o que só ocasionalmente obtém um vislumbre ou reflexo involuntário e muito imperfeito destas cenas de outros

tempos. Uma pessoa deste último tipo poderia ter, digamos, a visão de algum evento no passado; mas possivelmente chegaria seriamente distorcida, e mesmo se acontecesse de ser bem nítida quase certamente seria uma imagem isolada, e ele seria bem incapaz de relatar o que tivesse acontecido antes ou depois dela, ou explicar qualquer coisa incomum que aparecesse nela. O homem treinado, de outra parte, poderia acompanhar o drama ligado a esta imagem para diante ou para trás, em qualquer extensão que pudesse parecer desejável, e detectar com igual facilidade as causas que a originaram ou os resultados que por sua vez produziu.

Provavelmente acharíamos mais fácil de entender esta parte algo dificultosa de nosso assunto se a considerássemos nas subdivisões que espontaneamente sugerem a si mesmas, e tratássemos primeiro da visão do passado, deixando para examinar depois a que atravessa o véu do futuro. Em cada caso seria bom tentarmos entender o que pudermos do modus operandi, mesmo que nosso sucesso possa ser apenas parcial, devido primeiro à informação imperfeita sobre algumas partes do assunto possuída atualmente por nossos investigadores, e em segundo pela recorrente impossibilidade de as palavras físicas expressarem sequer a centésima parte do pouco mesmo que já sabemos a respeito dos planos e faculdades superiores.

No caso então de uma detalhada visão do passado remoto: como é obtida, e a que plano da Natureza pertence realmente? A resposta para ambas as perguntas é contida na resposta de que ela é lida nos registros akáshicos; mas isso vai requerer uma boa dose de explicação para muitos leitores. A palavra na verdade é enganosa, pois ainda que os registros sejam indubitavelmente lidos do akasha, ou matéria do plano mental, não pertencem a ele. Ainda pior é o nome alternativo "registros da luz astral", que algumas vezes tem sido empregado, pois estes registros jazem muito além do plano astral, e tudo o que nele pode ser obtido são fragmentos de um tipo de reflexão dupla, como a seguir explicaremos.

Como tantos outros de nossos termos Teosóficos, a palavra akasha tem sido utilizada muito inconsistentemente. Em alguns de nossos primeiros livros foi considerada como sinônimo de luz astral, e em outros foi empregada para significar qualquer tipo de matéria invisível, desde mulaprakriti até o éter físico. Em livros posteriores seu uso foi restrito à matéria do plano mental, e é neste sentido que os registros podem ser chamados de akáshicos, pois ainda que não sejam feitos originalmente naquele plano mais do que no astral, ainda é lá que definitivamente entramos em contato e verificamos ser possível fazer um trabalho confiável com eles.

Este assunto dos registros de modo algum é simples de lidar, pois é um daqueles que requerem para sua perfeita compreensão capacidades de um

tipo muito superior a todas que a humanidade de modo geral já desenvolveu até agora. A solução real de seus problema jaz em planos muito mais além de qualquer um que possamos conhecer no presente, e qualquer vislumbre que tivermos deles deve necessariamente ser do caráter mais imperfeito, uma vez que não podemos senão olhar para eles de baixo em vez de de cima. A idéia que formamos disso deve ser assim somente parcial, mas não precisa ser enganosa a não ser que nos permitamos pensar no minúsculo fragmento, que é tudo o que podemos ver, como se fosse o perfeito todo. Se tomarmos o cuidado para que nossa concepção, do modo que for possível formá-la, seja exata até onde puder ser, não teremos nada a desaprender, mas muito para acrescentar, quando no decurso de nosso progresso ulterior gradualmente adquirirmos a visão superior. Seja entendido desde o princípio que uma compreensão completa de nosso assunto, no presente estágio de nossa evolução, é uma impossibilidade, e que muitos pontos surgirão para os quais nenhuma explicação será possível, ainda que possa ser possível sugerir analogias e indicar as linhas ao longo das quais pode brotar uma explicação.

Tentemos então remontar em pensamento aos primórdios deste sistema solar a que pertencemos. Todos nós estamos familiarizados com a teoria astronômica corrente sobre sua origem - a que costumeiramente é chamada hipótese nebular - de acordo com a qual primeiro veio à existência como uma gigantesca nebulosa incandescente, de diâmetro muito maior mesmo do que a órbita do planeta mais exterior, e então, no decurso de eras incontáveis, aquela enorme esfera gradualmente arrefeceu e se contraiu, e o sistema como o conhecemos foi formado.

A ciência oculta aceita esta teoria, em seus contornos gerais, como uma representação correta do lado puramente físico da evolução de nosso sistema, mas acrescentaria que, se limitarmos nossa atenção a este lado físico somente, teremos uma idéia muito incompleta e incoerente do que realmente ocorreu. Para começar, postularia que o exaltado Ser que empreendeu a formação do sistema (a Quem às vezes chamamos de Logos do sistema) primeiro de tudo formou em Sua mente uma concepção completa do todo com todas as suas sucessivas cadeias de mundos. Pelo mero ato de formar esta concepção Ele chamou simultaneamente o todo à existência objetiva no plano de Seu próprio pensamento - um plano é claro muito acima de qualquer um que tenhamos conhecimento - de onde os vários globos descem, quando necessário, para qualquer estado de maior objetividade que possa estar destinado para eles. A menos que tenhamos este fato constantemente na mente, da existência real em um plano superior de todo o sistema desde o seu mais remoto princípio, estaremos perpetuamente entendendo mal a evolução física que testemunhamos ter lugar aqui embaixo.

Mas o Ocultismo tem mais do que isso para ensinar neste ponto. Conta-nos

não só que todo este maravilhoso sistema a que pertencemos é chamado à existência pelo Logos, tanto no plano inferior como nos superiores, mas também que sua relação para com Ele é ainda mais íntima que isso, pois é absolutamente uma parte d'Ele - uma expressão parcial Sua no plano físico - e que o movimento e energia de todo o sistema é Sua energia, e tudo acontece dentro dos limites de Sua aura. Estupenda como é esta concepção, mesmo assim não será impensável para aqueles que tiverem feito algum estudo sobre o assunto da aura.

Estamos familiarizados com a idéia de que uma pessoa, ao progredir no caminho ascendente, seu corpo causal, que determina o limite de sua aura, aumenta nitidamente seu tamanho, assim como sua luminosidade e pureza de cores. Muitos de nós sabem por experiência própria que a aura de um discípulo que já fez considerável avanço na Senda é muito maior do que a de um que esteja só colocando seu pé sobre o primeiro degrau, enquanto que no caso do Adepto o aumento é proporcionalmente muito maior. Lemos em escrituras orientais bem exotéricas sobre o imenso tamanho da aura do Buda; penso que foi mencionado uma vez que seu limite chega a quase cinco quilômetros, mas qualquer que possa ser a medida exata, é óbvio que temos aqui um outro registro deste fato do crescimento extremamente rápido do corpo causal à medida que o homem ascende em seu caminho. Resta pouca dúvida de que a progressão deste crescimento seja geométrica, de modo que não precisa nos surpreender quando ouvirmos falar de algum Adepto em um nível ainda mais alto cuja aura seja capaz de incluir o mundo inteiro de uma vez; e daí podemos gradualmente levar nossas mentes à concepção de que existe um Ser tão exaltado que é capaz de compreender em Si todo o sistema solar. E deveríamos lembrar que, por mais gigantesco que o sistema inteiro nos pareça, não passa de uma minúscula gota no vasto oceano do espaço.

Assim também é, verdadeiramente, a respeito do Logos (que tem em Si todas as capacidades e qualidades que poderíamos atribuir ao Deus mais elevado que pudéssemos imaginar), pois foi dito antigamente que "d'Ele e por Ele e para Ele todas as coisas existem", e "n'Ele nós vivemos, nos movemos e temos nosso ser."

Agora, se assim for, é claro que qualquer coisa que aconteça dentro de nosso sistema acontece absolutamente dentro da consciência de seu Logos, e assim de imediato percebemos que o verdadeiro registro deve ser a Sua memória; e mais ainda, é óbvio que em qualquer que seja o plano em que aquela estupenda memória exista, não pode estar senão muito acima de tudo o que conhecemos, e conseqüentemente quaisquer registros que possamos ser capazes de ler devem ser apenas um reflexo de um grande fato dominante, espelhado no meio mais denso dos planos inferiores.

No plano astral é logo evidente que assim é - que estamos lidando somente

com um reflexo de um reflexo, e excessivamente imperfeito, pois tais registros, do modo como podem ser alcançados lá, são extremamente fragmentários, e amiúde muitíssimo distorcidos. Sabemos quão universalmente a água é usada como símbolo da luz astral, e neste caso particular é um símbolo notavelmente adequado. Da superfície da água parada podemos obter uma reflexão clara dos objetos circundantes, como se num espelho; mas na melhor da hipóteses é só um reflexo - uma representação em duas dimensões de objetos tridimensionais, e portanto diferindo totalmente daquilo que representa, exceto pela cor; e além disso, é sempre invertido.

Mas se a superfície da água for agitada pelo vento, então o que encontramos? Ainda um reflexo, certamente, mas tão estilhaçado e distorcido que chega a ser inútil ou mesmo enganoso como indicativo da forma e aparência real do objeto refletido. Aqui e ali por um momento pode acontecer de conseguirmos alguma reflexão clara de alguma diminuta parte da cena - uma só folha de uma árvore, por exemplo; mas seria preciso um longo trabalho e um conhecimento considerável das leis da Natureza para reconstruir qualquer coisa semelhante a uma concepção verdadeira do objeto refletido, mesmo se colocássemos juntos um grande número de fragmentos isolados de sua imagem.

Mas no plano astral jamais podemos ter algo que imaginemos se aproxime de uma superfície parada, mas ao contrário temos sempre que lidar com uma em movimento rápido e tumultuoso; considere, portanto, quão pouco podemos confiar de obter um reflexo claro e nítido. Assim, um clarividente que possua somente a faculdade de visão astral jamais pode confiar como sendo precisa e perfeita uma imagem do passado que lhe chegar; aqui e ali alguma parte dela o pode ser, mas ele não tem meios de saber qual. Se ele está sob orientação de um professor competente, pode, por treinamento longo e cuidadoso, ser ensinado como distinguir entre as impressões confiáveis e as suspeitas, e construir, a partir de reflexos parciais, algum tipo de imagem do objeto refletido; mas usualmente muito antes de ele dominar estas dificuldades ele terá desenvolvido a visão mental, que torna tal trabalho desnecessário.

No próximo plano, que chamamos mental, as condições são muito diferentes. Aqui o registro é completo e preciso, e seria impossível fazer qualquer erro na leitura. Isto é, se três clarividentes possuindo os poderes do plano mental concordassem em examinar algum registro lá, o que seria apresentado à sua visão seria exatamente o mesmo reflexo para cada um deles, e cada um teria pela leitura uma impressão correta dele. Não se segue, entretanto, que quando todos eles compararem depois suas observações no plano físico, seus relatos concordarão ponto por ponto. É bem sabido que se três pessoas que testemunham algum incidente aqui em baixo no mundo físico se puserem depois a descrevê-lo, seus relatos

diferirão consideravelmente, pois cada uma terá percebido especialmente aquelas circunstâncias que lhe forem mais atraentes, e inconscientemente as tornarão as características mais relevantes do evento, algumas vezes ignorando outros pontos que de fato poderiam ser muito mais importantes.

Mas no caso de uma observação no plano mental esta equação pessoal não afetaria apreciavelmente as impressões recebidas, pois uma vez que cada um perceberia integralmente todo o assunto, ser-lhe-ia impossível ver suas partes fora de proporção; mas, exceto nos casos de pessoas cuidadosamente treinadas e experientes, este fator passa a importar no momento da transferência das impressões para os planos inferiores. Pela própria natureza das coisas, é impossível que qualquer descrição dada aqui em baixo de uma visão ou experiência do plano mental possa ser completa, já que nove décimos do que é visto e sentido lá, não poderiam jamais ser expressos por palavras físicas; e, desde que toda a expressão deve ser portanto parcial, obviamente há alguma possibilidade de haver seleção na parte a ser expressa. É por esta razão que em todas as nossas investigações Teosóficas dos últimos anos têm sido dada tanta ênfase sobre a constante comparação e confirmação do testemunho clarividente, e nada que dependesse da visão de uma só pessoa foi permitido aparecer em nossos últimos livros.

Mas mesmo quando a possibilidade de erro por causa deste fator da equação pessoal for reduzido a um mínimo pelo cuidadoso sistema de testes cruzados, permanece ainda a seríssima dificuldade que é inerente à operação de trazer impressões de um plano superior a um inferior. Isto é algo análogo à dificuldade experimentada por uma pintura, em sua tentativa de reproduzir uma paisagem tridimensional numa superfície plana - isto é, praticamente em duas dimensões. Assim como o artista precisa de um longo e cuidadoso treino do olhar e da mão antes que possa produzir uma representação satisfatória da Natureza, igualmente o clarividente precisa de um longo e cuidadoso treinamento antes que possa descrever acuradamente em um plano inferior o que ele vê em um superior; e a probabilidade de obter uma descrição exata de uma pessoa destreinada é quase igual à de esperar obter uma paisagem perfeitamente acabada de alguém que jamais aprendeu a desenhar.

Deve ser lembrado, também, que a mais perfeita pintura está na realidade infinitamente longe de ser uma reprodução da cena que representa, pois dificilmente uma única linha ou ângulo que seja serão iguais ao do objeto copiado. É simplesmente uma maneira muito engenhosa de fazer sobre os nossos cinco sentidos, através de linhas e cores em uma superfície plana, uma impressão similar à que teríamos se de fato estivéssemos diante da cena pintada. Exceto por uma sugestão que depende inteiramente de nossas experiências prévias, não pode nos transmitir nada do marulho do mar, ou do perfume das flores, do gosto das frutas, ou da suavidade ou

aspereza da superfície imitada.

Ainda que em grau muito maior, as dificuldades experimentadas por um clarividente em sua tentativa de descrever no plano físico o que viu no plano astral são exatamente da mesma natureza; e são além do mais muito ampliadas pelo simples fato de que, ao invés de ter meramente que lembrar às mentes de seus ouvintes concepções que eles já conhecem, assim como o faz o artista quando pinta pessoas ou animais, campos ou árvores, ele tem de tentar, com os meios imperfeitos que tem à disposição, sugerir-lhes concepções que na maior parte dos casos lhes são inteiramente novas.

Pouco admira, pois, que por mais vívidas e assombrosas que suas descrições possam parecer para sua audiência, ele constantemente estará impressionado com sua total inadequação, e sentiria que seus melhores esforços de transmitir qualquer idéia do que ele realmente vê terão falhado por completo. E devemos lembrar que no caso de um relato dado aqui em baixo de um registro lido no plano mental, esta difícil operação de transferência do superior para o inferior tem de ocorrer não só uma, mas duas vezes, uma vez que a lembrança teve de ser trazida através do plano astral intermédio. Mesmo no caso onde um investigador tem a vantagem de ter desenvolvido suas faculdades mentais ao ponto de poder usá-las durante a vigília no corpo físico, ele ainda é limitado pela absoluta incapacidade da linguagem física de expressar o que vê.

Tente por um momento perceber o que é chamado de quarta dimensão, da qual já falamos um pouco em um capítulo anterior. É muito fácil pensarmos em nossas próprias três dimensões - imaginar em nossas mentes o comprimento, largura e altura de qualquer objeto; e vemos que cada uma destas dimensões é expressa por uma linha em ângulo reto em relação às outras duas. A idéia da quarta dimensão é de que seria possível desenhar uma quarta linha que estivesse em ângulo reto em relação às outras três já existentes.

A mente comum não pode sequer conceber esta idéia, ainda que alguns poucos que tenham algum estudo sobre este assunto gradualmente se tornem capazes de perceber uma ou duas das figuras quadridimensionais mais simples.

Mesmo assim, nenhuma palavra que pudessem usar neste plano daria uma imagem destas figuras para a mente dos leitores, e se qualquer leitor que se não tiver treinado especialmente ao longo desta linha fizer um esforço de visualizar tal figura verá que é completamente em vão. Pois expressar uma tal forma claramente em palavras físicas seria, de fato, descrever precisamente um objeto do plano astral; mas examinando os registros do plano mental teríamos de fazer face às dificuldades adicionais de uma

quinta dimensão! De modo que a impossibilidade de explicar plenamente estes registros fica óbvia até para a observação mais superficial.

Nós falamos dos registros como sendo a memória do Logos, mas são ainda muito mais do que uma memória no sentido usual da palavra. Seria inútil tentar imaginar como estas imagens apareceriam de Seu próprio ponto de vista, mas sabemos que à medida que subimos mais e mais devemos estar chegando mais perto da memória real - devemos estar vendo mais como Ele vê; de modo que um grande interesse está associado à experiência clarividente com referência a estes registros quando chegamos ao plano búdico - o máximo que nossa consciência pode chegar mesmo quando fora do corpo físico, antes de atingirmos o nível de Arhat.

Aqui tempo e espaço já não o limitam; aqui já não se necessita passar, como no plano mental, uma série de eventos em revista, pois passado, presente e futuro estão todos simultaneamente presentes a ele, não importa como isso possa soar aqui em baixo. Na verdade, este plano, exaltado como é, mesmo assim está infinitamente abaixo da consciência do Logos, e vemos que é completamente claro, a partir do que estudamos, que para Ele estes registros devem ser muito mais do que aquilo que chamamos de memória, pois tudo o que aconteceu no passado e tudo o que vai acontecer no futuro está acontecendo agora diante de Seus olhos exatamente como os eventos que consideramos como sendo presentes. Completamente incrível, totalmente incompreensível para nossa compreensão limitada; mas absolutamente verdadeiro.

Naturalmente não poderíamos esperar entender, no nosso estágio atual de conhecimento, como é produzido este maravilhoso resultado, e tentar uma explicação seria somente envolvermo-nos em uma névoa de palavras onde não ganharíamos nenhuma informação real. Mas acode à minha mente uma linha de pensamento que talvez sugira a direção na qual tal explicação possa ser encontrada; e o que quer que nos ajude a compreender esta asserção tão espantosa no final das contas pode ser de utilidade para a expansão de nossas mentes.

Cerca de trinta anos atrás lembro de ter lido um livreto muito curioso, chamado, imagino, The Stars and the Earth (As Estrelas e a Terra), cujo escopo era tentar demonstrar como era cientificamente possível que para a mente de Deus o passado e o presente poderiam ser absolutamente simultâneos. Sua argumentação me impressionou na época por ser decididamente engenhosa, e tentarei sumarizá-la, pois imagino que seja algo sugestivo em relação com o assunto que estamos considerando.

Quando vemos qualquer coisa, seja um livro que temos nas mãos ou uma estrela a milhões de quilômetros distante, o fazemos através de uma

vibração no éter, comumente chamada de raio de luz, que passa do objeto visto até os nossos olhos. A velocidade em que passa esta vibração é tão grande - cerca de 300.000 km por segundo - que quando lidamos com algum objeto em nosso próprio mundo podemos considerá-la praticamente instantânea. Quando, entretanto, passamos a tratar de distâncias interplanetárias temos que levar em consideração a velocidade da luz, pois leva um tempo considerável atravessar estes vastos espaços. Por exemplo, leva oito minutos e pouco para a luz viajar do Sol até nós, de modo que quando olhamos para o globo solar o vemos por meio de um raio de luz que o deixou há mais de oito minutos atrás.

Disto se segue um resultado curioso. O raio de luz pelo qual podemos ver o Sol pode obviamente nos informar do estado das coisas naquela luminária que existiam quando ele iniciou sua viagem, e de modo algum seria afetado por qualquer coisa que acontecesse lá depois de a ter deixado; de modo que realmente não vemos o Sol como ele é, mas como ele era oito minutos atrás. Isto é, se qualquer coisa importante acontecesse no Sol - a formação de uma nova mancha solar, por exemplo - um astrônomo que o estivesse observando através de seu telescópio estaria, no momento, completamente ignorante do incidente enquanto este estivesse acontecendo, uma vez que o raio de luz trazendo as novidades não o atingiria senão oito minutos depois.

A diferença é ainda mais impressionante quando consideramos as estrelas fixas, porque em seu caso as distâncias são enormemente maiores. A estrela Polar, por exemplo, está tão longe que a luz, viajando naquela inconcebível velocidade já mencionada, leva cerca de cinqüenta anos para chegar em nossos olhos; e disso inferimos que vemos a estrela Polar não como e onde ela está neste momento, mas como era e onde estava há cinqüenta anos atrás. Ainda, se amanhã alguma catástrofe cósmica despedaçasse a estrela Polar, ainda a veríamos brilhar pacífica no céu pelo resto de nossas vidas; nossas crianças cresceriam até a meia-idade e já teriam seus próprios filhos em seu redor antes que a percepção deste tremendo acidente chegasse a qualquer olho terreno. Da mesma maneira há outras estrelas tão distantes que a luz leva milhares de anos para viajar até nós, e com referência à nossa informação a respeito delas, estamos milhares de anos desatualizados.

Agora levemos este argumento um passo adiante. Suponhamos que fôssemos capazes de colocar um homem à distância de 300.000 km da Terra, e ainda concedendo-lhe a maravilhosa capacidade de àquela distância ver o que estava acontecendo aqui tão claramente como se ainda estivesse ao nosso lado. É evidente que este homem veria tudo um segundo depois do momento em que realmente tivesse ocorrido, e neste presente momento ele estaria vendo o que ocorreu há um segundo atrás. Dobre a distância, e ele estará dois segundos atrasado, e assim por diante; carregue-o para a distância do Sol (ainda preservando o mesmo misterioso

poder de visão) e ele olharia para baixo e veria você fazendo não o que está fazendo agora, mas o que você estava fazendo há pouco mais de oito minutos atrás. Leve-o até a estrela Polar, e ele veria se passando diante de seus olhos eventos de cinqüenta anos atrás; ele estaria vendo as fraldas daqueles que hoje são realmente homens de meia-idade. Por maravilhoso que isso possa soar, é literalmente uma verdade científica, e não pode ser negada.

O livreto prosseguia, argumentando bastante logicamente, que Deus, sendo onipotente, deve possuir o poder maravilhoso de visão que postulamos para aquele observador; e mais, que sendo onipresente, Ele deve estar em todos os pontos de observação que mencionamos, e também em todos os locais intermediários, não sucessiva, mas simultaneamente.

Aceitando estas premissas, a dedução inevitável que segue é a de que tudo o que tiver acontecido desde o início do mundo deve estar neste exato momento se passando diante dos olhos de Deus - não uma mera memória, mas a verdadeira ocorrência estando ela mesma debaixo de Sua observação.

Toda esta teoria é bem materialista, e fica no plano da pura ciência física, e portanto devemos estar seguros de que este não é o modo pelo qual funciona a memória do Logos; mesmo que esteja nitidamente desenvolvida e seja absolutamente incontroversa, e como já disse, não deixa de ter serventia, uma vez que nos dá um vislumbre de algumas possibilidades que doutra forma não nos ocorreriam.

Mas, poderíamos perguntar, como é possível, por entre a estonteante confusão destes registros do passado, encontramos uma imagem particular que buscamos? Certamente o clarividente destreinado não o pode de hábito fazer sem ter algum elo para colocá-lo em sintonia com o assunto requerido. A psicometria é um exemplo aqui, e é muito provável que nossa memória comum seja realmente só uma outra apresentação da mesma idéia. Parece que haveria algum tipo de magnetismo associado ou afinidade entre as partículas de matéria e o registro que contém sua história - uma afinidade que possibilita que aja como uma espécie de condutor entre o registro e as faculdades de qualquer um que o possa ler.

Por exemplo, uma vez eu trouxe de Stonehenge um pequeno fragmento de rocha, não maior que a cabeça de um alfinete, e o coloquei num envelope, e ao entregá-lo a uma psicômetra que não fazia idéia do que fosse aquilo, ela começou de imediato a descrever aquela maravilhosa ruína e a planície desolada que a cerca, e então passou a descrever vividamente o que evidentemente eram cenas de sua antiga história, mostrando que aquele fragmento infinitesimal havia sido suficiente para colocá-la em comunicação

com os registros ligados ao local de onde vieram. As cenas por que passamos no decurso de nossas vidas parecem agir do mesmo modo sobre as células de nosso cérebro como o fez a história de Stonehenge sobre aquela partícula de rocha; elas estabelecem uma conexão com aquelas células por meio do que nossa mente é posta em sintonia com aquela porção particular dos registros, e então nós "lembramos" o que vimos.

Mesmo um clarividente treinado precisa de algum elo que o capacite encontrar o registro de um evento do qual não tem conhecimento prévio. Se por exemplo, desejarmos observar o desembarque de Júlio César nas praias da Inglaterra, há vários modos pelos quais poderíamos abordar do assunto. Se acontecer de ele já ter visitado a cena do evento, a maneira mais simples provavelmente seria evocar a imagem daquele local, e então recorrer de trás para diante os registros até chegar ao período desejado. Se ele não tiver visto o local, ele pode remontar à data do evento, e então procurar no Canal da Mancha uma frota de galeras romanas; ou ele poderia examinar os registros da vida romana nesta época, onde ele não teria dificuldade nenhuma de identificar uma figura tão proeminente como César, ou seguí-lo através de suas guerras na Gália até quando colocou seus pés na terra Britânica.

As pessoas indagam freqüentemente sobre o aspecto destes registros - se eles aparecem perto ou longe do olho, se as figuras são grandes ou pequenas, se as imagens se seguem umas às outras como num panorama ou se fundem umas nas outras como visões evanescentes, e assim por diante. Só podemos responder que a sua aparência varia até certo ponto dependendo das condições em que são observadas. No plano astral o reflexo é mais costumeiramente uma simples imagem, ainda que algumas vezes as figuras sejam dotadas de movimento; neste caso, em vez de um mero instantâneo, tem lugar um reflexo mais prolongado e perfeito.

No plano mental eles têm dois aspectos diferentes. Quando um visitante naquele plano não está pensando neles de um modo especial, os registros simplesmente formam um pano de fundo para o que quer que esteja acontecendo, assim como o reflexo num espelho no fundo de uma sala provê um pano de fundo para a vida das pessoas nela. Devemos sempre lembrar que sob estas condições são realmente só reflexos da incessante atividade de uma grande Consciência em um plano muito superior, e assemelham-se muito à infinita sucessão de imagens do cinema. Eles não se fundem uns nos outros como miragens, nem se seguem em ordem; mas a ação das figuras refletidas prossegue constantemente, como se observássemos os atores em um palco distante.

Mas se o investigador treinado volta sua atenção para uma cena em especial, ou deseja evocá-la para a ver, acontece de imediato uma mudança extraordinária, pois este é o plano do pensamento, e pensar em

algo é trazê-lo instantaneamente para diante de nós. Por exemplo, se um homem deseja ver os registros daquele evento a que já nos referimos - o desembarque de Júlio César - ele num instante não estará olhando para alguma imagem, mas estará na praia entre os legionários, com toda a cena se desenrolando em seu redor, precisamente do mesmo jeito que ele a teria visto se tivesse estado encarnado naquela manhã de outono do ano de 55 a. C.. Uma vez que o que ele vê é só um reflexo, os atores é claro estão completamente inconscientes dele, nem pode qualquer esforço seu alterar sua atuação no menor grau, exceto que pode controlar a velocidade em que transcorre o drama - pode ter os eventos de todo um ano examinados dentro de uma hora, ou pode em qualquer momento parar todo o movimento, e manter alguma imagem particular em vista durante o tempo que desejar.

Na verdade ele observa não somente o que ele observaria se estivesse estado lá em pessoa, mas muito mais. Ele ouve e entende tudo o que se diz, e somos conscientes de todos os seus pensamentos e motivações; e uma das possibilidades mais interessantes que se abrem para os que aprenderam a ler os registros é o estudo do pensamento de épocas há muito extintas - o pensamento do homem das cavernas e dos lagos, bem como dos que governaram as poderosas civilizações da Atlântida, do Egito ou da Caldéia. Podemos imaginar facilmente quão esplêndidas possibilidades se abrem para o homem que tem a posse completa deste poder. Ele tem diante de si um campo de pesquisa histórica do mais envolvente interesse. Não só ele pode rever ao seu bel-prazer toda a história que conhecemos, corrigindo os muitos erros e mal-entendidos que se imiscuíram nos registros que chegaram a nós à medida que os examina; ele também pode percorrer à vontade toda a história do mundo, desde seus primórdios, acompanhando o lento desenvolvimento do intelecto no homem, a descida dos Senhores da Chama, e o crescimento das grandiosas civilizações que Eles fundaram.

Tampouco seu estudo é confinado só ao progresso da humanidade; ele tem diante de si, como num museu, todas as estranhas formas animais e vegetais que ocuparam a cena nos dias em que o mundo era jovem; ele pode seguir todas as maravilhosas mudanças geológicas que tiveram lugar, e observar o curso dos grandes cataclismos que têm alterado continuamente toda a face da Terra.

Em um caso especial é possível para o leitor dos registros uma identificação ainda maior com o passado. Se no curso de suas pesquisas ele olhar para uma cena em que ele mesmo tiver tomado parte em um nascimento anterior, ele pode trabalhá-la de dois modos: pode do modo usual considerar-se como um mero espectador (mas lembremos que sempre como um espectador cuja penetração e afinidade são perfeitas) ou pode uma vez mais identificar-se com aquela sua personalidade extinta há muito -

pode transportar-se durante este momento para aquela vida de tanto tempo atrás, e de novo experimentar integralmente os pensamentos e emoções, os prazeres e sofrimentos de um passado pré-histórico. Não pode conceber aventuras mais vívidas ou mais extravagantes do que aquelas pelas quais pode ter passado; mas ao longo de tudo ele jamais deve perder a consciência de sua própria individualidade - deve reter o poder de retornar à vontade à sua personalidade atual.

Freqüentemente se pergunta como pode o investigador determinar com exatidão a data de alguma imagem do passado remoto que for desentranhada dos registros. O fato é que é algo bem tedioso determinar datas exatas, mas pode ser feito normalmente se for de utilidade gastar tanto tempo e trabalho nisso. Se estivermos lidando com épocas gregas ou romanas o método mais simples usualmente é olhar na mente da pessoa mais inteligente presente na imagem, e ver que data é; ou o investigador poderia olhá-lo escrevendo alguma carta, ou outro documento, e observar a data, se houver alguma, incluída no escrito. Quando obtida a data romana ou grega, então é só uma questão de cálculo reduzi-la ao nosso sistema cronológico.

Uma outra maneira que é muito adotada é passar da cena observada para uma imagem em alguma cidade grande e bem conhecida da mesma época, como Roma, e ver quem está governando lá, ou quem são os cônsules para aquele ano; e quando assim obtivermos a data, uma olhada em algum bom livro de história nos indicará o resto. Algumas vezes uma data pode ser obtida pelo exame de alguma proclamação pública ou algum documento legal; de fato, na época de que estamos falando estas dificuldades serão facilmente superadas.

A matéria já não é tão simples quando passamos a tratar com períodos muito mais remotos que estes - com cenas do antigo Egito, Caldéia ou China, ou ainda mais para trás, até a própria Atlântida ou alguma de suas numerosas colônias. Uma data ainda pode ser facilmente obtida da mente de alguma pessoa educada, mas já não há meios de relacioná-la ao nosso próprio sistema de datas, uma vez que estamos pesquisando em eras das quais já nada se sabe, ou em reinos de reis cuja história está perdida na noite dos tempos.

Nossos métodos, porém, ainda não se esgotaram. Deve ser lembrado que é possível para o investigador passar os registros diante de si em qualquer velocidade que desejar - um ano por segundo, se assim desejar, ou mesmo muito mais rápido. Agora, existem um ou dois eventos na história antiga cujas datas foram fixadas com precisão - por exemplo, o afundamento de Poseidonis no ano de 9.564 a.C.. Portanto é óbvio que se pela aparência geral do ambiente parecer provável que a cena esteja a uma distância mensurável de um destes eventos, pode ser relacionada a ele pelo simples

processo de passar rapidamente os registros, contando os anos à medida que passarem.

Agora, se estes anos ultrapassarem um século, como costuma acontecer, este método pode ser insuportavelmente tedioso. Neste caso devemos lançar mão do método astronômico. Por virtude do movimento chamado precessão dos equinócios, que pode ser descrito mais precisamente como uma espécie de segunda rotação da Terra, o ângulo entre o equador e a eclíptica varia lenta mas constantemente. Assim, após longos intervalos de tempo encontramos o pólo da Terra já não mais apontando para o mesmo ponto na aparente abóbada celeste, ou em outras palavras, nossa estrela Polar não será, como é agora, a Ursa Menor, mas algum outro corpo celeste; e deste posicionamento do pólo, que pode ser facilmente averiguado pela observação do céu noturno da imagem sob nossa consideração, podemos calcular uma data sem dificuldade.

Ao estimar as datas de ocorrências que tiveram lugar há milhões de anos atrás nas primeiras raças, o período de uma rotação secundária (a precessão dos equinócios) é tomado como uma unidade de medida, mas á claro que aqui, tratando de épocas remotas, a exatidão usualmente não é requerida, e os números redondos sejam suficientes para todos os propósitos práticos.

A leitura precisa dos registros, seja das vidas passadas da própria pessoa, seja das de outrem, não deve ser considerada, entretanto, como uma conquista possível para qualquer um sem um cuidadoso treinamento prévio. Como já foi ressaltado, ainda que reflexos ocasionais possam ser obtidos no plano astral, é necessário o poder de usar o sentido mental antes que qualquer leitura confiável possa ser feita. Na verdade, para minimizar a possibilidade de erro, este sentido deve estar inteiramente sob o controle do investigador enquanto desperto no corpo físico; e para adquirir esta faculdade são necessários anos de trabalho incessante e rígida auto-disciplina.

Muitas pessoas parecem esperar que tão logo tenham assinado sua filiação e se juntado à Sociedade Teosófica elas lembrarão pelo menos de três de seus ou nossos nascimentos passados; na verdade, algumas delas prontamente começam a imaginar lembranças e declaram que em sua última encarnação foram a Rainha Mary da Escócia, Cleópatra ou Júlio César! É claro que estas alegações extravagantes simplesmente atraem o descrédito sobre os que são tolos bastante para fazê-las; mas infelizmente alguma parte deste descrédito acaba se refletindo, ainda que injustamente, sobre a Sociedade a que pertencem, de modo que um homem que sente em si crescer a convicção de que foi Homero ou Shakespeare faria bem em parar e aplicar testes de bom-senso no plano físico antes de começar a

publicar as novidades ao mundo.

É muito verdade que algumas pessoas têm tido vislumbres de cenas de seu passado em sonhos, mas naturalmente são na maior parte fragmentários e não-confiáveis. Eu próprio em minha juventude tive uma experiência deste tipo. Em meus sonhos havia um que sempre se repetia - o sonho de uma casa com um pórtico dando sobre uma bela enseada, não longe de uma colina onde se erguia um gracioso edifício. Eu conhecia perfeitamente aquela casa, e estava familiarizado com a posição dos quartos e a vista de sua porta como estava com os da minha casa nesta vida atual. Naqueles dias eu não sabia nada sobre reencarnação, de modo que isso me parecia uma simples coincidência curiosa que este sonho se repetisse tão amiúde; e não foi senão depois de algum tempo que eu já estava filiado à Sociedade que, quando Um dos que sabem estava me mostrando algumas imagens de minha última encarnação, eu descobri que este sonho persistente havia sido na verdade uma lembrança parcial, e que a casa que eu conhecia tão bem era uma em que eu havia morado cerca de dois mil anos atrás.

Mas ainda que haja diversos casos registrados em que alguma cena bem lembrada seja trazida de uma vida para outra, um desenvolvimento considerável da faculdade é necessário antes que o investigador possa definitivamente traçar uma seqüência de encarnações, sejam suas ou de outra pessoa. Isso será óbvio se lembrarmos das condições do problema que temos que resolver. Para seguir uma pessoa desta vida para a precedente, é necessário primeiro de tudo acompanhar sua vida presente até o nascimento, e então seguí-la em ordem reversa pelos diversos estágios da descida do Ego à encarnação.

Isto nos levará eventualmente à condição do Ego sobre o nível mais alto do plano mental; de modo que se vê que para empreender esta tarefa efetivamente o investigador deve ser capaz de usar o sentido correspondente àquele nível exaltado enquanto desperto no corpo físico - em outras palavras, sua consciência deve estar centrada no próprio Ego reencarnante, e já não mais na personalidade inferior. Neste caso, a memória do Ego sendo despertada, suas próprias encarnações passadas serão dispostas diante de si como num livro aberto, e ele será capaz, se quiser, de examinar as condições daquele outro Ego naquele nível e rastreá-lo para trás através das vidas mental inferior e astral intermediárias, até chegar na última morte física daquele Ego, e daí à sua vida anterior.

Não há outro meio além deste pelo qual se possa seguir integralmente uma seqüência de vidas com certeza absoluta; e conseqüentemente podemos colocar de lado como impostores conscientes ou inconscientes aquelas pessoas que anunciam que são capazes de desvendar as encarnações passadas de qualquer um por tantos tostões por cabeça. Inútil dizer, o verdadeiro ocultista não se anuncia, e jamais sob nenhuma circunstância

aceita dinheiro pela exibição de seus poderes.

Seguramente o estudante que desejar adquirir o poder de seguir uma linha de encarnações só o poderá pelo aprendizado com um instrutor qualificado que conheça o método. Têm havido aqueles que imaginam que basta sentirem-se bons e devotos e "fraternais", que toda a sabedoria das idades imediatamente aflua para eles; mas um pouco de bom-senso de imediato lhes mostrará o absurdo de tal pretensão. Por mais bondosa que seja uma criança, se ela deseja conhecer a tabuada ela deve dispor-se a estudar e aprendê-la; e o caso é exatamente similar a respeito da capacidade de usar as faculdades espirituais. As próprias faculdades indubitavelmente se manifestarão à medida que o homem evoluir, mas ele pode aprender como usá-las fidedignamente e do modo mais proveitoso somente com trabalho árduo e constante e esforço perseverante.

Tome-se o caso de quem deseja auxiliar outros no plano astral durante o sono; é óbvio que quanto mais conhecimento possua aqui, mais valioso será seu serviço naquele plano mais alto. Por exemplo, o conhecimento de línguas lhe seria útil, pois ainda que no plano mental as pessoas possam se comunicar diretamente por transmissão de pensamento, quaisquer que sejam suas linguagens, no plano astral não é assim, e um pensamento deve ser definidamente formulado em palavras antes de ser compreensível. Se, portanto, você quiser ajudar alguém naquele plano, você deve ter alguma língua em comum pela qual possa se comunicar com ele, e daí que quanto mais línguas conhecer mais largamente útil você será. De fato talvez não haja nenhum tipo de conhecimento para o qual não se possa achar serventia no trabalho oculto.

Seria bom que todos os estudantes mantivessem na mente que o ocultismo é apoteose do bom-senso, e que cada visão que lhes chegar não é necessariamente uma imagem dos registros akáshicos, nem cada experiência uma revelação das alturas. É muito melhor errar no lado do saudável ceticismo do que no da credulidade excessiva; e é uma regra admirável jamais correr atrás de uma explicação oculta para qualquer coisa quando uma explicação física óbvia e simples é disponível. Nosso dever é tentar manter sempre o equilíbrio, e jamais perder nosso autocontrole, mas ter uma apreciação racional e de bom-senso sobre tudo o que nos suceder; assim seremos Teosofistas melhores, ocultistas mais sábios, e auxiliares mais úteis do jamais o fomos.

Como sempre, encontramos exemplos de todos os graus de poder de ver esta memória da Natureza, desde o homem treinado que consulta por si mesmo os registros à vontade, até a pessoa que só ocasionalmente capta algum vislumbre vago, ou mesmo talvez só teve um desses vislumbres. Mas o homem que possui esta faculdade só parcialmente e ocasionalmente,

ainda a considera do maior interesse. O psicômetra, que precisa de um objeto fisicamente conectado com o passado a fim de trazer de volta as imagens, e o vidente de cristais, que pode algumas vezes dirigir seu telescópio astral algo mais incerto para alguma cena histórica de muito tempo atrás, podem ambos retirar o maior prazer do exercício de seus dons, mesmo que possam nem sempre entender exatamente como seus resultados são produzidos, e possam não tê-los completamente sob controle em todas as circunstâncias.

Nos muitos casos das manifestações inferiores destes fenômenos, vemos que eles são exercidos inconscientemente; muitos videntes de cristais vêem cenas do passado sem serem capazes de distinguí-las das visões do presente, e muitas pessoas vagamente psíquicas têm imagens constantemente passando diante de seus olhos sem perceberem que este é o efeito de estarem psicometrando os vários objetos em seu redor quando os tocam ou passam perto deles.

Uma variedade interessante desta classe de psíquicos é o homem que é capaz de psicometrar somente pessoas, e não objetos inanimados como é o mais comum. Na maioria dos casos esta faculdade se apresenta errática, de modo que este psíquico, quando apresentado a um estranho, verá freqüentemente num lampejo algum evento proeminente na vida daquele estranho, mas em outras ocasiões ele pode não receber nenhuma impressão especial. Mais raramente encontramos alguém que tem visões detalhadas da vida de qualquer um que ela encontre. Talvez um dos melhores exemplos desta classe seja o escritor alemão Zschokke, que descreve em sua autobiografia este poder extraordinário que possuía. Ele diz:

"Tem acontecido que ocasionalmente no primeiro encontro com um estranho, tendo eu ouvido em silêncio à sua conversa, sua vida até então, com muitas circunstâncias detalhadas de uma ou outra cena particular, me passe como um sonho, mas nitidamente, de modo inteiramente involuntário e não-desejado, durando alguns minutos.

"Durante muito tempo eu me dispus a considerar estas visões fugidias como uma brincadeira da fantasia - mais ou menos como um sonho - mostrando-me a roupa e movimentos do ator, a aparência do aposento, os móveis, e outros detalhes da cena; até que numa ocasião, narrei à minha família, com certo temor, a história secreta de uma costureira que recém havia deixado a sala. Eu nunca a tinha visto antes. De qualquer modo, os ouvintes ficaram atônitos, riram e não se convenceram de que eu nunca havia tido conhecimento da vida anterior daquela pessoa, pois o que eu contei era perfeitamente verdadeiro.

"Eu mesmo não fiquei menos espantado de ver que minha visão concordava com a realidade. Desde então dei mais atenção ao assunto, e sempre que possível relatei àqueles cujas vidas se passavam diante de mim o conteúdo de minha visão, para obter deles confirmação ou negação. Em todas as vezes houve confirmação, não sem espanto da parte daqueles que ma concediam.

"Em certo feriado eu fui a Waldshut acompanhado de dois jovens forasteiros, que ainda são vivos. Era noitinha, e, cansados da caminhada, entramos em uma taberna chamada the Vine. Fizemos nossa ceia junto com muitas pessoas na mesa comum, quando me pareceu que eles começaram a gracejar sobre as peculiaridades e ingenuidade dos Suíços a respeito de sua crença no mesmerismo, no sistema fisiognomônico de Lavater e estas coisas. Um de meus companheiros, cujo orgulho nacional foi ferido pela implicância, pediu-me para responder-lha, particularmente para um jovem com ar de superioridade que estava sentado no lado oposto, e tinha passado a ridicularizar-nos abertamente.

"Sucedera, porém, que os eventos da sua vida recém haviam se apresentado à minha mente. Voltei-me para ele e lhe perguntei se ele responderia com verdade e simplicidade se eu lhe narrasse algumas das passagens mais secretas de sua história, sendo eu tão estranho a ele como ele a mim. Isso, eu sugeri, iria um pouco além da habilidade fisiognomônica de Lavater. Ele prometeu que se eu dissesse a verdade ele a admitiria abertamente. Então narrei os eventos que minha visão onírica me havia mostrado, e o grupo soube da história do jovem comerciante em seus dias de escola, seus pecadilhos, e finalmente, um pequeno furto cometido por ele na caixa-forte de seu patrão. Eu descrevi a sala vazia com paredes brancas, onde à direita da porta marrom ficava sobre a mesa o pequeno cofre, etc. O homem, muito chocado, admitiu a correção de cada circunstância - e mesmo - o que eu não esperava - da última".

E depois de narrar este incidente, o digno Zschokke calmamente prossegue se admirando de se todo este poder notável, que tantas vezes demonstrou-se, não poderia realmente ter sido sempre o resultado de uma mera coincidência casual!

Comparativamente poucos relatos de pessoas possuidoras desta faculdade de olhar no passado serão encontradas na literatura sobre este assunto, e pode ser suposto por isso que são muito menos comuns que o esperado. Eu suspeito, contudo, que a verdade é que isso é muito menos comumente reconhecido. Como eu disse antes, pode acontecer muito facilmente a uma pessoa ver uma imagem do passado sem reconhecê-la como tal, a menos que ocorra de apresentar algo que chame uma atenção especial, como uma figura vestida de armadura ou algum outro traje antigo. Uma previsão também pode não ser reconhecida como tal naquele momento; mas a

ocorrência do evento previsto traz de volta sua lembrança vividamente ao mesmo tempo em que ele se manifesta, de modo que é improvável que seja ignorado. É provável, portanto, que vislumbres ocasionais destes reflexos astrais dos registros akáshicos sejam mais comuns do que o divulgado publicamente nos leva a acreditar.

CAPÍTULO 8 CLARIVIDÊNCIA TEMPORAL: O FUTURO

Mesmo se de modo tênue sentimo-nos capazes de captar a idéia de que o passado inteiro possa estar simultânea e ativamente presente numa consciência suficientemente exaltada, somos confrontados com uma dificuldade ainda maior quando tentamos compreender como todo o futuro também pode estar compreendido naquela consciência. Se pudéssemos acreditar na doutrina Islâmica do kismet [destino - NT], ou na teoria Calvinista da predestinação, a concepção seria bastante simples, mas sabendo que ambas são grotescas distorções da verdade, devemos procurar hipóteses mais aceitáveis.

Ainda pode haver algumas pessoas que negam a possibilidade de previsão, mas esta negativa simplesmente demonstra sua ignorância das evidências sobre o assunto. O grande número de casos autenticados não deixa margem a dúvidas, mas muitos têm tal natureza que encontrar-lhes uma explicação razoável não é muito fácil. É evidente que o Ego possui alguma capacidade premonitória, e se os eventos previstos forem sempre de grande importância, se poderia supor que um estímulo extraordinário o haveria capacitado nesta ocasião a impressionar claramente a personalidade inferior com o que ele viu. Sem dúvida esta é a explicação de muitos casos em que a morte ou um grave desastre é previsto, mas há grande número de exemplos registrados em que isso não se aplica, uma vez que os eventos previstos são freqüentemente do caráter o mais trivial e insignificante.

Uma história bem conhecida de "segunda-visão" na Escócia ilustrará o que quero dizer. Um homem que não tinha fé alguma no oculto foi alertado por um vidente superior da aproximação da morte de um vizinho. A profecia foi feita com considerável riqueza de detalhes, incluindo uma completa descrição do funeral, com os nomes dos quatro carregadores do caixão e outros que estariam presentes. O ouvinte parece ter rido de toda a história e logo a esqueceu, mas a morte de seu vizinho na data prevista trouxe-lhe à mente a profecia, e a determinação de frustrar parte da previsão de algum modo, tornando-se ele mesmo um dos que carregariam o caixão. Ele conseguiu fazer os arranjos para isso, mas ao começar o enterro, ele foi chamado para resolver um assunto, o que lhe roubou um minuto ou dois. Ao voltar apressado, viu com surpresa que o féretro havia iniciado sem ele, e que a predição havia sido exatamente cumprida, pois os quatro carregadores foram aqueles indicados na visão.

Aqui temos uma história bastante trivial, que possivelmente não tem importância para ninguém, definidamente prevista com meses de antecipação; e mesmo que um homem faça esforços determinados para alterar o evento indicado ele falha inteiramente em afetá-lo de qualquer modo. Certamente isso se parece muito com a predestinação, chegando mesmo a detalhes mínimos, e é só quando examinamos esta questão dos planos superiores somos capazes de ver o modo de escapar desta teoria, É claro, como eu disse em outra parte, uma explicação completa também nos foge, e obviamente deve fazê-lo até que nosso conhecimento seja muito maior do que é agora; o máximo que podemos fazer no presente é indicar a linha ao longo da qual uma explicação pode ser encontrada.

Não há qualquer dúvida de que, sendo o que acontece agora resultado de causas desencadeadas no passado, o que sucederá no futuro será o resultado de causas já em operação. Mesmo aqui embaixo podemos calcular que se certas ações forem executadas certos resultados se seguirão, mas nosso reconhecimento é constantemente passível de ser perturbado pela interferência de fatores que não fomos capazes de levar em conta. Mas se elevamos nossa consciência até o plano mental podemos ver muito mais longe o resultado de nossas ações.

Podemos acompanhar o efeito, por exemplo, de uma palavra casual, não somente sobre quem a palavra é endereçada, mas através dela para muitos outros, à medida que passa adiante em círculos cada vez mais largos, até que aprece ter afetado todo o país; e um relance desta visão pode ser muito mais eficiente do que qualquer quantidade de preceitos morais encarecendo a necessidade de extremo cuidado no pensar, falar e agir. Não apenas podemos ver assim integralmente o resultado de cada ação, mas podemos ver ainda de que modo os resultados de outras ações aparentemente não relacionadas a ela interferem e a modificam. De fato, pode ser dito que os resultados de todas as causas em ação no presente podem ser vistos com clareza - que o futuro, como ele seria se novas causas não fossem introduzidas, jaz aberto à nossa visão.

É claro que novas causas surgem, porque a vontade do homem é livre; mas no caso das pessoas comuns o uso que farão de sua liberdade pode ser calculado de antemão com precisão considerável. O homem comum na verdade dispõe de tão pouca vontade que em grande parte ele é uma criatura das circunstâncias; suas ações em vidas anteriores o colocam em certo ambiente, e a influência deste sobre o homem é muitas vezes o maior fator em sua história de vida, de modo que seu futuro curso pode ser predito com certeza quase matemática.

Com o homem evoluído o caso muda de figura; também para ele os principais eventos de sua vida são arranjados de acordo com suas ações

passadas, mas o modo pelo qual ele permitirá que isso o afete, o método pelo qual lidará com eles e talvez triunfar sobre eles - tudo isso é prerrogativa sua, e não pode ser previsto nem mesmo no plano mental, a não ser como probabilidades.

Olhando para uma vida humana assim de cima para baixo, parece que sua vontade é exercida só em momentos de crise em sua trajetória. O homem chega a certo ponto em sua vida onde se abrem obviamente dois ou três rumos possíveis; ele é absolutamente livre para escolher o que lhe agradar mais, e mesmo que alguém que conheça integralmente sua natureza possa bem sentir com quase certeza qual será a escolha, este conhecimento da parte de seu amigo não é uma força compulsiva.

Mas tendo escolhido, ele terá de andar naquele caminho e suportar as conseqüências; tendo entrado em certo caminho particular, ele pode, em muitos casos, ser forçado a percorrer uma grande distância antes de ter a chance de poder de mudar de rumo. Sua situação é mais ou menos como a do maquinista de um trem; quando chega a um entroncamento, ele pode dirigir-se para este ou aquele caminho, e entrar na linha que quiser, mas uma vez tendo entrado ele é compelido a rumar para diante na linha que escolheu até chegar a um outro entroncamento, onde novamente terá a chance de escolher.

Pois olhando a partir do plano mental estes pontos de novos começos seriam claramente visíveis, e todos os resultados de cada escolha estariam abertos diante de nós, alguns apresentados até com minúcias. O único ponto que permaneceria incerto seria o mais importante: qual das opções o homem escolheria. Teríamos, de fato, não só um mas vários futuros diante de nós, sem necessariamente a capacidade de determinar qual deles se materializará em fatos concretos. Na maioria dos casos veríamos tão reforçada uma probabilidade que não hesitaríamos em chegar a uma definição, mas o caso que eu descrevi certamente é possível em teoria. Além disso, este conhecimento maior já nos habilitaria a fazer com segurança uma previsão bastante ampla; e não nos é difícil imaginar que um poder muito mais alto que o nosso poderia sempre ser capaz de predizer qual seria a alternativa escolhida, e conseqüentemente profetizar com certeza absoluta.

No plano búdico, entretanto, nenhum destes processos elaborados de cálculo consciente são necessários, pois, como já disse, de um certo modo que aqui embaixo é totalmente inexplicável, o passado, o presente e o futuro estão todos lá existindo simultaneamente. Podemos apenas aceitar este fato, pois sua causa reside nas propriedades do plano, e o modo pelo qual esta alta faculdade opera é naturalmente de todo incompreensível ao cérebro físico. Mas ocasionalmente alguém pode encontrar uma pista que parece nos trazer para um pouco mais perto de uma vaga possibilidade de

compreensão. Uma destas pistas foi dada por Sir Oliver Lodge em seu pronunciamento à British Association em Cardiff. Disse ele:

"Uma idéia luminosa e útil é que o tempo é um modo relativo de considerar as coisas; nós avançamos através de fenômenos em certo ritmo definido e interpretamos este avanço subjetivo de uma maneira objetiva, como se os eventos se movessem necessariamente nesta ordem e neste ritmo exato. Mas este pode ser apenas um dos modos de encará-los. Os eventos podem num certo sentido estar sempre em existência, tanto passado quanto futuro, e pode ser nós que chegamos a eles, e não eles que nos acontecem. A analogia do viajante na estrada de ferro é útil; se ele nunca pudesse deixar o trem nem mudar sua velocidade ele provavelmente consideraria as paisagens como necessariamente sucessivas e seria incapaz de concebê-las coexistindo... Percebemos, portanto, um possível aspecto quadridimensional a respeito do tempo, e a inexorabilidade de seu fluxo pode ser um componente natural de nossas limitações atuais. E uma vez compreendida a idéia do passado e do futuro poderem de fato ser coexistentes, podemos reconhecer que eles podem ter uma influência controladora em toda a ação presente, e os dois juntos podem constituir o 'plano superior' ou totalidade das coisas as quais, segundo me parece, somos impelidos a procurar, em conexão com o direcionamento da forma ou determinismo, e a ação dos seres vivos conscientemente dirigida para um fim definido e pré-concebido."

O tempo não é, realmente, a quarta dimensão; mas tomá-lo assim por ora é de alguma leve ajuda para compreender o incompreensível. Coloquemos, por exemplo, um cone imaginário com a ponta perpendicularmente sobre uma folha de papel, e lentamente o empurremos através da folha. Um micróbio vivendo na superfície daquela folha de papel, e não tendo o poder de conceber nada fora daquela superfície, não poderia jamais ver o cone como um todo, nem formar nenhum tipo de concepção de um corpo como este. Tudo o que ele poderia ver seria o súbito aparecimento de um pequeno círculo, que gradual e misteriosamente se tornaria maior e maior até desaparecer de seu mundo tão súbita e incompreensivelmente como aparecera.

Assim, o que na realidade seria uma série de seções do cone, lhe apareceria como os estágios sucessivos na vida de um círculo, e lhe seria impossível imaginar a idéia de que estes estágios sucessivos pudessem existir simultaneamente. Seria, obviamente, muito fácil para nós, olhando o processo todo a partir de uma outra dimensão, vermos que o micróbio está simplesmente sob uma ilusão derivada de suas próprias limitações, e que o cone existe inteiro durante todo o tempo. Nossa própria ilusão quanto ao passado, presente e futuro possivelmente não difere muito daquela, e a perspectiva que obtemos da seqüência de eventos a partir do plano búdico corresponde à visão do cone como um todo. Naturalmente, qualquer

tentativa de desenvolver este exemplo nos leva a uma série de paradoxos espantosos; mas, de qualquer modo, o fato permanece como um fato, e virá o tempo quando será tão claro para a nossa compreensão como a luz meridiana.

Quando a consciência do discípulo estiver plenamente desenvolvida no plano búdico, uma perfeita previsão, portanto, lhe será possível, ainda que ele possa não ser - ou melhor, certamente não será - capaz de trazer todo o resultado de sua visão integral e ordenadamente para cá. Ainda assim, uma boa porção de previsão clara estará obviamente dentro de seu poder, e ele apreciará exercitá-la; e mesmo quando não a estiver exercendo, freqüentes relances de previsão chegam à sua vida ordinária, de modo que muitas vezes ele tem uma intuição instantânea de como as coisas transcorrerão mesmo antes de serem iniciadas.

Como nos casos anteriores, vemos que existem todos os graus deste tipo de clarividência abaixo da visão perfeita, desde vagas e ocasionais premonições que de modo algum podem ser chamadas de visão, até a freqüente e bastante completa segunda-visão. A faculdade a que foi dado este nome algo enganoso é extremamente interessante e demanda um estudo mais cuidadoso e sistemático do que até agora mereceu.

É mais conhecida como uma posse não infreqüente dos Highlanders escoceses, ainda que não lhes seja exclusiva. Aparece ocasionalmente em quase todos os países, mas tem sido sempre mais comum em montanheses e pessoas de vida solitária. Na Inglaterra tem sido considerada freqüentemente como um apanágio exclusivo da raça celta, mas tem aparecido na verdade entre pessoas de todo o mundo em situações similares. É dito, por exemplo, ser muito comum entre os camponeses da Westfália.

Algumas vezes a segunda-visão consiste de uma imagem claramente antecipando algum evento futuro; mais freqüentemente, talvez, o relance do futuro é dado de um modo simbólico. É digno de nota que os eventos antevistos são invariavelmente desagradáveis - sendo a morte o mais comum de todos; eu não lembro de um só caso no qual a segunda-visão tenha mostrado algo que não fosse da natureza mais sombria. Tem um simbolismo horripilante todo seu - mortalhas e velas fúnebres, e outros horrores funéreos. Em alguns casos parece em certa medida depender do lugar, pois é dito que os habitantes da ilha de Skye que possuem a faculdade freqüentemente a perdem ao deixar a ilha, mesmo que seja só para chegar ao continente. O dom de tal visão é às vezes hereditário durante gerações numa família, mas isso não é uma regra invariável, pois muitas vezes aparece em membros de uma família livre de sua lúgubre influência.

Já demos um exemplo no qual uma acurada visão de um evento futuro foi vista com meses de antecedência pela segunda-visão. Aqui há outro talvez mais espantoso, que transmito exatamente como foi relatado por um dos protagonistas da cena.

"Nós havíamos nos metido na floresta, e caminhado por cerca de uma hora sem muito progresso, quando Cameron, que estava a meu lado, parou subitamente, ficou pálido como a morte, e apontando bem para a frente, gritou com sinais de horror:

" 'Olhem, olhem! Misericórdia divina! Olhem ali!'

" 'Onde? O quê? O que é?' gritamos todos em confusão, correndo para ele e olhando ao redor na expectativa de encontrar um lince ou uma cobra ou sabe-se lá o quê, mas seguramente algo horrível, já que fora suficiente para causar tamanha comoção em nosso usualmente circunspecto companheiro. Mas nem lince nem cobra eram visíveis - nada exceto Cameron apontando com uma cara assombrada e lívida e olhos esbugalhados para algo que não podíamos ver.

" 'Cameron, Cameron!' eu gritei, segurando seu braço, 'pelo amor de Deus, fale! O que é?'

"Mal minhas palavras saíram de minha boca quando um som baixo mas muito peculiar atingiu meus ouvidos, e Cameron, deixando pender o braço que apontava, disse com uma voz rouca e embargada: 'Lá! Ouviram? Graças a Deus acabou!', e caiu desmaiado.

"Houve uma confusão momentânea enquanto afrouxávamos seu colarinho, e eu molhava seu rosto com um pouco de água que por sorte eu trouxera em meu cantil, enquanto outro tentava derramar um pouco de brandy por entre seus dentes cerrados; e nesse meio-tempo sussurrei para o homem que estava ao meu lado (um de nossos maiores cépticos, diga-se): 'Beauchamp, você ouviu alguma coisa?'

" 'Por Deus, sim', ele replicou, 'um som curioso, realmente; um tipo de estrondo ou estampido muito distante, mas muito nítido; se isso não fosse completamente impossível, eu juraria que era uma salva de artilharia'.

" 'Exatamente a mesma impressão que tive', murmurei; 'mas silêncio! Ele acorda!'.

"Eu um ou dois minutos ele já era capaz de falar fracamente, e começou a agradecer-nos e desculpar-se por causar transtorno; e logo sentou-se, reclinado contra uma árvore, e com voz já firme, embora baixinha, disse:

" 'Meus caros amigos, sinto que lhes devo uma explicação para meu comportamento extraordinário. É uma explicação que não posso evitar lhes dar; mas deve chegar um tempo, e é melhor dá-la agora. Vocês talvez terão notado que durante nossa viagem, quando todos zombavam de sonhos, milagres e visões, eu evitei sistematicamente dar minha opinião sobre o assunto. Fiz assim porque, não tendo vontade de cair no ridículo nem provocar discussão, fui incapaz de concordar com vocês sabendo muito bem pela minha própria terrível experiência que o mundo que os homens concordam em chamar sobrenatural é tão real - não, talvez mesmo mais real - do que o mundo que vemos em nosso redor. Em outras palavras, eu, como muitos de meus conterrâneos, somos dotados com a capacidade da segunda-visão - esta assustadora habilidade que prediz em visões calamidades que em breve devem acontecer.'

" 'Uma destas visões eu tive exatamente há pouco, e seu excepcional horror agitou-me como viram. Eu vi diante de mim um cadáver - não o de alguém que tivera uma morte natural e pacífica, mas o de uma vítima de um terrível acidente; uma repugnante massa informe, com a face destruída, esmigalhada, irreconhecível. Eu vi este horroroso objeto colocado em um caixão, e o serviço fúnebre transcorrendo em torno dele. Eu vi a cova, vi o padre; e mesmo que eu jamais tenha visto nenhum deles antes, posso visualizá-los perfeitamente diante de meu olho mental; eu vi você, eu mesmo, Beauchamp, todos nós e muitos outros, parados em torno, lamentando; eu vi os soldados erguer seus mosquetes depois de terminar o serviço; eu ouvi a salva que deram - e não sei de mais nada.'

"Quando ele falou naquela salva de mosquetes eu lancei arrepiado um olhar para Beauchamp, e a expressão de pétreo terror estampada na face daquele belo céptico não é algo a ser esquecido."

Este é só um incidente - e não o principal - em uma notável história de experiência psíquica, mas como no momento estamos interessados somente no exemplo da segunda-visão que nos proporciona, preciso somente dizer que mais tarde neste mesmo dia o batalhão de jovens soldados encontrou o corpo de seu oficial comandante nas terríveis condições que o Sr. Cameron descreveu tão plasticamente. A narrativa prossegue:

"Quando, na noite seguinte, chegamos em nosso destino, e o melancólico enterro já havia sido efetuado pelas autoridades competentes, Cameron e eu saímos para uma silenciosa caminhada, tentando, com a ajuda da suave influência da natureza, dissipar algo da tristeza que paralisara nossos espíritos. Subitamente ele agarrou meu braço, e apontando para uma cerca rústica, disse com a voz tremendo: 'Sim, lá está! É o cemitério que eu vi

ontem'. E quando mais tarde fomos apresentados para o Capelão, eu percebi, ainda que meus companheiros não, o impressionante tremor com que Cameron apertou sua mão, e eu soube que ele havia reconhecido o clérigo de sua visão".

Como explicação oculta de tudo isso, eu presumo que a visão do Sr. Cameron tenha sido um puro caso de segunda-visão, e se o for, o fato de que os dois homens que estavam mais próximos a ele (um certamente - provavelmente ambos - na verdade em contato físico com ele) tenham participado dela na limitada parte da audição da salva de tiros final, enquanto que os outros que estavam mais longe não o fizeram, demonstra que a intensidade com que a visão se imprimiu no vidente ocasionou vibrações em seu corpo mental que se comunicaram às pessoas em contato com ele, como numa transmissão de pensamento comum. Quem quiser ler o resto da história a encontrará nas páginas do Lucifer, vol. XX II, p. 457.

Coleções de exemplos de natureza similar a este poderiam ser facilmente reunidas. A respeito da variedade simbólica desta visão, usualmente se diz entre os que possuem tal dom que se, ao encontrar um vivente, é vista uma mortalha fantasmagórica a envolvê-lo, é prognóstico certo de sua morte. A data do desenlace iminente é indicada seja pela extensão em que a mortalha cobre o corpo, seja pela hora do dia em que é observada a visão; pois se ocorrer cedo na manhã eles dizem que a pessoa morrerá neste mesmo dia, mas se for à noite, então isso se sucederá dentro de um ano.

Uma outra variante - notável - da forma simbólica da segunda-visão é aquela em que se manifesta ao vidente a aparição decapitada da pessoa cuja morte é prevista. Um exemplo desta classe é dada em Signs Before Death (Sinais Antes da Morte), como tendo acontecido na família do Dr. Ferrier, ainda que neste caso, se bem me lembro, a visão não ocorreu senão no momento da morte, ou muito perto dele.

Deixando os videntes que detêm a posse habitual de certa faculdade, mesmo que sua manifestação só ocasionalmente esteja sob seu controle, somos confrontados com um grande número de casos isolados de previsão no caso de pessoas em quem esta faculdade não é de modo algum regular. Talvez a maioria destes casos ocorra em sonhos, ainda que exemplos de visão desperta não faltem de maneira nenhuma. Algumas vezes a previsão se refere a um evento de relevante importância para o vidente, e assim justifica a ação deste Ego em dar-se ao trabalho de imprimi-la. Em outros casos, o evento aparentemente não tem importância nenhuma, ou de modo algum é ligado com o homem a quem a visão chega. Algumas vezes é claro que a intenção do Ego (ou da entidade comunicante, seja ela qual for) é alertar o eu inferior da aproximação de alguma calamidade, seja a fim de que possa ser evitada, ou, se não for possível, para que o choque possa ser minimizado com a preparação.

O evento mais freqüentemente antevisto assim é, talvez, naturalmente, a morte - algumas vezes a de alguém próximo. Este tipo de previsão é tão comum na literatura sobre o assunto, e seu objetivo é tão óbvio, que quase não precisamos citar exemplos; mas um ou dois casos em que a visão profética, ainda que claramente útil, foi de um caráter menos sombrio, não se provarão desinteressantes ao leitor. O seguinte foi escolhido daquele armazém do estudante do incomum, Night Side of Nature, da Srª. Crowe, p. 72.

"Poucos anos atrás o Dr. Watson, hoje residindo em Glasgow, sonhou que recebia um chamado de urgência para atender um paciente em um local alguns quilômetros distante de onde morava; que ele saía a cavalo, e que ao cruzar um matagal ele via um touro investir furiosamente contra ele, a cujos chifres ele escapou refugiando-se em um lugar inacessível ao animal, onde esperou um longo tempo até que algumas pessoas, observando sua situação, vieram ajudá-lo e o liberaram. "Durante o desjejum na manhã seguinte, veio o chamado, e sorrindo diante da coincidência (como ele a considerou), saiu montado em seu cavalo. Ele nem sabia que estrada pegar, mas pouco a pouco chegou ao matagal, que reconheceu, e logo o touro apareceu, vindo direto em sua direção. Mas o sonho havia lhe mostrado o local de refúgio, para onde se dirigiu incontinenti, e esperou lá três ou quatro horas, assediado pelo animal, até que os camponeses viessem libertá-lo. O Dr. Watson declarou que se não fosse pelo sonho ele não teria sabido em que direção correr para salvar-se".

Um outro caso, no qual um intervalo muito mais longo separou o aviso de seu cumprimento, é dado pelo Dr. F. G. Lee, em Glimpses of the Supernatural, vol. 1, p. 240.

"A Srª. Hannah Green, governanta de uma família interiorana em Oxfordshire, sonhou uma noite que ela havia sido deixada sozinha na casa numa noite de domingo, e que ouvia baterem na porta da entrada principal; ela foi abrir e viu um mendigo mal-encarado, armado de um canivete, que forçou a entrada na casa. Ela pensou que lutara durante algum tempo para impedi-lo, mas sem efeito, e que, sendo esmurrada por ele, caiu desacordada, e ele entrou na mansão. Nisto, ela acordou.

"Como nada aconteceu por um considerável período a circunstância do sonho logo foi esquecida, e, como ela mesma diz, evaporou de sua mente. Entretanto, sete anos depois, esta mesma governanta foi incumbida, junto com dois outros empregados, de cuidar de uma mansão isolada em Kensington (subseqüentemente a cidade de residência da família), quando em certo domingo à noite, tendo seus dois colegas saído e deixado-a sozinha, ela foi subitamente assustada por uma batida forte na porta da

frente. "Imediatamente a lembrança do seu antigo sonho voltou a ela com singular vivacidade e notável força, e ela deplorou grandemente estar sozinha. Tendo acendido imediatamente uma lâmpada na mesa do átrio - durante o que as batidas na porta eram reiteradas com vigor - ela tomou a precaução de subir a um patamar na escadaria e olhar por uma janela; e então, para seu intenso terror, ela viu em pessoa aquele mesmo homem que anos antes ela havia visto em seu sonho, armado com o canivete e exigindo entrar.

"Com grande presença de espírito ela desceu novamente para a entrada principal, aferrolhou mais seguramente aquela e outras portas e janelas, e então tocou os vários sinos da casa violentamente, e acendeu luzes nos quartos de cima. Concluiu-se que com isso tudo o intruso foi afugentado".

Evidentemente neste caso também o sonho foi de utilidade prática, pois sem ele a digna governanta sem dúvida, por força de hábito, teria aberto a porta normalmente em resposta à batida.

Entretanto, não é só em sonhos que o Ego impressiona seu eu inferior com o que ele acha que é bom para ele saber. Muitos exemplos demonstrando isso poderiam ser tirados dos livros, mas em vez de citar deles eu contarei um caso relatado há poucas semanas por uma senhora de meu conhecimento - um caso que, ainda que não rodeado de nenhum incidente romântico, tem pelo menos o mérito de ser recente.

Minha amiga, então, tem duas filhas pequenas, e pouco tempo atrás a mais velha apanhou o que se supôs um severo resfriado, e sofreu por alguns dias com uma completa obstrução nasal. A mãe não deu muita atenção a isto, esperando que logo passasse, até que um dia ela subitamente viu diante dela no ar o que ela descreveu como uma imagem de um quarto, em cujo centro havia uma mesa onde sua filha estava deitada desacordada ou morta, com algumas pessoas inclinadas em seu redor. Os menores detalhes da cena estavam claros para ela, e ela notou particularmente que a criança usava um pijama branco, enquanto que ela sabia que toda a roupa deste feitio que a filhinha possuía era de cor rosa.

A visão impressionou-a consideravelmente, e lhe sugeriu pela primeira vez que a menina poderia estar sofrendo de algo mais sério do que um resfriado, de modo que ela carregou-a para um hospital para exame. O médico que a atendeu descobriu a presença de um crescimento maligno no nariz, que, declarou, deveria ser removido. Poucos dias depois a criança foi levada ao hospital para a cirurgia, e foi colocada na cama. Quando a mãe chegou no hospital ela viu que havia esquecido de trazer um pijama para a criança, e assim as enfermeiras haviam providenciado um, que era branco. Com esta roupa branca a menina foi à cirurgia no dia seguinte, no quarto

que a mãe vira na visão, com cada detalhe sendo reproduzido exatamente.

Em todos estes casos a previsão atingiu seus objetivos, mas os livros estão cheios de histórias de avisos desprezados ou ridicularizados, com os desastres conseqüentemente se seguindo. Em alguns casos a informação é dada para alguém que praticamente não tem poder algum para interferir no assunto, como no exemplo histórico de John Williams, um gerente de minas da Cornualha, que previu com minúcia de detalhes, oito ou nove dias antes de ocorrer, o assassinato do Sr. Spencer Perceval, o então Chanceler do Tesouro, no vestíbulo da Câmara dos Comuns. Mesmo neste caso, contudo, é bem possível que alguma coisa pudesse ter sido feita, pois lemos que o Sr. Williams ficou tão impressionado que consultou seus amigos sobre se ele deveria ou não ir até Londres para avisar o Sr. Perceval. Infelizmente eles o dissuadiram, e o assassínio aconteceu. Não parece muito provável que, mesmo se ele tivesse ido à cidade e contado a sua história, teriam dado muita atenção a ele; mas ainda há a possibilidade de que poderiam ter sido tomadas algumas precauções que teriam evitado o crime.

Há poucas pistas que nos indiquem qual ação especial nos planos superiores conduziu a esta curiosa visão profética. As partes eram inteiramente desconhecidas uma da outra, de modo que não foi ocasionada por nenhuma estreita simpatia entre elas. Se foi uma tentativa feita por algum auxiliar para advertir da fatalidade iminente, parece estranho que ninguém suficientemente impressionável pudesse ter sido encontrado mais próximo do que na Cornualha. Talvez o Sr. Williams, quando no plano astral durante o sono, de alguma forma tenha chegado até esta reflexão do futuro, e ficado naturalmente horrorizado, por isso mesmo passou-a à sua consciência inferior na esperança de que algo pudesse ser feito para evitá-lo; mas é impossível diagnosticar o caso com certeza sem examinar os registros akáshicos para ver o que realmente aconteceu.

Um caso típico de previsão absolutamente inútil é o relatado pelo Sr. Stead, em seu Real Ghost Stories, p. 83, a respeito de sua amiga Srtª. Freer, conhecida usualmente como Srtª. X. Quando estava em uma casa de campo, esta dama, estando bem desperta e consciente, uma vez viu um cabriolé, puxado por um cavalo branco, parado na entrada da casa, com dois estranhos nele, um dos quais saiu do cabriolé e ficou brincando com um cachorrinho. Ela percebeu que ele estava vestindo um sobretudo irlandês característico, e observou também as marcas recém feitas pelo cabriolé no cascalho. De qualquer forma, não havia cabriolé algum ali naquele momento; mas meia hora depois, dois estranhos de fato chegaram em tal carro, e cada detalhe da visão da dama foi integralmente cumprido. O Sr. Stead prossegue citando outro exemplo de previsão igualmente despropositada, onde sete anos separaram o sonho (pois neste caso foi um sonho) de seu cumprimento.

Todos estes casos (e são meramente seleções aleatórias retiradas dentre muitas centenas) demonstram que certa dose de previsão indubitavelmente é possível para o Ego, e tais casos seriam evidentemente muito mais comuns se não fosse pela excessiva densidade e falta de responsividade dos veículos inferiores da maioria do que chamamos humanidade civilizada - qualidades principalmente atribuíveis ao grosseiro materialismo de hoje em dia. Não falo de nenhuma profissão comum de fé materialista, mas do fato de que em quase todos os assuntos da vida diária quase todo o mundo é guiado somente por considerações de interesse mundano de uma forma ou outra.

Em muitos casos o próprio Ego pode ser subdesenvolvido e sua previsão ser conseqüentemente muito vaga; em outros ele mesmo pode ver claramente mas encontra seus veículos inferiores tão inimpressionáveis que tudo o que ele pode conseguir fazer passar ao cérebro físico pode ser um indefinido pressentimento de desastre iminente. Porém, há casos em que a premonição não é obra do Ego, mas de alguma entidade externa, que por alguma razão é tomada de amistoso interesse pela pessoa a quem a sensação vem. No livro que citei antes, o Sr. Stead nos conta sobre a certeza que ele sentiu com meses antecedência de que ele seria demitido da Pall Mall Gazette, embora de um ponto de vista normal nada teria parecido menos provável. Se este pré-conhecimento foi o resultado de uma impressão feita pelo Ego ou por uma amigável sugestão de alguém mais é impossível dizer sem investigação definida, mas sua confiança foi plenamente justificada.

Existe ainda um outro tipo de clarividência temporal que não deveria passar sem menção. È um tipo comparativamente raro, mas há exemplos suficientes para chamar nossa atenção, ainda que infelizmente os detalhes dados usualmente não incluam os que precisaríamos para poder classificá-los com certeza. Me refiro aos casos em que são vistos exércitos espectrais ou rebanhos-fantasma de animais. Em The Night Side of Nature, (p. 462 et seq.), temos relatos de diversas destas visões. Lá encontramos como em Havarah Park, perto de Ripley, uma companhia de várias centenas de soldados em uniformes brancos foi vista por pessoas respeitáveis executando várias evoluções e então se desvanecendo; e como alguns anos antes uma visão semelhante de uma armada foi vista nas proximidades de Inverness por um respeitável fazendeiro e seu filho.

Neste caso também o número de soldados era muito grande, e os espectadores de início não tiveram a menor dúvida de que eram formas substanciais de carne e osso. Eles contaram pelo menos dezesseis pares de colunas, e tiveram tempo de sobra para observar cada detalhe. As fileiras da vanguarda marchavam em formação de sete soldados lado a lado, e eram acompanhadas de muitas mulheres e crianças, que

carregavam pequenas panelas e outros utensílios de cozinha. Os homens estavam vestidos de vermelho, e seus braços suados brilhavam ao sol. No meio deles havia um animal, um veado ou cavalo, que não puderam distinguir, que eles conduziam furiosamente para diante com suas baionetas.

O mais jovens dos homens observou ao outro que agora e sempre as fileiras da retaguarda eram obrigadas a puxar a carroça, e o mais velho, tendo sido soldado, assinalou que assim era, e recomendou-lhe que se ele viesse a servir tentasse marchar na frente. Havia só um oficial montado; ele cavalgava um cavalo de batalha cinza, e usava um chapéu com laço de ouro e uma farda dos Hussardos, com mangas muito abertas delineadas em vermelho. Os dois espectadores observaram-no tão minuciosamente que depois disseram que poderiam reconhecê-lo em qualquer lugar. Contudo, ficaram com medo de serem maltratados ou serem obrigados a seguir com as tropas, que eles julgaram ter vindo da Irlanda e desembarcado em Hyntyre; e enquanto subiam num dique para sair do caminho, tudo desapareceu.

Um fenômeno do mesmo tipo foi observado no começo deste século [século XIX - NT] em Paderborn, na Westfália, e visto por pelo menos trinta pessoas; mas como, alguns anos depois, uns vinte mil homens foram vistos de novo no mesmo local, concluiu-se que a visão deve ter sido algum tipo de segunda-visão - uma faculdade não incomum naquele distrito.

Tais exércitos espectrais, entretanto, são algumas vezes vistos onde uma armada de homens comuns não poderia de modo algum ter cruzado, seja antes ou depois. Um dos relatos mais notáveis de destas aparições é dado pela Srtª. Harriet Martineau, em sua descrição d'Os Lagos Ingleses. Ela escreve assim:

"Este Monte Souter ou Soutra é a montanha em que aparecem fantasmas em miríades, em intervalos durante dez anos do século passado, apresentando a mesma aparência a vinte e seis testemunhas escolhidas, e a todos os habitantes de todos os chalés com vista para a montanha, e pelo espaço de duas horas e meia uma vez - sendo o espetáculo espectral encerrado pela escuridão da noite! A montanha, seja lembrado, é cheia de precipícios, que desafiam qualquer companhia de homens em marcha; e os lados norte e oeste apresentam despenhadeiros perpendiculares de quase 300 metros.

"Na véspera do solstício de verão, em 1735, um lavrador servindo o Sr. Lancaster, viu, a cerca de meio quilômetro da montanha, o seu cume coberto de tropas, que continuaram sua marcha durante uma hora. Eles vinham, em grupos indistintos, de uma proeminência no norte e

desapareciam em um nicho do cume. Quando o pobre lavrador contou sua história, foi insultado de todos os modos, como os observadores usualmente o são quando vêem quaisquer maravilhas. Dois anos depois, no mesmo dia do ano, o Sr. Lancaster viu alguns homens lá, aparentemente seguindo seus cavalos, como se estivessem voltando da caça. Ele não deu atenção a isto; mas dez minutos depois olhou de novo, e viu as figuras agora montadas, e seguidas por um interminável séquito de tropas, em fileiras de cinco, marchando daquela proeminência para a fenda como antes. Toda a família viu isso, e as manobras da armada, sendo cada companhia mantida em ordem por um oficial montado, que galopava para cá e para lá. Sobrevindo as sombras do ocaso, a disciplina pareceu se relaxar, e as tropas se misturaram, e caminharam em ritmos diferentes até que tudo se perdeu na escuridão. Agora é claro que todos os Lancaster foram insultados, assim como o seu servo havia sido; mas sua justificação não demorou.

"Na véspera do solstício de verão do terrível ano de 1745, vinte e seis pessoas, expressamente convidadas pela família, viram tudo o que foi visto antes, e ainda mais. Agora carruagens estavam espalhadas por entre as tropas; e todos sabiam que nenhuma carruagem estivera, ou poderia estar, no cume do Monte Souter. A multidão era vasta além da imaginação, pois as tropas ocupavam o espaço de um quilômetro e meio, e marchavam rapidamente até que a noite os encobriu - e ainda marchavam. Não havia nada de vaporoso ou indistinto na aparência dos espectros. Eles pareciam tão reais que na manhã seguinte algumas pessoas foram até lá para procurar os rastros dos cavalos; e quão assombroso para eles foi não encontrar marca alguma nas urzes ou na grama. As testemunhas atestaram que toda a história por escrito diante de um magistrado; e as expectativas de toda a região foram assustadoras a respeito do prosseguimento da Revolta Escocesa.

"Agora parece que duas outras pessoas haviam visto algo semelhante no intervalo, em 1743 - mas haviam ocultado o fato, com medo dos insultos a que seus vizinhos foram submetidos. O Sr. Wren, de Wilton Hall, e seu servo lavrador, viram, numa tarde de verão, um homem e um cão na montanha, perseguindo alguns cavalos em um local tão íngreme que um cavalo dificilmente poderia manter-se de pé. Sua velocidade era prodigiosa, e seu desaparecimento, no flanco sul do monte, tão rápido, que o Sr. Wren e seu servo foram, na manhã seguinte, procurar o corpo do homem que deveria ter morrido. De homem, cavalo ou cachorro, não encontraram sinal algum; então eles voltaram e calaram suas bocas. Quando falaram, não se sentiram muito melhor por terem em sua desgraça vinte e seis companheiros juramentados.

"Como explicação, o editor do Lonsdale Magazine declarou (vol. II, p. 313) que descobriu-se que naquela data em 1745 os rebeldes 'estavam se

exercitando na costa leste da Escócia, e seus movimentos foram refletidos por algum vapor transparente, similar ao fenômeno da Fata Morgana'. Isso não serve muito como explicação; mas é, até onde sabemos, tudo o que temos no presente. Estes fatos, contudo, trazem muitos mais; como a marcha espectral do mesmo tipo vista em Leicestershire em 1707, e a tradição do desembarque de tropas sobre Helvellyn, na véspera da Batalha de Marston Moor".

Outros casos são citados em que rebanhos de ovelhas espectrais foram vistos em certas estradas, e é claro que existem várias histórias alemãs de cavalgadas-fantasma de caçadores e assaltantes.

Mas nestes casos, como tão amiúde sucede nas investigações dos fenômenos ocultos, há diversas causas possíveis, e qualquer uma delas seria adequada para produzir as ocorrências observadas, mas na ausência de informação mais completa é difícil fazer mais do que especular sobre qual destas causas possíveis estava em operação em cada caso particular.

A explicação usualmente sugerida (sempre que a história toda não é descoberta ser fraudulenta) é que o que é visto é um reflexo por miragem dos movimentos de tropas e companhias reais, tendo lugar a distâncias consideráveis. Eu mesmo já vi diversas miragens comuns em diversas ocasiões e sei algo portanto de seus maravilhosos poderes de ilusão; mas parece-me que precisaríamos de um tipo inteiramente novo de miragem, muito diferente do conhecido hoje pela ciência, para explicar estas histórias de armadas-fantasma, algumas das quais surgem em intervalos de poucos anos.

Primeiro de tudo, elas podem ser, como aparentemente no caso da Westfália mencionado antes, simplesmente casos de previsão em uma escala gigantesca - arranjados por quem, e para que finalidade, não é fácil adivinhar. Também, podem pertencer ao passado em vez de ao futuro, e ser de fato reflexos de cenas dos registros akáshicos - ainda que aqui também as razões e métodos de tais reflexões não sejam óbvios.

Existem inúmeras tribos de espíritos da natureza perfeitamente capazes, se por alguma razão eles o desejam fazer, de produzir tais aparições através de seu maravilhoso poder de ilusionismo (Vide Theosophical Manual - Manual Teosófico - n°V, pg. 86), e tais ações concordariam mutíssimo com seu deleite em mistificar e impressionar os seres humanos. Ou por vezes podem ser benevolamente planejadas por eles para seus amigos como avisos de eventos que eles sabem estar prestes a acontecer. Parece que alguma explicação ao longo destas linhas seria o método mais razoável de explicar a série de extraordinários fenômenos descritos pela Srtª. Martineau - isto é, se as histórias que lhe contaram podem ser dignas de crédito.

Uma outra possibilidade é a de que em alguns casos o que foi tomado por soldados foram simplesmente os próprios espíritos da natureza deslocando-se em evoluções ordenadas nas quais eles se comprazem tanto, ainda que deva ser admitido que raramente estas têm um caráter que possa ser confundido com manobras militares, exceto pela pessoa mais ignorante.

Os rebanhos de animais provavelmente são na maior parte dos casos meros registros, mas há casos onde eles, assim como os "caçadores selvagens" das histórias alemãs, pertencem a uma classe inteiramente distinta de fenômenos, que cai de todo fora de nosso assunto atual. Os estudantes do oculto estarão familiarizados com o fato de que circunstâncias rodeando qualquer cena de intenso terror ou paixão, como um assassinato excepcionalmente horrível, são capazes de se reproduzir ocasionalmente sob uma forma que requer só um levíssimo desenvolvimento psíquico para ser visível; e tem acontecido algumas vezes que vários animais estavam nas redondezas do evento, e conseqüentemente eles são reproduzidos periodicamente pela ação da consciência culpada do assassino (Vide Manual n° V, pg. 115).

Provavelmente qualquer que seja a raiz do fato por baixo das histórias de cavaleiros espectrais e tropas caçadoras, eles podem ser geralmente encaixados nesta categoria. Esta também é a explicação, evidentemente, de algumas visões de armadas-fantasma, tais como a notável reencenação da Batalha de Edgehill, que parece ter tido lugar a intervalos de alguns meses depois da data do combate real, como testemunhado por um juiz-de-paz, um clérigo, e outra testemunha ocular em um curioso panfleto moderno intitulado Prodigious Noises of War and Battle, at Edgehill, near Keinton, em Northamptonshire (Ruídos Prodigiosos de Guerra e Batalha, em Edgehill, próximo a Keinton, em Northamptonshire). De acordo com este panfleto este caso foi investigado na época por alguns oficiais daquela armada, que claramente reconheceram muitas das figuras fantasmagóricas que viram. Isto parece decididamente um exemplo do terrível poder das paixões humanas irrefreadas de se auto-reproduzirem, e de causar de certo modo estranho uma espécie de materialização de seu registro.

Em alguns casos é claro que os rebanhos de animais parecem ter sido simplesmente hordas de imundos elementais artificiais tomando aquela forma a fim de alimentarem-se das vis emanações de lugares particularmente horríveis, como os patíbulos. Um exemplo deste tipo é fornecido pelo celebrado "Gyb Ghosts", ou fantasmas do grandioso, descritos no More Glimpses of the World Unseem (Mais Vislumbres do Mundo Invisível), p, 109, como sendo vistos repetidamente sob forma de hordas de criaturas de aparência grotescamente suína, resfolegando, grunhindo e lutando noite após noite no lugar daquele torpe monumento do crime. Mas este pertence à classe das aparições antes que à da

clarividência.

CAPÍTULO 9 MÉTODOS DE DESENVOLVIMENTO

Quando alguém se convence da realidade do valioso poder da clarividência, sua primeira pergunta usualmente é: "Como posso desenvolver em mim esta faculdade que é dita estar latente em todos?"

O fato é que há muitos métodos pelos quais pode ser desenvolvida, mas somente um que pode ser recomendado com inteira segurança para uso geral - o que trataremos por último. Entre as nações menos avançadas do mundo o estado clarividente tem sido produzido de várias formas questionáveis; entre algumas das tribos não-arianas da Índia, pelo uso de drogas intoxicantes ou inalação de fumaças estupefacientes; entre os dervixes, por girar em uma dança enlouquecida de fervor religioso até que sobrevenham a vertigem e a insensibilidade; entre os seguidores da abominável prática do culto Vudu, por horríveis sacrifícios e repugnantes rituais de magia negra. Métodos como estes felizmente não estão em voga em nossa raça, ainda que mesmo entre nós um grande número de intrometidos nesta antiga arte adote alguma técnica de auto-hipnose, como olhar para um ponto brilhante ou a repetição de alguma fórmula até que um estado de semi-estupor seja produzido; enquanto que uma outra escola dentre estas tenta chegar a resultados similares por algum dos sistemas indianos de regulação da respiração.

Todos estes métodos são inequivocamente condenáveis como altamente perigosos para a prática pelo homem comum que não faz idéia do que está fazendo - que está simplesmente fazendo vagas experiências em um mundo que não conhece. Mesmo o método de obter a clarividência por permitir-se hipnotizar por outra pessoa é um do qual eu me absteria com a mais profunda aversão; e certamente ele jamais deveria ser tentado exceto sob condições de absoluta confiança e afeto entre o magnetizador e o magnetizado, e uma perfeita pureza de coração e alma, de mente e intenção, tais como raramente são vistas em qualquer um exceto nos maiores santos.

Experiências ligadas ao transe mesmérico são do mais profundo interesse, podendo, entre outras coisas, possibilitar uma prova da realidade da clarividência ao cético, mas se faltarem as condições que recém mencionei - condições, devo admitir, quase impossíveis de encontrar - eu jamais aconselharia qualquer pessoa a submeter-se a esta prática.

O mesmerismo curativo (no qual, sem colocar o paciente em transe, é feito um esforço para aliviar sua dor, remover a moléstia, ou derramar vitalidade através de passes magnéticos) pertence a uma classe inteiramente distinta;

e se o mesmerizador, mesmo que de todo destreinado, está ele mesmo em boa saúde e é animado de puras intenções, provavelmente nenhum mal acometerá o paciente. Em um caso tão extremo como uma operação cirúrgica, um homem poderia com bastante razão submeter-se mesmo a um transe mesmérico, mas certamente não é uma condição que se deva experimentar levianamente. De fato, eu devo advertir enfaticamente a todos que me derem a honra de pedir minha opinião neste assunto, a não tentar nenhum tipo de investigação experimental no que ainda são para eles forças anormais da Natureza, antes que tenham lido cuidadosamente tudo o que existe sobre o assunto, ou - o que é melhor de tudo - até que estejam sob a orientação de um instrutor qualificado.

Mas onde, diremos, será encontrado este instrutor qualificado? Não, é claro, entre qualquer um que se anuncie como instrutor, que ofereça revelar por alguns tostões o mistério sagrado das idades, ou mantenha "círculos de desenvolvimento" em que são admitidos curiosos ao preço de uns trocados por cabeça.

Já disse muito neste tratado sobre a necessidade de cuidadoso treinamento - sobre as imensas vantagens do clarividente treinado sobre o não treinado; mas voltamos à mesma questão - onde teremos este treinamento definido?

A resposta é que o treino pode ser obtido precisamente onde sempre tem sido encontrado desde que a história do mundo começou - nas mãos da Grande Fraternidade Branca de Adeptos, que permanece agora, como sempre esteve, nos bastidores da evolução humana, guiando e auxiliando-a sob a operação das Grandes Leis Cósmicas que representam a Vontade do Eterno.

Mas como, pode ser perguntado, se pode ganhar acesso a Eles? Como o aspirante sequioso por conhecimento pode transmitir-Lhes seu desejo de instrução?

Mais uma vez, somente pelo método honrado pelo tempo. Não há nenhuma maneira nova por onde uma pessoa possa qualificar-se se não for pelo trabalho de tornar-se um discípulo naquela Escola - não há nenhuma estrada privilegiada para o conhecimento que será obtido lá. No presente, assim como nas névoas da antigüidade, o homem que deseje atrair Sua atenção deve entrar na lenta e trabalhosa senda de auto-desenvolvimento - deve aprender primeiro de tudo a assumir sua vida e transformar-se no que deveria ser. Os degraus desta senda não são segredo; eu os apresentei em detalhe em Invisible Helpers (Auxiliares Invisíveis), de modo que não preciso repeti-los aqui. Mas não é uma estrada fácil de trilhar, embora cedo ou tarde todos deveremos fazê-lo, pois a Grande Lei da evolução leva a humanidade lenta mas irresistivelmente para sua meta.

Dentre os que estão andando nesta senda os grandes Mestres selecionam seus discípulos, e é somente qualificando-se para ser instruído que um homem pode posicionar-se de modo a obter esta instrução. Sem ingressar como membro qualificado em qualquer Loja ou Sociedade, seja secreta ou não, não avançará um milímetro em seu objetivo. É verdade, como bem se sabe, que foi pela inspiração de alguns destes Mestres que nossa Sociedade Teosófica foi fundada, e que de suas fileiras alguns foram escolhidos para entrar em relações mais estreitas com Eles. Mas esta escolha depende da dedicação do candidato, e não da mera filiação à Sociedade ou da associação ali com quem quer que seja.

Esta, então, é a única maneira absolutamente segura de desenvolver a clarividência - entrar com todo o ímpeto na senda do desenvolvimento moral e mental, onde em algum momento esta e outras faculdades superiores espontaneamente começarão a se manifestar. Porém existe uma outra prática que é recomendada por todas as religiões - que se adotada cuidadosa e reverentemente não pode fazer mal a nenhum ser humano, mas da qual algumas vezes têm derivado um tipo de clarividência muito puro - a prática da meditação.

Que um homem escolha certa hora todos os dias - uma hora onde ele pode confiar que estará tranqüilo e não será perturbado, preferivelmente de dia antes que de noite - e disponha-se a manter sua mente por alguns minutos inteiramente livre de todos os pensamentos mundanos de qualquer tipo, e quando isso for alcançado, dirija toda a sua força para o mais alto ideal espiritual que conhecer. Ele descobrirá que ganhar o controle perfeito do pensamento é enormemente mais difícil do que ele supunha, mas que quando o consegue, nada lhe pode ser mais benéfico de todos os modos, e à medida que se torna mais e mais capaz de elevar e concentrar seu pensamento, pode gradualmente descobrir que novos mundos estão se abrindo diante de sua vista.

Como treinamento preliminar para uma aquisição satisfatória desta meditação, ele achará desejável fazer uma prática de concentração nos afazeres da vida diária - mesmo no menor deles. Se escreve uma carta, que não pense em mais nada até que a carta esteja terminada; se ler um livro, que jamais permita seu pensamento se desviar do que diz o autor. Ele deve aprender a manter sua mente sob vigilância, e dominá-la, assim como deve dominar suas paixões inferiores; ele deve trabalhar pacientemente para adquirir controle absoluto de seus pensamentos, de modo a saber sempre exatamente o que está pensando, e por quê - de modo que possa usar sua mente, e dirigi-la ou aquietá-la, como um espadachim adestrado volteia sua arma como quer.

Enfim, se aqueles que ardentemente desejam a clarividência pudessem

possuí-la por um dia ou mesmo uma hora, é mais do que certo que escolheriam preservar este dom. Na verdade, ele abre diante deles novos mundos de estudo, novos poderes para ser útil, e por esta última razão a maioria de nós a considera preciosa; mas deve ser lembrado que para todos a quem os deveres ainda obrigam a viver no mundo, de modo algum ela é uma bênção pura. Em quem se abre esta visão, as misérias e as tristezas, o mal e a voracidade do mundo pressionam como um fardo sempre presente, até que em seus primeiros dias de seu conhecimento ele freqüentemente se sente inclinado a ecoar a apaixonada adjuração contida naquelas veementes linhas de Schiller - que poderiam ser talvez traduzidas assim: "Por que me arremessaste na cidade dos cegos, para proclamar com a visão aberta o teu oráculo? De que vale erguer o véu onde a escuridão mora tão perto? Somente a ignorância é vida; este conhecimento é a morte. Toma de volta esta triste visão cristalina; tira de meus olhos esta luz cruel! É horrível ser o canal humano para a tua verdade". E novamente ele chora: "Dá-me de volta minha cegueira, a feliz escuridão de meus sentidos; leva de volta teu dom terrível!"

Mas este é claro é um sentimento passageiro, pois a visão superior logo mostra ao discípulo algo além da tristeza - logo se instala em sua alma a irresistível certeza de que, quaisquer que sejam as aparências aqui embaixo, tudo trabalha sem sombra de dúvida para o bem final de todos. Ele reflete que o pecado e o sofrimento estão lá, seja ele capaz de vê-los ou não, e que quando pode vê-los, pode no fim das contas ser capaz de dar ajuda mais eficaz do que se trabalhasse na escuridão; e assim por etapas ele aprende a carregar sua porção do pesado karma do mundo.

Existem alguns mortais desorientados que, tendo a fortuna de possuir algum leve toque deste poder superior, são tão absolutamente destituídos de todo correto sentimento em relação a isto que o usam para os fins mais sórdidos - na verdade até proclamando-se "clarividentes para testes e negócios!". É inútil dizer que um tal uso desta faculdade é meramente uma prostituição e degradação, demonstrando que seu infeliz possuidor deve de certo modo restringi-la até que venha a desenvolver suficientemente o lado moral de sua natureza para poder suportar a tensão que ela impõe. A percepção da quantidade de mau karma que pode ser gerado por esta atitude em um curto período transforma o desprezo em piedade pelo infeliz perpetrador desta sacrílega estultice.

Algumas vezes se objeta que a posse da clarividência destrói toda a privacidade, e confere uma capacidade ilimitada de descobrir os segredos alheios. Sem dúvida ela confere realmente esta habilidade, mas não obstante é uma sugestão divertida para quem conhece a matéria na prática. Tal objeção pode possivelmente ser bem fundada a respeito dos poderes muito limitados do "clarividente de testes e negócios", mas o homem que possui a faculdade deste modo em oposição àqueles que a abriram por

virtude da instrução, e conseqüentemente a possuem plenamente, esquece três fatos fundamentais: primeiro, que é inconcebível que alguém, tendo diante de si os esplêndidos campos de investigação que a verdadeira clarividência desvenda, poderia ter o mais leve desejo de bisbilhotar nas bagatelas dos segredinhos de quaisquer pessoas; segundo, que mesmo que por algum acaso impossível nosso clarividente tivesse uma tal indecente curiosidade em matéria de fofocas mesquinhas, existe algo afinal chamado a honra de um cavalheiro, a qual, naquele plano como neste, obviamente o impedirá de acalentar por um só instante a idéia de gratificar essa curiosidade; e terceiro, mesmo no caso inédito de encontrarmos algum pitri [segundo o Dicionário Teosófico de H.P.Blavatsky, pitris são as mônadas humanas. No texto, o termo é usado praticamente para designar um indivíduo qualquer, neste caso bastante subdesenvolvido - NT] de classe inferior para quem as considerações acima não têm valor algum, a todos os discípulos são dadas plenas instruções, assim que apresentarem qualquer indício desta faculdade, sobre as limitações que são impostas ao seu uso.

Resumindo, as restrições são de que não deve haver nenhuma curiosidade indevida, nenhum uso egoísta do poder, e nenhuma demonstração de fenômenos. Isto é, que as mesmas considerações que deveriam governar as ações de um homem de bons sentimentos no plano físico são esperadas também em se tratando dos planos astral e mental; que o discípulo jamais sob nenhuma circunstância deve usar o poder que lhe traz o seu conhecimento superior a fim de promover-se mundanamente, ou obter vantagens de algum modo; e que ele jamais deve dar o que nas rodas espíritas é chamado de "prova" - isto é, fazer qualquer coisa que prove incontestavelmente aos cépticos do plano físico que ele possua o que parece ser um poder anormal.

Relativamente a este último requisito, ouvimos freqüentemente: "Mas por que não? Seria fácil refutar e convencer o céptico, e lhe faria um bem!" Estes críticos perdem de vista o fato de que, em primeiro lugar, nenhum dos que sabem alguma coisa querem refutar ou convencer os cépticos, ou afligir-se no mais leve grau com a atitude do céptico de uma forma ou outra; e em segundo, falham em entender que é muito melhor que este céptico progrida gradualmente numa apreciação intelectual dos fatos da Natureza, em vez de ser subitamente apresentado a eles por um nocaute, por assim dizer. Mas o assunto foi amplamente discutido há muitos anos em Occult World (O Mundo Oculto), do Sr. Sinnett, e não necessitamos repetir os argumentos apresentados lá.

É muito difícil para alguns de nossos amigos perceberem que a fofoca boba e a vã curiosidade que preenche tão completamente as vidas da maioria decerebrada da Terra não têm lugar na vida mais real do discípulo; e assim eles algumas vezes perguntam se, mesmo sem um desejo especial de ver,

um clarividente não poderia casualmente observar algum segredo que alguma pessoa estivesse tentando ocultar, do mesmo modo que algumas vezes podemos lançar um olhar fortuito sobre uma frase de uma carta de outrem que estivesse aberta sobre a mesa. É claro que poderia, mas então o que ele faria? O homem honrado imediatamente desviaria seus olhos, em qualquer dos casos, e seria como se não tivesse visto nada. Se os perguntadores pudessem captar a idéia de que nenhum discípulo se interessa pelos negócios das outras pessoas, exceto quando sucede tentar ajudá-las, e que ele tem sempre um mundo de trabalho para dar conta, eles não estariam tão desesperadamente longe de entender os fatos da vida mais ampla do clarividente treinado.

Mesmo com o pouco que eu disse a respeito das restrições impostas ao discípulo, fica óbvio que em muitos casos ele saberá muito mais do que admitirá publicamente. De fato isso é verdade, no mais amplo sentido, sobre os próprios grandes Mestres da Sabedoria, e é o porquê daqueles que têm o grande privilégio de ocasionalmente ficar na Sua presença darem a maior atenção à menor de Suas palavras nos assuntos que estão fora do ensino direto. Pois a opinião de um Mestre, ou mesmo de um de Seus discípulos mais adiantados, sobre qualquer assunto, é a de um homem cuja capacidade de julgar acuradamente é infinitamente maior que a nossa.

Sua posição e Suas faculdades expandidas são na realidade a herança de toda a humanidade, e por mais longe que possamos estar daqueles grandiosos poderes, não obstante eles serão certamente nossos um dia. E quão diferente lugar será este velho mundo quando todos possuírem a clarividência superior! Imagine a diferença que será para a história quando todos puderem ler os registros; para a ciência, quando todos os processos sobre os quais os homens teorizam puderem ser plenamente observados atuando; para a medicina, quando o médico e o paciente puderem ver clara e exatamente tudo o que estiver sendo feito; para a filosofia, quando já não houver nenhuma possibilidade de disputa sobre seus fundamentos, porque todos igualmente poderão ver um aspecto mais vasto da verdade; para o trabalho, quando todo ele for jubiloso, porque cada homem se aplicará exclusivamente ao que pode fazer melhor; para a educação, quando as mentes e corações das crianças estiverem abertos ao professor que está tentando formar seus caracteres; para a religião, quando já não restar nenhuma possibilidade de controvérsia sobre os dogmas principais, uma vez que a verdade dos estados post mortem, e a Grande Lei que governa o mundo, serão patentes a todos os olhos.

Acima de tudo, quão mais fácil será então para os homens evoluídos ajudarem-se mutuamente sob estas condições muito mais livres. As possibilidades que se abrem diante da mente são como gloriosos panoramas se estendendo em todas as direções, de modo que nossa Sétima Ronda deverá ser verdadeiramente uma Idade Dourada. É bom para

nós que estas magníficas faculdades não sejam possuídas por todos até que a humanidade tenha evoluído a um grau muito superior na moralidade e na sabedoria, senão repetiríamos - em condições muitíssimo pioradas - a terrível derrocada da civilização Atlante, cujos membros falharam em perceber que um poder maior significa maior responsabilidade. E muitos de nós estávamos entre aqueles mesmos atlantes; esperemos que tenhamos aprendido a sabedoria através daquele fracasso, e que quando as possibilidades da vida mais ampla se abrirem para nós mais uma vez, possamos então enfrentar o desafio de um modo melhor.